

**Organizadores**

Elcio Loureiro Cornelsen

Marcel Vejmelka

**As Copas do Mundo de Futebol na  
literatura, na música e no cinema**



Fale/UFMG

Belo Horizonte

2024

**Diretora da Faculdade de Letras**

Sueli Coelho

**Vice-Diretor**

Georg Otte

**Coordenação editorial e administrativa**

Emilia Mendes

**Comissão editorial**

Carolina Fenati

Elisa Amorim Vieira

Emilia Mendes

Fábio Bonfim Duarte

Luis Alberto Brandão

Maria Cândida Seabra

Sônia Queiroz

**Capa e projeto gráfico**

Glória Campos

(Mangá Ilustração e Design Gráfico)

**Preparação de originais**

Beatriz Cristeli

**Revisão**

Ana Rafaela de Sena

Fellipe Carneiro

**Diagramação**

Ana Rafaela de Sena

**Revisão de provas**

Alex Mendes

**ISBN**

978-65-87237-89-3 (digital)

978-65-87237-88-6 (impresso)

**Endereço para correspondência**

Labed – Laboratório de Edição

Fale/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627

sala 4083

31270-901

Belo Horizonte/MG

*e-mail*: [originais.labed@gmail.com](mailto:originais.labed@gmail.com)

*site*: <https://labed-letras-ufmg.com.br/>

Instagram: @labed\_ufmg

*No jogo com os pés, existem muitas probabilidades e incertezas. Todos sabem que não se pode ser campeão para sempre. Mas o que dá gosto de ver é uma potência mundial perder para um país pequeno ou flagelado pelo narcisismo às avessas, como o Brasil. Aí é que descobrimos por que amamos tanto esse jogo que nivela todas as diferenças e, especialmente, pretensas superioridades.*

Roberto DaMatta

# Sumário

- 7 As Copas do Mundo de Futebol como tema da literatura, da música e do cinema: perspectivas de uma relação**

Elcio Loureiro Cornelsen  
Marcel Vejmelka

## **Categorias de base**

- 37 MC Rick, *funk* e futebol: metáforas e metonímias na construção do *ethos* da música "Seleção do Tite"**

Felipe Emanuel da Silva Costa

- 43 Várzea-exportação**

Késsia Luzía dos Santos Silva

- 49 A importância sociocultural e econômica do futebol e a produção de identidade em tempos de Copa do Mundo**

Lyara Rhayane Carneiro Teodoro

- 53 O uso politizado da camisa da Seleção Brasileira na música "Seleção do Tite – Mega da Copa", de MC Rick**

Rebeca Pereira Cardoso

Mateus Filipe Guimarães Santos

## **Juniores em ascensão**

- 61 Pelé, epifania dos deuses**

## **Em plena carreira**

- 77 A Copa do Mundo de 1986 e as músicas que (não) saíram da cabeça dos brasileiros**

André Alexandre Guimarães Couto

- 93 Copa do Mundo, Pelé e cinema – Notas sobre construção fílmica em *O Rei Pelé* (1963) e *Pelé* (2021)**

Luiz Carlos Ribeiro de Sant'Ana

- 105 Em busca do “mito socrático” no Brasil: A viagem de Daniel Cohn-Bendit durante a Copa do Mundo de 2014**

Marcel Vejmelka

## **Categoria Master**

- 121 As Copas do Mundo de Futebol e a Seleção Brasileira na literatura de cordel**

Elcio Loureiro Cornelsen

- 137 Sobre os autores**



## As Copas do Mundo de Futebol como tema da Literatura, da Música e do Cinema – perspectivas de uma relação

Desde a sua primeira edição, disputada no Uruguai em 1930, a Copa do Mundo de Futebol organizada pela FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*) despertou o interesse de escritores e artistas mundo afora, e em especial no Brasil, onde o futebol se encontrava em franca popularização. Quando nos referimos àquela década, aliás, sempre vem à mente um nome: Mário Filho, um dos grandes pioneiros no tratamento jornalístico dado ao esporte. Em estudo acerca do trabalho de Mário Filho nos jornais *A manhã* e *Crítica*, Leda Costa tece a seguinte conjectura que dimensiona bem essa relação híbrida entre literatura e jornalismo presente em crônicas, algo detectado também em relação à cobertura jornalística da participação brasileira na Copa de 1930:

É deliciosa a cobertura que *Crítica* faz da Copa de 1930. Cobertura humorada, excessiva e que tentava conferir a Copa e a Seleção uma dimensão especial não muito comum na época. *A viagem de navio feita pela seleção rumo ao Uruguai foi narrada quase como um romance folhetim, cheia de personagens pitorescos* como, por exemplo, “o homem que aboliu o hábito de sentar para não machucar o terno” (*Crítica*, 06/07/1930). Esse homem era o jogador Fernando do Fluminense que se recusava a sentar porque, segundo o repórter, temia amassar um terno cintilante e recém-comprado<sup>1</sup>.

Se a crônica de futebol, que pelo menos desde a década de 1910 foi a “chave de entrada” do nobre esporte bretão nos salões literários

<sup>1</sup> COSTA. *Arquibancada* (grifos nossos).

da então capital federal, com nomes como João do Rio, Lima Barreto e, sobretudo, Coelho Netto, este também foi motivo de inspiração para poemas e episódios romanescos. Quando pensamos em Copa do Mundo, a edição de 1938 foi prodigiosa nesse sentido. Bem no espírito da época, se falava muito de um “projeto de nação”, que superasse as diferenças e rusgas regionais, mesmo que com a imposição de um novo governo com a chamada “Revolução de 30” e, posteriormente, com a instituição ditatorial do Estado Novo em 1937. Nesse contexto, o futebol e a Seleção Brasileira começaram a acenar como potenciais elementos que tinham o poder de despertar paixões e de promover a construção da identidade nacional. Sem dúvida, isso só foi possível porque um meio de comunicação de massa havia se expandido consideravelmente na década de 1930, representando um fator de unificação do território nacional: o rádio. Pois foi nas ondas do rádio que o futebol irradiado da capital federal alcançou os recantos mais distantes do país. Um poema daquela época, intitulado “Aos heróis do futebol brasileiro” e de autoria de Gilka Machado, um dos grandes nomes da segunda geração do Modernismo, escrito no calor do Mundial de 1938, revela com propriedade esse espírito de representatividade e de identidade que a Seleção Brasileira assumiu ao conquistar um honroso terceiro lugar no torneio. Vejamos os seguintes versos em tom laudatório e, ao mesmo tempo, ufanista:

As almas dos brasileiros  
distantes  
vencem os espaços,  
misturam-se com as vossas,  
caminham nos vossos passos  
para o arremesso da pelota  
para o chute decisivo  
da glória da Pátria<sup>2</sup>.

Outro marco gerado no contexto do Mundial de 1938 foi a publicação de uma espécie de “certidão de nascimento” do mito do “futebol-arte”: a crônica “*Foot-ball mulato*”, de Gilberto Freyre, publicado no *Diário de*

<sup>2</sup> MACHADO. *Aos heróis do futebol brasileiro*, p. 117.

*Pernambuco*, em 17 de junho de 1938. Nela, o famoso autor de obras como *Casa-grande e senzala* (1933) e *Sobrados e mucambos* (1936) destaca a presença de negros e mulatos na Seleção Brasileira naquele Mundial. Além de evidenciar indícios de racismo no Brasil e apontar para a teoria do “branqueamento” defendida por políticos, Gilberto Freyre define o “mulatismo” como o “nosso estilo de jogar *foot-ball*”. Para isso, o autor lança mão de duas categorias, que haviam sido elaboradas e desenvolvidas em obras como *A origem da tragédia* (1872), do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, e *A decadência do Ocidente* (1922), do historiador e filósofo alemão Oswald Spengler: o “apolíneo” e o “dionisíaco”. Segundo Gilberto Freyre, o “mulatismo brasileiro” seria o representante do “dionisíaco”, enquanto o “arianismo europeu” estaria associado ao “apolíneo”:

No *foot-ball*, como na política, o mulatismo brasileiro se faz marcar por um gosto de flexão, de surpresa, de floreio que lembra passos de dança e de capoeiragem. Mas sobretudo de dança. Dança dionisíaca. Dança que permita o improviso, a diversidade, a espontaneidade individual. Dança lírica<sup>3</sup>.

Desse modo, o “*Foot-ball* mulato” figuraria como “forma de dança dionisíaca”<sup>4</sup>, uma vez que o estilo do futebol brasileiro se associaria à dança e à capoeira. Sem dúvida, para além da questão do estilo de jogo, Freyre discute também questões de ordem política, pois o futebol era pensado na Era Vargas como um dos vetores do processo de construção da identidade nacional. Cerca de cinco décadas mais tarde, Roberto DaMatta elegeria o futebol como uma das principais chaves de leitura da sociedade brasileira, dando devido destaque também à participação da Seleção Brasileira em Copas do Mundo como elemento promotor da identidade nacional. Na crônica intitulada “A ordem mundial da Copa”, publicada em 22 de junho de 2002 no jornal *O Estado de São Paulo*, o sociólogo, autor de obras célebres como *Universo do Futebol* (1982; organizador), *Carnavais, malandros e heróis* (1990), *O que faz o Brasil, Brasil?* (2001), e *A bola corre mais que os homens* (2006), afirma que esse torneio em âmbito mundial organizado pela FIFA teria a capacidade

<sup>3</sup> FREYRE. *Diário de Pernambuco*.

<sup>4</sup> FREYRE. *Diário de Pernambuco*.

de provocar o “insolente reordenamento simbólico de nações e sociedades” em “uma guerra mundial” simulada, em que, no caso brasileiro, apresentaria algumas especificidades:

Para nós, brasileiros, cuja auto-representação sempre foi marcada por uma brutal ausência de auto-estima e por um autojulgamento não só crítico, mas, sobretudo, flagelador e até mesmo amargamente fundado na auto-rejeição, a Copa é um momento de teste. Uma ocasião na qual vamos mais uma vez verificar o rendimento de nossas virtudes e defeitos. Essas qualidades e deficiências que, pelo menos no campo do futebol, nos levaram a uma iniludível, indiscutível e invejável excelência mundial<sup>5</sup>.

Desse modo, de acordo com DaMatta, a partir de 1950, o futebol brasileiro passaria a figurar como promotor do “mais puro e legítimo sentimento de patriotismo”, condição *sine qua non* para o nacionalismo.

Por sua vez, a derrota da Seleção Brasileira na Copa de 1950 também foi motivo para uma ampla produção de crônicas, relatos memorialísticos e ficcionais que, ao longo de décadas, alimentaram o mito do “Maracanazo”, o qual se cristalizou a partir de narrativas que o reafirmavam como “momento traumático para o esporte brasileiro”. Sem dúvida, o relato memorialístico é o principal gênero textual que alimentou tal mito, seja aqueles produzidos pelos protagonistas, ou seja, os jogadores da Seleção Brasileira, seja por aqueles que estavam fora das quatro linhas, na cobertura de imprensa ou mesmo nas arquibancadas do Estádio Municipal. No relato do goleiro Moacyr Barbosa, por exemplo, publicado na obra *Dossiê 50*, de Geneton Moraes Neto<sup>6</sup>, a derrota ganha traços de “um fato traumático coletivo”. Todavia, Flávio Costa, então técnico da Seleção Brasileira, refuta o mito da derrota como “tragédia” ao afirmar que a excelência do futebol brasileiro teria se pré-figurado na Seleção formada por seus comandados<sup>7</sup>. Entretanto, a metáfora da “morte” e do “velório” surgem nos relatos de Armando Nogueira e de Jô Soares publicados na obra *A Copa que ninguém viu e a que queremos esquecer* (1994), e é inegável que havia “pressupostos eufóricos” para o sentido “trágico” da derrota. Todavia, em 2014, ocorreria a “redenção”

<sup>5</sup> DAMATTA. *O Estado de São Paulo*, p. 116.

<sup>6</sup> MORAES NETO. *Dossiê 50*, p. 44-53.

<sup>7</sup> MORAES NETO. *Dossiê 50*, p. 148-155.

discursiva e simbólica do “Maracanazo” no contexto do “Mineiraten”. Após a derrota da Seleção em 1950, havia um caminho a percorrer para se alcançar os triunfos e a afirmação do “futebol-arte”.

Sem dúvida, o ápice de tal afirmação foi a conquista do tricampeonato mundial pela Seleção Brasileira na Copa de 1970, disputada no México, pavimentada pelos triunfos na Copa de 1958, na Suécia, e na Copa de 1962, no Chile. Estudos recentes demonstram que as conquistas da Seleção Brasileira fizeram que poetas populares encontrassem nelas inspiração para compor seus folhetos vendidos em feira, nos mais diversos recantos do Nordeste e, posteriormente, também de outras regiões do país. Alguns títulos que demonstram a presença das Copas do Mundo e da Seleção Brasileira na Literatura de Cordel são, entre outros: *A vitória do Brasil* (1958), de João Severo de Lima, *Copa do Mundo: 1962* (1962), de Raul de Carvalho, e *O Brasil na Copa do Mundo* (1962), de Cuíca de Santo Amaro.

Entretanto, a Copa de 1970 foi aquela que consolidou, definitivamente, o tema do futebol no âmbito da Literatura de Cordel. Ao todo, foram identificados por Elcio Loureiro Cornelsen, em inventário recente, catorze folhetos: *Brasil tricampeão de futebol: história em versos dos três campeonatos* (1970) e *Brasil tricampeão do mundo* (1970), ambos de Manoel d’Almeida Filho; *O Brasil tricampeão* (1970), do “Mestre Azulão” (nome artístico de José João dos Santos); *Brasil 4X1 tricampeão mundial* (1970), de José Francisco Borges, *Versos sobre as vitórias da Seleção Brasileira e a cheia de 70* (1970), de Manoel Florentino Duarte; *Romance da Copa de 70* (1970), de Napoleão Gomes Ferreira; *A nossa Copa do Mundo 70* (1975), de Carolino Leóbas; *Brasil 1958-1962-1970: tricampeão do mundo 4X1: campeão dos campeões* (1970), de Palito; *A vitória do Brasil: a Seleção Brasileira: o Brasil é Tricampeão* (1970), de Antonio Patrício; *Brasil tricampeão* (1970), de Geraldo Amâncio Pereira; *Brasil tricampeão: toda história da taça que é nossa pra sempre* (1970), de W. Pinheiro; *A vitória do Brasil na IX Copa do Mundo* (1970), de João Severo da Silva; *A Seleção Brasileira ganhou mais um canecão (4X1)* (1976) e *Brasil campeão do mundo 1970: agora a taça é nossa* (1970), ambos de José Soares. A título de exemplo, leiamos a seguinte estrofe do folheto *O Brasil tricampeão* (1970), do “Mestre Azulão”:

Salve o Brasil verde-louro,  
Salve a nossa seleção,  
Pelé, Jair, Rivelino,  
Gérson, Clodô e Tostão,  
Que mostraram a nossa raça  
Trazendo a glória e a Taça  
Ao Brasil tri campeão<sup>8</sup>.

A referida estrofe desse folheto de cordel parece reverberar um dos versos do *jingle* daquela Copa, "Pra frente, Brasil!", de autoria de Miguel Gustavo, marcada pelo tom ufanista, bem ao gosto dos detentores do poder à época, que colaram sua imagem à do triunfo da Seleção comandada por Zagallo, fazendo uso propagandístico daquela conquista<sup>9</sup>. Mas não foram só as conquistas que, desde então, despertaram o interesse de cordelistas. Todo ano de Copa do Mundo, as esperanças de um novo triunfo são renovadas, como atestam, entre outros, os folhetos *Manual da Copa 2006* (2006), de J. Victor, e *Brasil rumo ao Hexa – África do Sul 2010* (2010), de José Berto da Silva.

Ainda no contexto da Copa de 1970, não podemos deixar de mencionar também um poema do célebre poeta de Itabira, Carlos Drummond de Andrade, intitulado "Meu coração no México" (1970), em que o caráter passionai do futebol em tempos da Copa do Mundo é decantado em versos:

Meu coração não joga nem conhece  
as artes de jogar. Bate distante  
da bola nos estádios, que alucina  
o torcedor, escravo de seu clube.  
Vive comigo, e em mim, os meus cuidados.  
Hoje, porém, acordo, e eis que me estranho:  
Que é de meu coração? Está no México,  
voou certo, sem me consultar,  
instalou-se, discreto, num cantinho  
qualquer, entre bandeiras tremulantes,  
microfones, charangas, ovações,  
e de repente, sem que eu mesmo saiba

<sup>8</sup> SANTOS. *O Brasil tricampeão*, p. 1.

<sup>9</sup> MARINHO; CORNELSEN. *Arquibancada*.

como ficou assim, ele se exalta  
e vira coração de torcedor,  
torce, retorce e se distorce todo,  
grita: Brasil! com fúria e com amor<sup>10</sup>.

Entretanto, não foi só em poemas, crônicas e relatos memorialísticos que as Copas do Mundo e o desempenho da Seleção Brasileira tornaram-se temas. A prosa também reservou espaço a eles. Uma das mais célebres narrativas ficcionais sobre Copa do Mundo é “O dia em que o Brasil perdeu a Copa” (1975), conto de Paulo Perdigão, publicado na obra *Anatomia de uma derrota* (1986), que dissecou a partida disputada entre as Seleções do Brasil e do Uruguai no dia 16 de julho de 1950. Trata-se de mais um texto que colaborou para a cristalização do mito da “derrota” na Copa de 1950. Em certa medida, o escritor foi movido pela memória traumática de ter vivenciado, ainda criança, aquela fatídica tarde, em que a Celeste Olímpica deu ensejo a um “velório” coletivo naquele que se tornaria o maior estádio do Mundo – o Maracanã – inaugurado especialmente para a Copa de 1950. Juntamente com seu pai, aos doze anos de idade, Paulo Perdigão testemunhou a derrota, momento em que, para ele, a infância teria chegado ao fim. No conto, o narrador, adulto, rememora o “Maracanazo” e, como em uma *science fiction*, se vale de uma máquina do tempo para voltar àquela fatídica tarde, para tentar mudar o rumo do jogo e evitar a derrota da Seleção: “Mas já era o bastante para que eu me sentisse um pouco como Deus, a modificar o mundo com meus cordéis invisíveis”<sup>11</sup>. Todavia, ao final do conto, o narrador-protagonista fracassa em seu intento de mudar a história do “Maracanazo” e se descobre culpado pela derrota e por sua irremediável imutabilidade.

Ainda no gênero prosa, a título de exemplo da presença do tema da Copa do Mundo na Literatura, podemos mencionar o romance *O Drible* (2013), de Sérgio Rodrigues. Nesse que é um dos principais romances de futebol da Literatura Brasileira, a relação entre história e ficção se estabelece a partir de um lance da Copa de 1970, especificamente o “quase-gol” de Pelé contra a Seleção Uruguaia. Há toda uma digressão sobre o tempo

<sup>10</sup> ANDRADE. *Meu coração no México*, p. 109.

<sup>11</sup> PERDIGÃO. *O dia em que o Brasil perdeu a Copa*, p. 257.

e uma tentativa de se apreender visualmente o lance como momento sublime que culmina com uma frustração pelo gol perdido. Em uma estratégia ficcional que problematiza a questão do tempo, a relação entre pai e filho se estabelece de modo problemático: após 26 anos sem se ver, Murilo Neto faz uma visita ao pai, Murilo Filho, que está doente. E é justamente nessa relação com o lance inusitado da Copa de 1970 que a história dos dois é entretecida, com descrições do “quase-gol” de Pelé gravado em videoteipe e revisto exaustivamente pela personagem. Há, pois, em *O dribble* toda uma reflexão sobre a distensão do tempo, a memória e o esquecimento, em que Murilo Filho e Murilo Neto não se conciliam, pois o pai é movido por um sentimento de vingança, e o filho é dominado por pensamentos assassinos e também suicidas.

O âmbito da Música no Brasil também não ficou alheio às Copas do Mundo de futebol. O exemplo patente dessa relação se estabelece com as músicas tema da Seleção Brasileira em edições do torneio mundial. Inicialmente, podemos selecionar três títulos. O primeiro deles é praticamente desconhecido da maioria dos brasileiros, pois é revestido de um caráter disfórico, provocado pelo “Maracanazo”: a “Marcha do *Scratch* Brasileiro” (1950), de autoria de Lamartine Babo, um mestre na criação de hinos populares de clubes de futebol do Rio de Janeiro. Essa canção em ritmo de marcha rancho foi composta especialmente para o Mundial de 1950 como *jingle* oficial, na voz de Jorge Goulart:

Salve! Salve!  
O nosso Estádio Municipal  
No campeonato mundial  
Salve a nossa bandeira  
Verde...ouro e anil  
Brasil! Brasil! Brasil! (refrão)

Eu sou brasileiro!  
Tú és brasileiro!  
Muita gente boa brasileira é!  
Vamos torcer com fé  
No nosso coração  
Vamos torcer para o Brasil ser campeão!

Um...dois...três  
quatro...cinco...seis  
sete...oito...nove...  
Para doze faltam três  
Brasil!<sup>12</sup>

Esta canção, por assim dizer, desapareceu, banida do cancionário do futebol brasileiro por conta do “Maracanazo”, e é parte, hoje, de uma espécie de “arquivo morto”, em que se quer esquecer daquela fatídica derrota. Entretanto, outra canção se popularizou no final dos anos 1950, especificamente no contexto das comemorações após a conquista do primeiro Mundial pela Seleção Brasileira na Suécia, em 1958: “A taça do mundo é nossa”, de José Maugeri Neto, locutor e celebrado compositor de *jingles*, na interpretação do grupo Titulares do Ritmo:

A taça do mundo é nossa,  
com brasileiro não há quem possa!  
Eta esquadra de ouro!  
É bom no samba, é bom no couro!

O brasileiro lá no estrangeiro  
mostrou o futebol como é que é:  
ganhou a taça do mundo  
sambando com a bola no pé!<sup>13</sup>

Como podemos constatar, a própria letra estabelece uma relação entre futebol e música nos versos “É bom de samba, é bom no couro” e “Sambando com a bola no pé”<sup>14</sup>, algo que já era recorrente no mito do “futebol-arte”, por exemplo, com Gilberto Freyre e o “*foot-ball mulato*” enquanto “dança dionisíaca”<sup>15</sup>.

O terceiro exemplo dessa relação da música com as Copas do Mundo, sem dúvida, é aquele mais famoso, que reverbera ainda nos dias de hoje:

<sup>12</sup> BABO. *Marcha do scratch brasileiro*.

<sup>13</sup> MAUGERI NETO. *A taça do mundo é nossa*.

<sup>14</sup> MAUGERI NETO. *A taça do mundo é nossa*.

<sup>15</sup> FREYRE. *Diário de Pernambuco*.

o *jingle* da Seleção Brasileira para a Copa do Mundo de 1970, disputada no México. Trata-se de “Pra frente, Brasil” (1970), de Miguel Gustavo, compositor, jornalista, poeta e radialista que fez sucesso com vários *jingles* de grande repercussão nos anos 1960 e 1970. O sucesso dessa canção foi tão grande que, no Carnaval de 1971, ela figurou entre as mais cantadas:

Noventa milhões em ação  
Pra frente Brasil  
Do meu coração

Todos juntos vamos  
Pra frente Brasil  
Salve a Seleção

De repente é aquela corrente pra frente  
Parece que todo o Brasil deu a mão  
Todos ligados na mesma emoção  
Tudo é um só coração!

Todos juntos vamos  
Pra frente Brasil, Brasil  
Salve a Seleção<sup>16</sup>

Até os dias de hoje, é a canção mais executada em tempos de Copa do Mundo, sofrendo algumas atualizações em sua letra, a começar pelo verso inicial “Noventa milhões em ação”, número correspondente à população brasileira da época. A letra reproduz o tom ufanista e de união, veiculado em propagandas oficiais do Estado ditatorial, em um período de intensa censura e repressão.

Entretanto, não só de *jingles* viveu essa relação entre Copas do Mundo e Música no Brasil. Ainda em relação ao Mundial de 1970, uma canção de autoria de Milton Nascimento e Fernando Brant, e interpretada na voz de Wilson Simonal, cantor muito popular à época, dominou as rádios: “Aqui é o país do futebol”, canção lançada no álbum *México 70*.

<sup>16</sup> GUSTAVO. *Pra frente Brasil*.

Brasil está vazio na tarde de domingo, né?  
Olha o sambão, aqui é o país do futebol  
Brasil está vazio na tarde de domingo, né?  
Olha o sambão, aqui é o país do futebol

No fundo deste país  
Ao longo das avenidas  
Nos campos de terra e grama  
Brasil só é futebol  
Nestes noventa minutos  
De emoção e alegria  
Esqueço a casa e o trabalho  
A vida fica lá fora  
Dinheiro fica lá fora  
A cama fica lá fora  
Família fica lá fora  
A vida fica lá fora  
E tudo fica lá fora<sup>17</sup>

Conforme podemos constatar na letra, o eu-lírico se apresenta como um torcedor que se esquece de tudo enquanto acompanha a partida de futebol. Composta em plena ditadura civil-militar, quando o Brasil atingiria seu ápice ao conquistar o terceiro campeonato mundial no México em 1970, a canção estabelece uma associação entre Futebol, Samba e Identidade. Além disso, versos como “Esqueço a casa e o trabalho/ a vida fica lá fora” aludem também a certa postura alienada do “eu-lírico” torcedor, que se esquece de tudo durante os 90 minutos da partida.

Mas o sucesso daquela Seleção de 70 foi tanta que alimentaria o cancionário do futebol com outra canção laudatória: “Sou tricampeão” (1970), do grupo *Os Golden Boys*, um dos grandes ícones da Jovem Guarda e quarteto vocal formado em 1958 pelos irmãos Roberto, Ronaldo e Renato Corrêa, acompanhados pelo primo Valdir Anunciação. A música “Sou tricampeão” possui um ritmo inicial de cadência marcial, com caixas e repiques. O “eu-lírico”, como torcedor, quer comemorar “hoje” a conquista

<sup>17</sup> NASCIMENTO; BRANT. *Aqui é o país do futebol*.

do Tricampeonato Mundial da Seleção Brasileira na Copa de 1970, no México. Há uma passagem do “eu” para o “nós” coletivo na terceira e na quarta estrofes, em que o futebol surge como elemento de união e de identidade:

Eu hoje, igual a todo brasileiro  
Vou passar o dia inteiro  
Entre faixas e bandeiras coloridas

Parece, até que eu estava em campo  
Buscando a paz nos quatro cantos  
Aquele gesto de erguer a taça ao povo

Companheiros  
Vamos todos cantar a vitória  
Pela raça ficamos com a taça  
De melhor, entre os mais

Minha gente  
A distância não tem mais sentido  
Nosso grito de gol é ouvido  
Pelo chão, pelo ar<sup>18</sup>

Por sua vez, a quinta estrofe parece conter também um sentido de alienação provocada pela paixão ao torcer e comemorar um título conquistado pela Seleção Brasileira: “Agora, só tenho a Copa em minha mente,/ Só vejo escrete em minha frente/ Torci, sofri, mas afinal ganhei do mundo”<sup>19</sup>.

Todavia, como não podia deixar de ser, o samba também se fez presente ao decantar a Seleção Brasileira em Copas do Mundo. Um exemplo marcante disso é a canção “Povo Feliz” (1982), dos compositores Memeco e Nonô do Jacarezinho. Se perguntarem a qualquer brasileiro se conhece essa canção com esse título, é provável que a resposta seja “não”, mas se mencionar seu título popular, “Voa canarinho, voa”, seu primeiro verso, todos se lembrarão dela, na interpretação de Leovegildo Lins

<sup>18</sup> GOLDEN BOYS. *Sou tricampeão*.

<sup>19</sup> GOLDEN BOYS. *Sou tricampeão*.

Gama Júnior, o lateral esquerdo “Júnior”, famoso jogador do Flamengo e da Seleção Brasileira, que disputou a Copa de 1982:

Voa, canarinho, voa  
Mostra pra esse povo que és um rei  
Voa, canarinho, voa  
Mostra na Espanha o que eu já sei

Verde, amarelo, azul e branco  
Forma o pavilhão do meu país  
O verde toma conta do meu canto  
O amarelo, azul e branco  
Fazem o meu povo feliz  
E o meu povo toma conta do cenário  
Faz vibrar o meu canário  
Enaltece o que ele faz

Bola rolando e o mundo se encantando  
Com a galera delirando  
Tô aí e quero mais<sup>20</sup>.

Um dos símbolos que identificam a Seleção Brasileira é tema da canção: o canarinho, que substituiu o Zé Carioca nessa representação. Assim, por décadas, cristalizaram-se expressões como “seleção canarinho” e “camisa canarinho”. Não é por acaso que as cores representativas do Brasil são exploradas em versos da letra. Mais uma vez, o futebol figura como elemento de união e de identidade do “povo”.

Todavia, a “Tragédia do Sarriá”, como ficaria conhecida a derrota da Seleção Brasileira para a Squadra Azzurra na Copa de 1982 fez com que a ansiedade por nova conquista, ausente desde 1970, crescesse ainda mais. Em 1982, mais uma canção tema surgiu, que reflete bem aquela atmosfera da época: “70 Neles”, composta e interpretada por Gal Costa, um dos ícones da Tropicália, ao lado de Maria Betânia, Gilberto Gil e Caetano Veloso, com os quais formou o quarteto Doces Bárbaros. Em ritmo que lembra o frevo, a música “70 Neles” estabelece uma relação

<sup>20</sup> MEMECO; NONÔ DO JACAREZINHO. *Povo feliz*.

entre a Seleção Brasileira Tricampeã em 1970 e a Seleção que tentaria o Tetracampeonato em gramados mexicanos:

Vai começar de novo  
É novamente tempo de paixão  
Prepare o coração  
Bate pé  
É Brasil outra vez  
Com a bola no pé  
Com uma coragem nova  
Se a vida é uma prova  
Estamos aí pra vencer  
O mundo inteiro vai ver como é  
Brasil outra vez em pé

Ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô  
Um grito novo a torcida uniu  
70 neles outra vez Brasil  
Ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô  
Um grito novo a torcida uniu  
70 neles, 70 neles  
70 neles outra vez Brasil<sup>21</sup>

“70 Neles” soa como “você tenta neles”, em uma tentativa de repetir o êxito do passado. Não deixa de haver também uma distinção entre “eles” e “nós” na produção de identidade. Outro aspecto que ganha destaque nessa canção é a emoção de torcer, vibrar e comemorar unida um gol, e a vitória da Seleção Brasileira, que figura como metonímia do Brasil e de sua “gente”, o “povo”, evidenciado nos seguintes versos da terceira estrofe: “Que chuta, que marca o gol/ Gritar um grito novo/ O grito do povo/ Coro que traz a emoção/ Mostra que a força do povo é que é/ Brasil outra vez em pé”<sup>22</sup>.

Por sua vez, mais recentemente, no contexto da segunda Copa do Mundo organizada e realizada no país, foi lançada uma canção tema, um

<sup>21</sup> COSTA. *70 neles*.

<sup>22</sup> COSTA. *70 neles*.

samba, "Tatu Bom de Bola" (2014), composta e interpretada por Arlindo Cruz, famoso compositor e cantor de samba e pagode. A música foi composta especialmente para a mascote oficial daquela Copa: o tatu bola, um animal genuinamente brasileiro, que integra a lista de espécies da fauna ameaçadas de extinção. Sem dúvida, há uma associação entre ecologia e futebol na referida proposta da FIFA. A segunda estrofe da canção evidencia o modo como o futebol se associa à ludicidade no contexto brasileiro: "Um moleque tão ligeiro,/ Tão difícil de marcar,/ Ele brinca na pelada, no bobinho/ Show de bola lá no baba/ Arrebenta no rachão". Trata-se de um corpo que ginga: "Balança pra lá, balança pra cá"<sup>23</sup>, em um ritmo de samba.

Entretanto, nem todas as canções evocam a Seleção ou a Copa do Mundo, por assumirem um sentido crítico em relação ao futebol e à injustiça social no país. Um bom exemplo disso é a canção "Brazuca" (1998), de Gabriel O Pensador, lançada no álbum *Nádegas a declarar*. Gabriel Contino é um dos maiores nomes do *rap* e *hip hop* brasileiro, sempre compondo letras que expressam críticas de cunho social e moral. Os seguintes versos dessa canção opõem os destinos de dois irmãos, Brazuca e Zé Batalha: "E hoje ele é o craque mais bem pago da Europa/ Capitão da seleção, tá lá na Copa/ Enquanto o seu irmão, Zé Batalha/ E todo o seu povão, a gentalha/ Da favela de onde veio, só trabalha/ Suando a camisa, jogado pra escanteio"<sup>24</sup>. Enquanto Brazuca vivencia mais um triunfo na carreira, Zé Batalha é mais uma vítima da polícia, que o confunde com um bandido: "Ele reza, prende a respiração/ E lá na Copa, pênalti a favor da seleção/ Bola no lugar, Brazuca vai bater/ Dedo no gatilho, Zé Batalha vai morrer/ Juiz apitou/ Tudo como tinha que ser/ Tá lá mais um gol e o Brasil é campeão/ Tá lá mais um corpo estendido no chão"<sup>25</sup>. Bem ao estilo do *rap*, Gabriel O pensador tece uma crítica social a partir do tema do futebol, visto como elemento que provocaria alienação, a ponto de não haver ninguém que vele o corpo de Zé Batalha, pois todos só queriam comemorar a vitória da Seleção Brasileira e a conquista de mais um título mundial.

Além do *rap*, outro ritmo popular foi profícuo na inspiração de canções que estabelecem relação com Copas do Mundo: a embolada,

<sup>23</sup> CRUZ. *Tatu bom de bola*.

<sup>24</sup> GABRIEL O PENSADOR. *Brazuca*.

<sup>25</sup> GABRIEL O PENSADOR. *Brazuca*.

gênero musical de origem nordestina, marcado, em geral, pelo tom satírico e cômico, sobretudo em letras compostas pela dupla Caju & Castanha. Um exemplo disso é a canção “O Fenômeno e o Gaúcho” (2006), em referência aos jogadores da Seleção, Ronaldo, o Fenômeno, e Ronaldinho Gaúcho: “Quero que aponte/ Qual a Seleção do mundo/ Que tem dois gênios da bola/ Só a Brasileira tem/ Não vai ter graça/ Sou capaz de apostar tudo/ O Hexa já é nosso/ E não vai ter pra ninguém”<sup>26</sup>. Outro exemplo da dupla é a embolada “Geração de Copas” (2006), igualmente composta para integrar o álbum *Levante a taça!*, lançado naquele mesmo ano, no contexto da Copa do Mundo na Alemanha. O tema central da letra é o histórico de conquistas da Seleção Brasileira, do primeiro título em 1958, ao pentacampeonato em 2002. Interessante notar também que, mesmo não tendo conquistado a Copa em 1982, a Seleção é reverenciada, pois é campeã “No coração desse povo”<sup>27</sup>. E a Copa de 1970 é aludida pelo “quase-gol” de Pelé contra a Celeste Olímpica Uruguaia: “Enchendo os olhos/ A geração de Pelé/ A bola de pé em pé/ Anunciando o gol perfeito/ O balãozinho no goleiro/ Mas que pena/ A trave ficou pequena/ Mas foi lindo desse jeito”<sup>28</sup>. Tal canção é uma ode à geração de craques que vestiram a camisa da Seleção Brasileira e que fizeram o orgulho do “país do futebol”.

E como último exemplo da relação entre Futebol e Música em tempos de Copa do Mundo, elegemos a canção “País do Futebol” (2014), de MC Guimê com participação de Emicida. Enquanto Guilherme Aparecido Dantas, o MC Guimê, é conhecido como um dos representantes do chamado “*funk ostentação*”, Emicida é o nome artístico de Leandro Roque de Oliveira, famoso *rapper* e produtor musical. O refrão da canção “País do Futebol” destaca o craque Neymar Júnior, como representante do futebol da Seleção Brasileira: “No *flow*/ Por onde a gente passa é *show*/ Fechou/ E olha aonde a gente chegou/ Eu sou/ País do Futebol, negô/ Até gringo sambou/ Tocou Neymar é gol!”<sup>29</sup>.

Além dos âmbitos da literatura e da música no Brasil, o cinema também tem sido um âmbito em que se fazem presentes produções

<sup>26</sup> CAJU & CASTANHA. *O fenômeno e o gaúcho*.

<sup>27</sup> CAJU & CASTANHA. *Geração das copas*.

<sup>28</sup> CAJU & CASTANHA. *Geração das copas*.

<sup>29</sup> MC GUIMÊ. *País do futebol*.

significativas que tomam por tema o futebol e, em especial, as Copas do Mundo, seja em documentários ou em filmes de ficção. Sem dúvida, o número de documentários que versam sobre Copas do Mundo é elevado, de modo que nos limitaremos apenas a uma breve menção de alguns títulos, principalmente em produções recentes. Começemos pelo *Dossiê 50: comício a favor dos naufragos* (2013), com roteiro e direção do jornalista e cineasta Geneton Moraes Neto. Trata-se de um documentário estruturado em relatos memorialísticos, a partir de materiais de arquivo gravados em áudio e vídeo, dos onze jogadores da Seleção Brasileira que vivenciaram dentro de campo o “Maracanazo”, em 16 de julho de 1950, mas que integra também imagens montadas e falas de quatro atores (Chico Diaz, Milton Gonçalves, Paulo Sérgio Pereio e Cláudio Jaborandy) que reproduzem frases dos jogadores. Esse documentário tem por base, também, o livro *Dossiê 50: os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro* (2000), que foi reeditado, posteriormente, com o título *Dossiê 50: um repórter em busca dos onze jogadores que entraram em campo para serem campeões do mundo em 1950, mas se tornaram personagens do maior drama da história do futebol brasileiro* (2013), que integra um capítulo adicional resultante da entrevista de Geneton Moraes Neto com o ponta direita uruguaio Alcides Ghiggia, intitulado “Expedição em busca do carrasco”. *Dossiê 50* foi idealizado como uma homenagem àqueles jogadores da Seleção que entraram para a história ao “naufragarem” na partida do quadrangular final da Copa de 1950, em pleno Estádio Municipal, construído e inaugurado especialmente para aquele Mundial, que ficaria conhecido popularmente como Maracanã. E essa referência a “naufragos”, que é a epígrafe do filme, o cineasta extraiu de alguns versos do poema “Folhas de Relva” (“*Leaves of Grass*”), de Walt Whitman, na tradução de Geir Campos: “Vivas àqueles que levaram a pior!/ E àqueles cujos navios de guerra/ afundaram no mar!/ E a todos os generais/ das estratégias perdidas!/ Foram todos heróis!”<sup>30</sup>.

Mas, felizmente, nem só de tragédias vive o futebol brasileiro. Outro documentário recente dá mostras disso: *1958: o ano em que o mundo descobriu o Brasil* (2008), de José Carlos Asbeg. O próprio título

<sup>30</sup> WHITMAN. *Leaves of Grass* (tradução de Geir Campos).

do documentário, lançado por ocasião da comemoração dos cinquenta anos da primeira conquista da Seleção Brasileira em Copas do Mundo, indica a importância desse feito que seria visto como o momento em que o futebol brasileiro teria ingressado, definitivamente, no *hall* das principais Seleções do mundo. Como é comum em documentários de cunho memorialístico, esse filme apresenta farto material de arquivo, composto principalmente por fotografias da época e depoimentos gravados, não deixando de ser uma ode ao triunfo da Seleção nos gramados da Suécia, que apresentava ao mundo aquele que se sagraria em sua vitoriosa carreira como o “Rei do Futebol”: Edson Arantes do Nascimento, o Pelé.

Nosso próximo exemplo sobre a presença de Copas do Mundo no âmbito do Cinema no Brasil é o documentário *Memórias do Chumbo: o Futebol nos Tempos do Condor* (2012), de Lúcio de Castro. Trata-se de uma série em quatro capítulos produzida pela ESPN Brasil, que se originaram de uma minuciosa investigação jornalística e histórica sobre as relações entre o futebol e as ditaduras civis-militares no Cone Sul, nas décadas de 1960, 1970 e 1980, regimes antidemocráticos que se estabeleceram em quatro países: Argentina, Brasil, Chile e Uruguai. Foco principal dessa série documental é a ampla atuação articulada da chamada “Operação Condor” nos referidos países, resultante da política norte-americana para a região, que incentivava a repressão política e terror de Estado e envolvia operações de inteligência e assassinato de opositores. No caso específico do primeiro capítulo da série, dedicado ao Brasil, o enfoque recai sobre a intervenção estatal na organização e preparação da Seleção Brasileira para a Copa do México, em 1970, e sobre o uso propagandístico da imagem da Seleção e da conquista do tricampeonato mundial.

Como último exemplo da produção documental no âmbito do Cinema brasileiro, com tema da Copa do Mundo, é o curta-metragem *Oito de Julho – Jogo 61* (2018), roteirizado e dirigido pelo jornalista Rivelle Nunes. Mais uma vez, trata-se de um documentário que aborda a memória nova “tragédia” – ou “tragicomédia”? – em Copas do Mundo e na história do futebol brasileiro: o “Mineiraten”, como ficou conhecida na imprensa alemã a acachapante derrota da Seleção Brasileira para a Seleção Alemã pelo placar de 7X1, no Estádio do Mineirão, em 8 de julho de 2014. Aquele foi o 61º jogo da competição, que levaria a Seleção comandada pelo técnico

Luis Felipe Scolari, o Felipão, à desclassificação do torneio e conduziria a Seleção Alemã em passos firmes rumo à conquista de seu tetracampeonato. *Oito de Julho* é composto por depoimentos memorialísticos de sete personagens que vivenciaram aquela fatídica derrota.

Portanto, quando lidamos com o gênero documentário e sua relação com Copas do Mundo, constatamos que, basicamente, três eixos temáticos se fazem presentes em relação à história do futebol brasileiro: conquistas memoráveis, tragédias e usos políticos. Entretanto, tais eixos também são detectados em produções ficcionais, principalmente em relação a tragédias e a usos políticos da Seleção Brasileira em tempos de Copa do Mundo. Um primeiro exemplo disso é o curta-metragem *Barbosa* (1988), dos cineastas Jorge Furtado e Ana Luíza Azevedo, cujo roteiro é baseado no conto "Quando o Brasil perdeu a Copa" (1975), de Paulo Perdigão. No referido curta, e também no conto, o narrador-protagonista, que havia vivenciado ainda garoto o "Maracanazo" nas arquibancadas do estádio, já adulto resolve voltar no tempo, com o auxílio de uma "engenhoca", para mudar seu destino e o destino do goleiro Moacyr Barbosa, trágica figura daquela derrota. Enquanto o ator Antônio Fagundes desempenha o papel do protagonista, há montagem de trechos em preto e branco de depoimento do goleiro, gravados na época em que o filme foi rodado. Culpado injustamente pela derrota, ao ter levado o gol de Ghiggia aos 34 minutos do segundo tempo, Barbosa relembra aquele jogo com sofrimento, como um trauma recorrente: "Eu já pensei naquela bola um milhão de vezes"<sup>31</sup>. Um traço fundamental desse curta-metragem é seu caráter híbrido, ao associar materiais de base documental com imagens encenadas, por exemplo, por meio de montagem de imagens gravadas à época da Copa, das partidas disputadas contra as seleções de Espanha e Suécia, no quadrangular final, derrotadas pela Seleção Brasileira por goleadas.

Outra produção fílmica de ficção, em que uma Copa do Mundo é elemento estruturante, é *Pra frente, Brasil* (1982), com roteiro e direção de Roberto Farias. Se no curta-metragem *Barbosa* o eixo temático é a "tragédia" do "Maracanazo", neste longa-metragem o eixo temático é o uso político da Copa do Mundo de 1970 em meio à luta armada. Imagens das

<sup>31</sup> FURTADO; AZEVEDO. *Barbosa*.

partidas da Seleção no México estabelecem uma relação temporal com o desenvolvimento do enredo, em que Jofre (Reginaldo Farias) é sequestrado por engano, por agentes da repressão, torturado e assassinado, enquanto seu irmão Miguel (Antônio Fagundes) e sua esposa Marta (Natalia do Vale) buscam pelo seu paradeiro. Ao final, a cena em que Mariana (Elisabeth Savalla), ex-namorada de Miguel e integrante de um grupo de guerrilha, é assassinada, é sincronizada com áudio do jogo e montada com cenas da partida final envolvendo a Seleção Brasileira e a Squadra Azzurra no Estádio Azteca, na Cidade do México, em seguida são mostrados os gols de Gérson e de Carlos Alberto, e Carlos Alberto levantando a Taça Jules Rimet. Se no âmbito do futebol o tom é eufórico, reforçado pela canção "Pra frente, Brasil!" (1970), de Miguel Gustavo, no enredo do filme o tom é disfórico, com o desaparecimento de Jofre e o assassinato de Mariana. Aliás, não por acaso o título do filme é *Pra frente, Brasil: o jingle* foi uma das principais peças de propaganda política do regime ditatorial à época.

O terceiro e último exemplo selecionado é o longa-metragem de ficção *O ano em que meus pais saíram de férias* (2006), dirigido pelo cineasta Cao Hamburger, que também assina o roteiro juntamente com Christiane Riera e Cláudio Galperin. Mais uma vez, estabelece-se a relação entre futebol e política no contexto da Copa de 1970, porém, com uma ligeira diferença em relação a *Pra frente, Brasil: o olhar infantil do protagonista Mauro* (Michel Joelsas) para os acontecimentos contundentes durante o Mundial do México, quando seus pais, militantes políticos e integrantes da luta armada, deixam Belo Horizonte e "saem de férias", desaparecem para viver na clandestinidade. A cada nova partida da Seleção, Mauro renova as esperanças de que os pais voltem, pois fora promessa do pai retornar na Copa, quando deixou o filho em frente à casa do avô, no bairro paulistano do Bom Retiro, o barbeiro judeu MótI (Paulo Autran), sem saber que este tinha acabado de falecer em decorrência de um colapso fulminante. Assim, Mauro tem de se haver com a saudade dos pais ausentes e também com uma nova comunidade que procura acolhê-lo, até então estranha a ele: a comunidade de judeus hassídicos, religiosos praticantes, diferindo de seu pai, já culturalmente assimilado. O tempo em que passa no Bom Retiro é de muito aprendizado, a vivência do primeiro amor, mas também da intensa repressão a estudantes e opositores do regime ditatorial. Ao final, sua

mãe, Bia (Simone Spoladore), retorna alquebrada pela tortura – que não é mostrada no filme, algo que o diferencia de *Pra frente, Brasil*, onde aparece explicitamente a primeira cena de tortura no cinema brasileiro –, mas o pai, Daniel (Eduardo Moreira), não. Aliás, há um elemento fundamental e estruturante no filme: a referência ao goleiro e à solidão deste, na área, “esperando pelo pior”<sup>32</sup>. Mauro relembra das palavras do pai sobre a posição de goleiro, e ele próprio joga nessa posição, nas “peladas” com os novos amigos no Bom Retiro. Como o próprio cineasta afirmou, uma fonte de inspiração para a elaboração do roteiro foi o livro infanto-juvenil *Minha vida de goleiro* (1999), de Luiz Schwarcz. Por fim, na cena final de *Os anos em que meus pais saíram de férias* há algo que o distingue de *Pra frente, Brasil*: o modo disfórico estabelecido entre as imagens documentais da comemoração da Seleção Brasileira no final da partida, vencida pelo placar de 4X1 e uma música instrumental em tom melancólico, diametralmente oposta ao tom ufanista do jingle de Miguel Gustavo. Para Mauro e Bia, só restam o caminho do exílio e a ausência de um pai assassinado.

Tecidas todas essas considerações gerais sobre a presença temática de Copas do Mundo de Futebol na literatura, na música e no cinema, cabe a nós apresentar, brevemente, as contribuições que compõem este livro. Ao invés de agruparmos os capítulos em eixos temáticos, preferimos reuni-los de acordo com a experiência de pesquisa e docência de seus autores e autoras, bem ao gosto do jargão do futebol, em “Categorias de base”, “Juniões em ascensão”, “Em plena carreira” e “Categoria master”.

A primeira parte – “Categorias de base” – conta com quatro contribuições de pesquisadoras e pesquisadores em processo de formação na Graduação, na Universidade Federal de Minas Gerais. A primeira delas é de autoria de Felipe Emanuel da Silva Costa, intitulada “MC Rick, Funk e Futebol: metáforas e metonímias na construção do *ethos* da música ‘Seleção do Tite’”. Nesse capítulo, o autor contempla a relação entre Copa do Mundo e música, especificamente no contexto do Mundial do Qatar, disputado no final de 2022. Trata-se de uma contribuição para os Estudos da Linguagem que abordam o tema do futebol, e também para uma reflexão sobre a presença temática da Copa do Mundo no âmbito do *funk*,

<sup>32</sup> HAMBURGUER. *O ano em que meus pais saíram de férias*.

mediante a análise do *corpus* formado pela canção “Seleção do Tite”, um *hit* de 2022 cujo clipe rendeu milhões de visualizações na plataforma Youtube, de autoria de MC Rick, nome artístico de Erick Warley de Oliveira Rodrigues, *funkeiro* de Belo Horizonte.

A segunda contribuição na “Categorias de Base” é o capítulo intitulado “Várzea-Exportação”, de autoria de Késsia Luzia dos Santos Silva. Nesse capítulo, a autora propõe uma breve e, ao mesmo tempo, abrangente reflexão sobre a presença das Copas do Mundo na literatura, na música e no cinema, para isso, partindo dos seguintes *corpora* de análise: o clipe oficial da Copa do Mundo FIFA 2014 (2014); o poema “Futebol” (1970), de Carlos Drummond de Andrade; a crônica “*Foot-ball* mulato”, de Gilberto Freyre; a canção “País do Futebol” (2014), de MC Guimê, cantor e compositor de *funk*, com participação do *rapper* Emicida; e a canção “Tatu bom de bola” (2013), música tema da mascote da Copa de 2014, o “Fuleco”, composta por Arlindo Cruz, um dos ícones do samba e do pagode. Partindo de cada uma dessas produções culturais e artísticas, a autora procura chamar a atenção para a paixão pelo futebol e sua prática desde a infância, nos mais diversos terrenos e em condições sociais adversas, em que se une a recreação e o sonho de muitos em, quem sabe um dia, ascender a uma carreira profissional como mais um representante do “futebol-arte” e do “jogo bonito” enquanto mitos recorrentes.

Por sua vez, a terceira contribuição na “Categorias de Base” é “A importância sociocultural e econômica do futebol e a produção de identidade em tempos de Copa do Mundo”, de Lyara Rhayane Carneiro Teodoro. Nesse capítulo, a autora discute, brevemente, o papel do futebol brasileiro na formação da identidade nacional, bem como o modo profundo como ele está arraigado em nossa sociedade, a ponto de influenciar até mesmo a língua portuguesa, com o emprego de termos e expressões oriundos do jargão do futebol, que são usados cotidianamente em outros contextos. Para tecer suas considerações, a autora se vale de algumas referências, entre elas, Gilberto Freyre e sua crônica “*Foot-ball* mulato” (1938) e Nelson Rodrigues e sua crônica “Complexo de vira-latas” (1958), mas não deixa de reverenciar também o papel da música na formação do mito do “país do futebol”, com nomes como Chico Buarque, Gonzaguinha e, mais recentemente, MC Guimê.

Na quarta e última contribuição na “Categorias de Base”, intitulada “O uso politizado da camisa da Seleção Brasileira na música ‘Seleção do Tite – Mega da Copa’, de MC Rick”, Rebeca Pereira Cardoso e Mateus Filipe Guimarães Santos também propõem uma análise do *funk* de MC Rick, todavia, em uma perspectiva distinta daquela proposta por Felipe Emanuel da Silva Costa. Na referida canção, os autores enfatizam o tom crítico em relação à apropriação política do principal símbolo da torcida brasileira, a camisa Canarinho, sobretudo no período de 2018 a 2022, por segmentos da direita e da extrema direita no país.

Já a segunda parte deste livro – “Juniiores em ascensão” – é composta por uma contribuição de um pesquisador em processo de formação, em nível de Pós-Graduação (Doutorado), mas que já possui uma sólida produção nos estudos sobre futebol na área de História. Trata-se do capítulo intitulado “Pelé, epifania dos deuses”, de autoria de Vinicius Garzon Tonet. Em uma homenagem ao “Rei do Futebol”, que nos deixou recentemente, o autor propõe uma reflexão sobre o mito que envolve o maior craque do futebol brasileiro e mundial no século XX, e como ele se constituiu ao longo de décadas, seja em crônicas, em canções, e também em fotografias e filmes, que colaboraram para sua “deificação” envolvida de imensa idolatria, como “símbolo máximo da perfeição estética e da utopia possível”. Em uma vasta galeria daqueles que contribuíram para tal deificação figuram nomes como Carlos Drummond de Andrade, Décio Pignatari, Otto Lara Resende, Nelson Rodrigues, Mario Filho, José Miguel Wisnik, Hilário Franco Júnior, Gilberto Gil, Chico Buarque, Caetano Veloso, Jorge Ben, Carlos Augusto Christensen, Anibal Massaini Neto, Maurice Capovilla, entre outros.

Por sua vez, a terceira parte deste livro – “Em plena carreira” – reúne três capítulos de autoria de pesquisadores e docentes de diversas instituições de ensino, do Brasil e do exterior, com vasta produtividade em estudos que contemplam a relação entre futebol, Linguagem, Artes e História. Essa parte é aberta pelo capítulo intitulado “A Copa do Mundo de 1986 e as músicas que (não) saíram da cabeça dos brasileiros”, de André Alexandre Guimarães Couto. Nele, o autor propõe uma reflexão sobre a Copa do Mundo FIFA 1986, disputada no México, e o contexto brasileiro, em que se registrava uma euforia no âmbito político, provocada

por “novos ventos democráticos” após 21 anos de ditadura civil-militar no país, mas que vivia uma verdadeira disforia no plano econômico, fruto de uma crise também de ordem mundial, que entraria para a história como a “década perdida”. Entretanto, a euforia se fazia presente também no âmbito do futebol, pois esperava-se que a Seleção Brasileira não só repetisse excelentes atuações, como na edição anterior, disputada na Espanha em 1982, como também desfrutasse dos “bons fluidos” em gramados mexicanos, onde a Seleção havia conquistado seu último título em 1970: o tricampeonato mundial. E, conforme o autor ressalta, esse clima de euforia foi alimentado também pelo cancionero, formado por canções como “Mexê coração”, composta por Michael Sullivan, Paulo Massadas e Luiz Campos, “70 Neles”, composta por Vicente de Paula Salvia e Antonio Edgard Gianullo, eternizada na voz de Gal Costa, e “Canta Brasil ô ô”, composta por Roberto Nascimento. A partir de uma análise minuciosa das letras dessas canções, o autor considera que tal cancionero apresenta elementos recorrentes na representação do futebol e da sociedade brasileira em tempos de Copa do Mundo.

O segundo capítulo dessa parte é “Copa do Mundo, Pelé e Cinema – Notas sobre construção fílmica em *O Rei Pelé* (1963) e *Pelé* (2021)”, de Luiz Carlos Ribeiro de Sant’Ana. Um dos principais pesquisadores brasileiros quando o assunto é a relação entre futebol e cinema, o autor propõe uma análise de dois filmes dedicados ao “Rei do Futebol”, o primeiro deles – *O Rei Pelé* (1963), de Carlos Hugo Christensen – quando o craque do Santos e da Seleção Brasileira, já consagrado internacionalmente, ainda estava em plena forma, e o segundo – *Pelé* (2021), dirigido por David Tryhorn e Ben Nicholas –, produzido e lançado pela Netflix em 2021, já como parte das homenagens a Pelé, que nos deixou em 29 de dezembro de 2022 e foi “bater um bolão” em outras esferas superiores. Longe de ser fortuita, a escolha por esses dois filmes se deve ao fato de serem balizadores temporais, ou seja, o primeiro e o último filme longa-metragem dedicados àquele que eternizou a magia do futebol mundo afora.

A terceira contribuição que integra “Em plena carreira” é o capítulo intitulado “Em busca do ‘mito sócrático’ no Brasil. A viagem de Daniel Cohn-Bendit durante a Copa do Mundo de 2014”, de autoria de Marcel Vejmelka. No referido capítulo, o autor apresenta Daniel Cohn-Bendit,

político, jornalista e publicista alemão, um verdadeiro apaixonado pelo futebol de longa data, algo não tão comum entre a intelectualidade alemã. Em sua obra memorialística intitulada *Unter den Stollen der Strand*<sup>33</sup>, Cohn-Bendit expressa sua grande admiração pelo futebol brasileiro, o “futebol-arte” praticado pela Seleção, e, especialmente, a “Democracia Corinthiana”, do início dos anos 1980, capitaneada pelo craque Sócrates, com quem Cohn-Bendit, por afinidades políticas, fez amizade. E o foco central do capítulo é justamente um projeto que Cohn-Bendit havia idealizado com Sócrates, já em 2007, de rodarem um documentário durante a Copa de 2014, percorrendo o país. Todavia, com o falecimento do “Doutor” em 2011, Cohn-Bendit teve de realizar a viagem sozinho, que está documentada no longa-metragem *On the road with Sócrates* (“Na estrada com Sócrates”)<sup>34</sup>, dirigido por Niko Apel e Ludi Boeken, em busca do legado daquele que foi um dos principais jogadores brasileiros que sempre defendeu uma postura política de crítica social progressista em todos os âmbitos da vida, inclusive no esporte.

Já a última parte do livro, intitulada “Categoria master”, é integrada pelo capítulo “As Copas do Mundo de Futebol e a Seleção Brasileira na Literatura de Cordel”, de autoria de Elcio Loureiro Cornelsen. O “master”, neste caso, se refere muito mais a uma questão cronológica, de quem já está na estrada um bom tempo, com mais “quilometragem” que os demais pesquisadores e pesquisadoras que contribuiram com textos para esta publicação, e já está mais próximo que os demais de “pendurar as chuteiras” no âmbito da docência e da pesquisa. Nesse capítulo, o autor aborda o tema do futebol na Literatura de Cordel e apresenta alguns resultados parciais da pesquisa que desenvolve atualmente, com apoio do CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, sobre Literatura de Cordel e Futebol – encontro de duas artes populares. No capítulo em questão, o autor analisa alguns folhetos e demonstra que, desde os primeiros triunfos da Seleção Brasileira em 1958 e 1962, cordelistas não têm ficado alheios ao tema do futebol de maneira geral, e têm dedicado versos à Seleção Brasileira, sobretudo em tempos de Copa

<sup>33</sup> COHN-BENDIT. *Unter den Stollen der Strand*. Título original em francês: *Sous les crampons, la plage* (“Sob as chuteiras, a praia”).

<sup>34</sup> APEL; BOEKEN. *On the road with Sócrates*.

do Mundo, seja para enaltecer os triunfos alcançados, em um discurso laudatório, seja para renovar a esperança de novas conquistas.

Por fim, agradecemos aos autores e autoras que contribuíram com seus textos para a composição do livro, e a toda a equipe do Laboratório de Edição (Labeled) da Faculdade de Letras da UFMG por todo o apoio, e por ter viabilizado a publicação deste livro, que se vincula às atividades do Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes (FULIA). Fazemos votos para que os leitores possam encontrar nestas páginas inspiração para novas pesquisas.

Belo Horizonte e Germersheim, 12 de  
junho de 2023

*Elcio Loureiro Cornelsen*

*Marcel Vejmelka*

## Referências bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond de. Meu coração no México. *In*: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Quando é dia de futebol*. Seleção e notas de Mauricio Graña Drummond e Pedro Augusto Graña Drummond. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 109.
- COSTA, Leda. Sobre literatura e futebol: Mário Filho. *Arquibancada*, São Paulo, n. 45.2, 6 mar. 2013. Disponível em: <https://acesse.dev/qjZrh>. Acesso em: 11 jun. 2023.
- DAMATTA, Roberto. A ordem social da Copa. O Estado de São Paulo, 22 jun. 2002. *In*: DAMATTA, Roberto. *A bola corre mais que os homens*: duas Copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. p. 115-117.
- FREYRE, Gilberto. 'Foot-ball' mulato. *Diário de Pernambuco*, Recife, 17 jun. 1938. Disponível em: <https://acesse.dev/cz8eC>. Acesso em: 11 jun. 2023.
- MACHADO, Gilka. Aos heróis do futebol brasileiro. *In*: PEDROSA, Milton (Org.). *Gol de letra*: o futebol na literatura brasileira. Rio de Janeiro: Editora Gol, 1967. p. 117-119.
- MARINHO, Matheus; CORNELSEN, Elcio Loureiro. Quando a preparação faz a diferença: o "Planejamento México" e a Seleção Brasileira de 1970. *Arquibancada*, São Paulo, v. 2, n. 131, Maio 2020. Disponível em: <https://acesse.dev/qIROB>. Acesso em: 11 jun. 2023.
- MORAES NETO, Geneton. *Dossiê 50*: os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- NOGUEIRA, Armando; SOARES, Jô; MUYLAERT, Roberto. *A Copa que ninguém viu e a que queremos esquecer*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- PERDIGÃO, Paulo. O dia em que o Brasil perdeu a Copa. *In*: PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma derrota*. Porto Alegre: L&PM, 2000. p. 251-258.
- RODRIGUES, Sérgio. *O drible*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- SANTOS, José João dos [Mestre Azulão]. *O Brasil tricampeão*. [S.l.]: A voz da Poesia, 1970. Disponível em: <https://l1nk.dev/C6b5x>. Acesso em: 11 jun. 2023.

## Referências filmográficas

- 1958: o ano em que o mundo descobriu o Brasil. Direção: José Carlos Asbeg. Brasil: [s.n.], 2008. (90 min.), p&b e color. Disponível em: <https://encr.pw/K6K2h>. Acesso em: 11 jun. 2023.
- BARBOSA. Direção: Ana Luiza Azevedo, Jorge Furtado. Brasil: [s.n.], 1988. (13 min.), p&b e color. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=xJ5w34\\_-rM](https://www.youtube.com/watch?v=xJ5w34_-rM). Acesso em: 11 jun. 2023.
- DOSSIÊ 50: comício a favor dos náufragos. Direção: Geneton Moraes Neto. Brasil: GloboNews, 2013. (90 min.), p&b e color. Disponível em: <https://acesse.dev/rRG23>. Acesso em: 11 jun. 2023.
- MEMÓRIAS do chumbo: o futebol nos tempos do condor. Direção: Lúcio de Castro. Brasil: [s.n.], 2012. (200 min.), p&b e color. Disponível em: <https://l1nq.com/9Gqbu>. Acesso em: 11 jun. 2023.
- O ANO em que meus pais saíram de férias. Direção: Cao Hamburger. Brasil: [s.n.], 2006. (104 min.), color.
- OITO de Julho: Jogo 61. Direção: Rivelle Nunes Carlos. Brasil: Agência i7, 2018. (23 min.), color. Disponível em: <https://l1nq.com/t8yAJ>. Acesso em: 11 jun. 2023.

PRA FRENTE, Brasil. Direção: Roberto Farias. Brasil: [s.n.], 1982. (104 min.), color. Disponível em: <https://l1nq.com/Dvn2A>. Acesso em: 11 jun. 2023.

## Referências fonográficas

70 neles. Gal Costa. Álbum: O essencial de Gal Costa, 1999. [S.l.: s.n.], 1986. Disponível em: <https://encr.pw/D1GGb>. Acesso em: 11 jun. 2023.

AQUI é o país do futebol. Milton Nascimento; Fernando Brant. [S.l.: s.n.], 1970. Disponível em: <https://acesse.dev/mghsm>. Acesso em: 11 jun. 2023.

A TAÇA do mundo é nossa. José Maugeri Neto. [S.l.: s.n.], 1958. Disponível em: <https://l1nq.com/ovyWm>. Acesso em: 11 jun. 2023.

BRAZUCA. Gabriel o pensador. Álbum: Nádegas a declarar. [S.l.: s.n.], 1998. Disponível em: <https://l1nq.com/kzPSt>. Acesso em: 11 jun. 2023.

GERAÇÃO das copas. Caju & Castanha. Álbum: Levante a taça! [S.l.: s.n.], 2006b. Disponível em: <https://acesse.dev/j44eV>. Acesso em: 11 jun. 2023.

MARCHA do scratch brasileiro. Lamartine Babo. [S.l.: s.n.], 1950. Disponível em: <https://youtu.be/0hhEsb3DgpU>. Acesso em: 11 jun. 2023.

O FENÔMENO e o gaúcho. . Caju & Castanha. Álbum: Levante a taça! [S.l.: s.n.], 2006. Disponível em: <https://encr.pw/oA6gu>. Acesso em: 11 jun. 2023.

PAÍS do Futebol. MC Guimê; Emicida. Álbum: Geração Brasil – Nacional. [S.l.]: Máxima Produções, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mQq6lIv8QjA>. Acesso em: 11 jun. 2023.

POVO Feliz. Memeco; Nonô do Jacarezinho. Álbum: Voa canarinho. [S.l.: s.n.], 1982. . Disponível em: <https://l1nq.com/BPDoX>. Acesso em: 11 jun. 2023.

PRA FRENTE, Brasil. Miguel Gustavo. [S.l.: s.n.], 1970. Disponível em: <http://letras.mus.br/hinos-de-futebol/394819/>. Acesso em: 11 jun. 2023.

SOU Tricampeão. Os golden boys. Álbum: Fumacê. [S.l.: s.n.], 1970. Disponível em: <https://encr.pw/DBWYI>. Acesso em: 11 jun. 2023.

TATU bom de bola. Arlindo Cruz. Álbum: One Love, One Rhythm. [S.l.: s.n.], 2014. Disponível em: <https://l1nq.com/l75fa>. Acesso em: 11 jun. 2023.

## **Categorias de base**



# MC Rick, *funk* e futebol: metáforas e metonímias na construção do *ethos* da música “Seleção do Tite”

Felipe Emanuel da Silva Costa

## Introdução

O futebol, pensado sobre a ótica de um fenômeno cultural brasileiro, tornou-se a partir do século XX objeto de interesse das mais diversas manifestações populares e artísticas, dentre elas o *funk*. De quatro em quatro anos, no contexto das Copas do Mundo, diversos músicos, cineastas, pintores e poetas abordam sobre as emoções do esporte projetando uma narrativa que vincula a identidade do povo brasileiro apaixonado pelo futebol, que, para Nelson Rodrigues, caracteriza a “pátria em chuteiras”, e o pentacampeonato da Seleção Brasileira. Um dos compositores que versa sobre a Copa do Mundo é Erick Warley de Oliveira Rodrigues, mais conhecido como MC Rick. Nascido em Belo Horizonte, o cantor possui cerca de 639 mil inscritos e mais de 62 milhões de visualizações em seu canal no Youtube. Sendo considerado um dos expoentes do *funk* mineiro, conhecido entre adolescentes e jovens, é dono de sucessos como “Nada vai mudar” (2019), “Me Jogou no Lixo” (2019) e “Chutei o Balde” (2022). Embalado pelo contexto da Copa do Qatar de 2022, em parceria com a gravadora GR6 Explode, MC Rick lançou a música “Seleção do Tite” (2022). O videoclipe foi gravado na comunidade Morro do Papagaio em Belo Horizonte e sua narrativa aborda o olhar do jovem periférico para o mundial da FIFA e as implicações do torcer. Na composição, é possível identificar o uso de metáforas que associam a vida, a sexualidade e identidade da juventude periférica à participação da seleção na Copa.

Nosso estudo sobre essa canção parte da análise do discurso, que perpassa a construção do *ethos*, que é classificado como conjunto de textos orais e escritos, em que os enunciadores fornecem uma imagem de si através do discurso<sup>1</sup>. De acordo com Häring<sup>2</sup>, o *ethos* representa os “comportamentos que caracterizam uma cultura, um grupo social, uma categoria profissional, enquanto faz uso de valores e de uma escala delas”. Para Discini<sup>3</sup>, o *ethos* encontra-se no sujeito construído no discurso, é uma representação do autor, não o autor real (de corpo físico), porém, como um autor discursivo (construído pela estrutura do texto). Já Maingueneau<sup>4</sup>, aponta que o *ethos* se divide em *ethos* dito e *ethos* mostrado. Toda a construção do discurso na música aparece no uso de metáforas e metonímias, que, de acordo com Jakobson<sup>5</sup>, são processos mais gerais de manifestação da linguagem: a metáfora estaria associada ao processo de seleção e substituição de palavras com base na semelhança, enquanto a metonímia seria responsável pelo eixo da combinação, que utiliza como base relações de contiguidade.

## **O funk de MC Rick, um hit da Copa de 2022**

### ***Seleção do Tite – Mega da Copa (2022)***

Oi, vai segurando, ta?  
Vocês pediu, então toma  
Brasil

Peita do Brasil que sou brasileiro e não sou Bolsonaro  
Copa do Qatar ta aí, nós vai assistir mastigando churrasco  
Seleção do Tite, faltou só convocar o MC Rick  
Que só joga sem chuteira e mete bola com apetite  
Seleção do Tite, faltou só convocar o MC Rick

<sup>1</sup> HEINE. *O ethos e a intimidade regulada: especificidades da construção do ethos no processo de revelação da intimidade nos blogs pessoais*, p. 41.

<sup>2</sup> HÄRING. *L'ethos del moralista difronte a La medicina*.

<sup>3</sup> DISCINI. *O estilo nos textos*.

<sup>4</sup> MAINGUENEAU. *A propósito do ethos*, p. 18.

<sup>5</sup> JAKOBSON. *Linguística e comunicação*.

Que só joga sem chuteira e mete bola com apetite

Na quebrada, elas me chamam de jogador do momento  
Só porque eu joguei com ódio, mostrei meu talento  
Brecou, tomou de quatro em casa, agora vai nascer um Enzo  
Em quatro linha, eu represento, eu represento  
Invado seu meio de campo e de trivela, eu tacho dentro  
Em quatro linha, eu represento, eu represento  
Invado seu meio de campo e de trivela, eu tacho dentro

Baila, Vini Junior, faz um gol e vem pro abraço  
Mete dança com o Rodrygo, passinho dos menor enjoado  
Baila, Vini Junior, faz um gol e vem pro abraço  
Mete dança com o Rodrygo, passinho dos menor enjoado<sup>6</sup>

A letra da música inicia-se com uma saudação do cantor, que se materializa com a metonímia, sob a ótica de Jakobson<sup>7</sup>, do termo *segurar*, que representa uma forma de anunciação da figura e da música do *funkeiro*. Essa saudação também está presente em outras canções, como “Nada Mudou” (2018) e “Nada vai mudar” (2019), e serve para marcar a identidade do cantor no cenário do *funk*. No videoclipe da música, o cantor aparece com uma camisa amarela da seleção brasileira e, ao fundo, diversos dançarinos também estão vestidos com camisas azuis, pretas e brancas da equipe canarinho. Após a primeira estrofe, de saudação, a segunda possui a proposta de desvincular a camisa do Brasil da política. Partindo da definição de Jakobson<sup>8</sup>, o cantor usa uma metáfora de ser um brasileiro que possui direito de usar a camisa amarela, assim como qualquer outro indivíduo em território nacional, mas que não é vinculado à direita. Neste momento, Rick aponta seu posicionamento político e busca dar um novo sentido para o uso da camisa da seleção, símbolo utilizado desde 2013, em um processo descrito por Gastaldo<sup>9</sup>, que influenciou a Copa no Brasil em 2014 e culminou na ascensão de grupos de direita e a eleição

<sup>6</sup> MC RICK. *Seleção do Tite*.

<sup>7</sup> JAKOBSON. *Linguística e comunicação*.

<sup>8</sup> JAKOBSON. *Linguística e comunicação*.

<sup>9</sup> GASTALDO. *A Copa de 2014, entre o fascínio das ruas e o fascismo dos craques*.

de Jair Messias Bolsonaro em 2018. A crítica do cantor pode ser visualizada sobre a ótica de Roberto da Matta<sup>10</sup>, que discute que nosso país possui símbolos nacionais, dentre eles a Seleção Brasileira e sua camisa amarela, que foi apropriada e ressignificada por grupos de direita como símbolo de patriotismo desde 2013. Ainda na segunda estrofe, retomando o contexto do mundial da FIFA, Rick descreve uma das formas de torcer que envolvem parte da sociedade brasileira, por meio de confraternizações regadas a bebidas e comida. A associação feita na música é, no caso, do churrasco, que Albrecht<sup>11</sup> ressalta que possui conotação de festividade e socialização. Depois, há uma exaltação ao treinador Adenor Leonardo Bachi, conhecido como Tite, e uma metaforização da figura do jogador em relação ao cantor. Pensando sob a lente teórica de Jakobson<sup>12</sup>, MC Rick se projeta como um atleta diferente, que não está dentro das quatro linhas do campo, mas fora. De maneira explícita e sexualizada, o cantor constrói um *ethos*, que para Discini<sup>13</sup> se dá no discurso, de que é ativo sexualmente e pode ser considerado “bom de cama”. De acordo com Häring<sup>14</sup>, essa visão representa valores e comportamento, evidentemente sem generalizar, presentes na identidade do jovem periférico, ligada ao sexo desde cedo. Sob a ótica de Maingueneau<sup>15</sup>, o *ethos* dito nessa estrofe é o da pessoa “antenada” ao linguajar do futebol e da sensualidade, mas o *ethos* mostrado é do jovem que se envereda por e possui contato ativo com práticas sexuais.

Na próxima estrofe também existe a metaforização da vida cotidiana e com o universo futebolístico. Resgatando sinônimos para a periferia, Rick discute que sua fama está em alta. Ele descreve que mulheres o associam a um bom jogador, pois seu desempenho sexual seria extremamente positivo. Podemos visualizar essa visão que ele tem das mulheres do ponto de vista de Pierre Bourdieu, que discute que, no capitalismo, nossa identidade é mercantilizada e construída, muitas vezes, a partir de estereótipos: a mulher aparece, dessa maneira, como um indivíduo “condenado a ser visto através de categorias dominantes,

<sup>10</sup> DAMATTA. Futebol: ópio do povo ou drama de justiça social, p. 111-112.

<sup>11</sup> ALBRECHT. *Além da carne assada sobre as brasas*: os elementos do consumo de churrasco.

<sup>12</sup> JAKOBSON. *Linguística e comunicação*.

<sup>13</sup> DISCINI. *O estilo nos textos*.

<sup>14</sup> HÄRING. *L'ethos del moralista difronte a La medicina*.

<sup>15</sup> MAINGUENEAU. A propósito do *ethos*, p. 18.

isto é, masculinas”<sup>16</sup>. Neste contexto, o homem é visto como dominador e a mulher como admiradora e refém do sexo. Em seguida, resgatando gírias e a linguagem futebolística, MC Rick aponta que o ato sexual teria sido proibido e resultaria no nascimento de uma criança. Pensando sob a teoria de Jakobson<sup>17</sup>, metaforicamente o *funkeiro* ainda associa sua performance sexual ao jogo de futebol. A partir do uso de uma metonímia, ele discute que dentro das quatro linhas, que neste caso não são as do campo, fazendo referência às quatro paredes, ele “se garante”. Ainda utilizando uma metonímia, o chute de trivela leva-o ao gol, que no caso é o gozo, o prazer ou o próprio ato sexual. Perpassando o *ethos* dito e mostrado de Maingueneau<sup>18</sup>, o cantor aponta um *ethos* mostrado de um jovem ativo sexualmente, mas que é construído pelo *ethos* dito da linguagem técnica do futebol, presente na identidade do jovem periférico.

Na última estrofe, há um resgate significativo da equipe brasileira. Pensando sob a perspectiva de Jakobson<sup>19</sup>, a metonímia serve para fazer associação com a dança, pelo termo “baila”. Rick alude à narrativa do futebol-arte presente, segundo ele, no futebol de Vinícius Junior e Rodrygo Silva de Goes, ex-atletas do Flamengo (RJ) e do Santos (SP), e hoje jogadores do Real Madrid, da Espanha. É possível perceber que o cantor, independentemente se pensado de forma proposital ou não, resgata e carrega em suas palavras a presença de traços do mito do futebol-arte proposto por Gilberto Freyre, descrito no artigo “*Football mulato*”, publicado em 1938. O *funkeiro* projeta na figura dos dois jogadores, Vinícius Junior e Rodrygo, o futebol dionisíaco freyriano que “atribui características dionisíacas ao estilo de jogo brasileiro que estariam relacionados aos elementos de um povo miscigenado. Criatividade, espontaneidade, malemolência, seriam atributos do futebol brasileiros oriundos da mistura das raças que formariam a nação”<sup>20</sup>. Dessa forma, os dois jogadores representariam um futebol alegre, solto, criativo, leve, dançante, bonito, e astuto, que estaria no DNA dos jogadores brasileiros

<sup>16</sup> BOURDIEU. *Sobre o poder simbólico*, p. 85.

<sup>17</sup> JAKOBSON. *Linguística e comunicação*.

<sup>18</sup> MAINGUENEAU. A propósito do *ethos*, p. 19.

<sup>19</sup> JAKOBSON. *Linguística e comunicação*.

<sup>20</sup> HELAL; CABO. *Copa do Mundo e identidade nacional: um panorama técnico*, p. 114.

e também se manifesta nos passinhos na comemoração dos gols da seleção brasileira. Desta maneira, é possível compreender a quantidade de elementos que compõem a narrativa da música, sustentadas por meio de metáforas e metonímias, com objetivo de construir o *ethos* da identidade periférica na sua visão sobre a seleção na Copa do Mundo, ligado à sensualidade, à socialização e ao futebol.

## Referências bibliográficas

- ALBRECHT, Christian Freire. *Além da carne assada sobre as brasas*: os elementos de consumo de churrasco. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande Sul, Porto Alegre, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. Sobre o poder simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. *O poder Simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 7-16.
- DAMATTA, Roberto. Futebol: ópio do povo ou drama de justiça social. In: DAMATTA, Roberto. *Explorações: ensaios de sociologia interpretativa*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 100-119.
- DISCINI, Norma. *O estilo nos textos: história em quadrinhos, mídia e literatura*. São Paulo: Contexto, 2003.
- FREYRE, Gilberto. 'Foot-ball' mulato. *Diário de Pernambuco*, Recife, 17 jun. 1938. Disponível em: <https://acesse.one/OYMwa>. Acesso em: 26 nov. 2022.
- GASTALDO, Édison. A Copa de 2014, entre o fascínio das ruas e o fascismo dos craques. In: MARQUES, José Carlos. *A Copa das Copas? Reflexões sobre o Mundial de Futebol de 2014 no Brasil*. São Paulo: Edições Ludens, 2015. p. 267-272.
- HÄRING, Bernhard. L'ethos del moralista difronte a La medicina. In: HÄRING, B. *Ética Médica*. Roma: Paoline, 1972. p. 35-46.
- HEINE, Palmira Virginia Bahia. *O ethos e a intimidade regulada*: especificidades da construção do ethos no processo de revelação da intimidade nos blogs pessoais. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.
- HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro do. Copas do Mundo e identidade nacional: um panorama técnico. In: HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro do. *Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol*. Rio de Janeiro: EduERJ, 2014.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2003.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de Textos de Comunicação*. São Paulo: Cortez, 2002.
- MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 11-29.
- SELEÇÃO do Tite – Mega da Copa. MC Rick. [S.l.]: GR6 Explode, 2022. Disponível em: <https://acesse.dev/aiXRD>. Acesso em: 25 nov. 2022.

# Várzea-exportação

Késsia Luíza dos Santos Silva

## “Várzea”

O menino de pés descalços e camisa canarinho levanta a bola surrada e a agarra com as mãos. Do morro, lança um olhar que passeia pelo Brasil: cores, culturas, ecossistemas e estádios (Fotograma da vinheta de abertura da Copa do Mundo FIFA 2014). Assim, flagra “futebóis” que não se realizam dentro desses últimos – primeiro, a disputa dançada em dribles no calçadão e, em seguida, uma forma híbrida de dois esportes amados pelos brasileiros, variação na qual a bola na rede é o que se quer evitar, em que o foco é o domínio da bola no corpo e nos ares, para, por fim, largá-la no chão dos adversários. É uma visão que serpenteia, voa, deseja e reflete o lúdico, a festa, a rua. A cena termina com o menino acompanhado por uma multidão. Ele observa as luzes emitidas pelos estádios subirem aos céus e se unirem no logo da Copa do Mundo.



Fotograma da  
vinheta de abertura  
da Copa do Mundo

FIFA 2014  
Fonte: <https://11nq.com/tgb4j>

O que os países-sede enfatizam para o planeta através das vinhetas oficiais para TV? A versão do Brasil para a Copa de 2014 fez questão de que a face lúdica do jogo tomasse a frente. Para cada partida realizada aqui, havia o lembrete de que antes de a bola chegar aos pés das seleções, passava primeiro pelos pés de um menino. Um lembrete de que os estádios são apenas mais um espaço para se praticar futebol – esse esporte que ganha vida onde houver um objeto esférico e um pedaço de terra disponível, adquirindo nesses microuniversos lógicas e regras próprias.

A paixão pelo esporte que culmina em sua realização “coloquial” está presente em várias obras da Literatura Brasileira. Entre elas, o poema “Futebol”, de Carlos Drummond de Andrade: “Futebol se joga no estádio?/ Futebol se joga na praia,/ futebol se joga na rua,/ futebol se joga na alma”<sup>1</sup>. O eu-lírico versa o que há de comum em modos de jogar que são distintos. A mesma bola e o mesmo desejo vão unir o jogador que representa a nação em uma competição mundial e um homem comum finalizando na várzea: “A bola é a mesma: forma sacra/ para craques e pernas de pau./ Mesma a volúpia de chutar/ na delirante copa-mundo/ ou no árido espaço do morro”<sup>2</sup>.

Na cultura ou mito do “joga bonito”, alimentada pela crônica “*Football mulato*” de Gilberto Freyre (1938), a dança, a liberdade e o improviso se fazem matéria-prima do estilo nacional. A várzea, a rua, a praia, são, portanto, espaços simbólicos para a representação de uma ideia da relação entre futebol e Brasil. É que a bola não deixa de rolar, ainda que a superfície não seja oficial ou protocolar e, assim, nascem as partidas informais e as práticas inventadas. Como consequência, esses terrenos são projetados como criadouro de craques que jogam livres, praticando o esporte ao modo dionisíaco, com seus corpos que “dão um jeitinho”, que dançam e que não se subordinam a nenhuma ordem: criam a partir do barro, inventam modos de fazer acontecer, submetem o campo às suas vontades.

Tais ideias são essenciais para a projeção do clichê de pátria apaixonada pelo futebol, que aparenta ser prática espontânea, inerente e irreverente, independente apesar das circunstâncias. Essa imagem é

<sup>1</sup> ANDRADE. *Futebol*, p. 13.

<sup>2</sup> ANDRADE. *Futebol*, p. 13.

alimentada também pela “mística da amarelinha”, já que é a única camisa a ostentar as cinco estrelas refletindo a conquista do mundo. Para que a bola alcance os campos profissionais, rola por outros “chãos”, e esse trajeto é essencial para o que se entende como o (suposto) estilo brasileiro de jogar.

Durante o contexto da Copa do Mundo em 2014, o cantor MC Guimê lançou a canção “País do Futebol”, ao lado do *rapper*, cantor e compositor Emicida (MC Guimê, “País do Futebol”, com participação de Emicida). Os versos abordam a relação da nação com o esporte através de uma perspectiva sociocultural, entendendo-o como forma de lazer e, ao mesmo tempo, possibilidade e esperança de mobilidade social. O eu-lírico demarca o “onde” nos versos “Entre *house* de *boy*, beco e vielas/ Jogando bola dentro da favela”<sup>3</sup>. Desse modo, os versos simultaneamente descrevem a geografia e a realidade socioeconômica do país e demonstram a potencialidade de adaptação do futebol a qualquer espaço: “Poeira no *boot*, é cinza, Kichute/ Campão, barro na canela/ Maloqueiro, fut, talento/ É arte de chão, ouro de favela”<sup>4</sup>.



MC Guimê, “País do Futebol”, com participação de Emicida

Fonte: <https://encr.pw/mReuv>

<sup>3</sup> MC GUIMÊ. *País do futebol*.

<sup>4</sup> MC GUIMÊ. *País do futebol*.

No centro dessa prática versátil, insubmissa e apaixonada, protagoniza a figura do menino: “Pro menor não tem coisa melhor/ E a menina que sonha em ser uma atriz de novela”<sup>5</sup>. A letra fortalece a ideia de futebol como essência, pois liga sua prática à figura infantil e sugere que ela acompanha o indivíduo por toda a vida.

Nota-se, portanto, que os terrenos variáveis, a diversidade das manifestações futebolísticas e a paixão inata pelo jogo aparecem na vasta produção artística nacional como algo fundamentalmente brasileiro, ainda que representadas por pontos de vista diferentes.

## “Exportação”

Competições em nível mundial permitem que as nações disseminem suas insígnias e culturas e se façam conhecer. São disputas, mas também cenários que favorecem a autoafirmação de um povo. Considerando isso, a Copa do Mundo é um dos megaeventos que mais movimentam o globo.

A edição de 2014 foi sediada no Brasil, a segunda vez que o torneio foi realizado no país. 64 anos depois, a Seleção já havia levantado cinco taças e estabelecido alguns de seus mitos e símbolos mais conhecidos. Era o momento oportuno para defender o título de “país do futebol”. Assim, o Brasil lança mão de seus elementos mais representativos e emblemáticos, fazendo valer as cores locais. Ao assumir o protagonismo, o país quer exportar mais do que a imagem da Amarelinha dentro de campo: procura sugerir o que está por trás de sua excelência.

Entram em cena a mascote, o cancionero oficial e a vinheta que antecede as partidas. Um animal da fauna nacional que vira bola já exerce sozinho grande potência simbólica – nasce a mascote, Fuleco, que tem seu próprio tema. Entretanto, para além de divulgar Fuleco, a canção “Tatu bom de bola”, composta por Arlindo Cruz, retomava as imagens de infância, pluralidade de terrenos e modos de se fazer futebol representados na vinheta. Ao versar “Um moleque tão ligeiro,/ Tão difícil de marcar”<sup>6</sup>, ainda que esteja se tratando de uma mascote, o eu-lírico escolhe a palavra “moleque”, que aponta para a infância e/ou juventude. O

<sup>5</sup> MC GUIMÊ. *País do futebol*.

<sup>6</sup> CRUZ. *Tatu bom de bola*.

futebol é novamente abordado como uma entidade de forte presença no universo pueril e que, ao mesmo tempo, é inspirado por ele. Na mesma estrofe, o compositor cita nomes populares e regionais da prática informal do esporte e destaca o caráter lúdico dela: “Ele brinca na pelada, no bobinho/ Show de bola lá no baba/ Arrebenta no rachão”<sup>7</sup>. Logo, para além de toda produção extraoficial que aproxima o futebol brasileiro à recreação, ao afeto que ultrapassa os limites do formal a tal ponto que o jogo acontece em qualquer solo do território nacional, nota-se a tentativa de reforçar esses signos e símbolos também na publicidade oficial.



Arlindo Cruz: “Tatu bom de bola”  
Fonte: <https://encr.pw/175fa>

É o Brasil buscando alimentar o mito de país do futebol ao exportar as imagens de sua várzea, campinho, orlas, quadras para as telas do mundo inteiro. Assim, a vinheta de abertura da Copa do Mundo FIFA 2014 e as canções de MC Guimê e de Arlindo Cruz reiteram o mito do joga bonito, e buscando lembrar a todos que um país campeão do mundo cinco vezes é o que é por amar o esporte desde o berço.

## Referências bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. Futebol. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Quando é dia de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 13.

FREYRE, Gilberto. ‘Foot-ball’ mulato. *Diário de Pernambuco*, Recife, 17 jun. 1938. Disponível em: <https://l1nq.com/LsLMY>. Acesso em: 25 nov. 2022.

PAÍS do Futebol. MC Guimê; Emicida. Álbum: Geração Brasil – Nacional. Disponível em: <https://encr.pw/fvTIA>. Acesso em: 25 nov. 2022.

TATU bom de bola. Arlindo Cruz. Álbum: One Love, One Rhythm. [S.l.: s.n.], 2014. Disponível em:

<sup>7</sup> CRUZ. *Tatu bom de bola*.

<https://encr.pw/l75fa>. Acesso em: 25 nov. 2022.

YOUTUBE. Belo Horizonte, 2022. 2014 FIFA World Cup™ – OFFICIAL TV Opening. Disponível em: <https://acese.dev/zYcyR>. Acesso em: 23 nov. 2022.

# **A importância sociocultural e econômica do futebol e a produção de identidade em tempos de Copa do Mundo**

Lyara Rhayane Carneiro Teodoro

É incontestável que o futebol é um fenômeno mundial que influencia vários segmentos da sociedade, entre eles, sociais, culturais e econômicos. Digamos que, entre as coisas menos importantes no mundo, o futebol é o mais importante. É notório que o período em que o esporte ganha grande destaque mundo afora é na Copa do Mundo. No entanto, há de se constatar que o mesmo abrange muitos outros campos, como já destacado. Um ponto que merece destaque é a maneira como o esporte construiu uma identidade ao nosso país e, mais de cem anos depois de sua introdução no Brasil, somos conhecidos como "o país do futebol". Portanto, é mais de um século de história onde um país latino-americano é reconhecido pela sua grandeza dentro de campo. E até hoje o Brasil é conhecido e respeitado como um símbolo do esporte mais popular do mundo.

A identidade nacional se desenvolveu em paralelo com o esporte, e, com isso, manifestações culturais se incorporaram em diferentes intensidades. Desse modo, o futebol se faz presente na música, no cinema, na dramaturgia e em diversos outros tipos de arte. Contudo, está presente com mais intensidade no cotidiano, quando usamos expressões que "nasceram" dentro dos estádios, mas as usamos de forma tão corriqueira que quase ninguém percebe sem uma análise mais aprofundada. Dentre essas expressões, podemos usar como exemplo o termo "chutar", quando nos referimos a arriscar algum palpite, ou "dar bola", referindo-nos a dar atenção a algo ou a alguém. Esses são somente dois exemplos das

dezenas de expressões que foram criadas dentro dos estádios de futebol, e o que no início fazia referência somente ao esporte, hoje é usado em conversas informais e corriqueiras do dia a dia, tornando isso um conceito cultural mais abrangente.

Como é de conhecimento, o futebol brasileiro, nas palavras de Gilberto Freyre, era rotulado como "*foot-ball* mulato"<sup>1</sup>, devido a vários jogadores de futebol da Seleção Brasileira de 1938 serem negros, criando meio que um estereótipo do jogador brasileiro no mundo. Mas o futebol brasileiro não era chamado de "mulato" somente por conta disso. O futebol brasileiro era chamado de "mulato" pela sua ginga, pelo jeito ímpar que só os brasileiros tinham de jogar bola, com movimento, com malemolência, como se fosse uma dança. Enquanto o futebol no seu próprio país de origem (Inglaterra) era todo engessado e sem muitas inovações e improvisos, o futebol brasileiro era ousado, arriscado, e tinha todo um movimento diferenciado, cadenciado entre os jogadores.

Mas como nem tudo são flores, mesmo o futebol brasileiro sendo reconhecido mundialmente como, se não o melhor do mundo, um dos melhores, ainda assim, os próprios brasileiros se enxergam inferiorizados diante dos cidadãos do "velho continente" (Europa). Para o brasileiro, não importa que o nosso futebol seja infinitamente melhor e tenha infinitamente mais qualidade que o futebol estrangeiro, ainda assim, o brasileiro tem, segundo as palavras de Nelson Rodrigues, um "complexo de vira-lata"<sup>2</sup>. Os brasileiros se acham vira-latas em vista dos europeus e afins nos sentidos social, intelectual, cultural, racial, e até mesmo histórico, cutilando uma espécie de preconceito deste consigo mesmo.

Mas apesar de todos esses revezes, como já foi mencionado anteriormente, o futebol é um símbolo nacional, além de uma paixão, e esse esporte tão popular coaduna a construção de uma identidade atribuída ao nosso país, e também a cada cidadão, que também é torcedor, e que, em dia de jogo, esquece as desavenças, os problemas, perdoa as mágoas, e, mesmo que pensem diferente em tudo na vida, naquele momento, é todo mundo um só coração, um só time: a Seleção Brasileira de futebol.

<sup>1</sup> FREYRE. *Diário de Pernambuco*.

<sup>2</sup> RODRIGUES. *Complexo de vira-latas*.

O futebol, que cria amizades, gera união, eleva o espírito do brasileiro, esse esporte cheio de ginga e movimento, faz com que nos coloquemos no lugar que realmente nos cabe: no lugar merecido de destaque, não no lugar de vira-latas.

Com esses sentimentos de identidade e união que o futebol causa, várias homenagens foram surgindo ao longo de sua história. Na música, o futebol está presente em diversos gêneros, do samba ao *rock*, ou da MPB ao *funk*. Podemos citar grandes nomes da música brasileira que usaram o esporte mais popular do mundo em suas composições, entre eles está Chico Buarque e Gonzaguinha. Porém, o ritmo que tem íntima relação com o futebol na opinião de grande maioria é o samba, gênero que possui maior quantidade de composições que fazem referência ao futebol brasileiro. Um exemplo disso foi, em 1986, a escola de samba Beija-Flor, que levou o futebol para a passarela e garantiu o segundo lugar com a composição intitulada "O mundo é uma bola". Não posso deixar de lembrar a Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil, onde a música que ganhou o país foi "País do futebol", do cantor de *funk* MC Guimê em parceria com o *rapper* Emicida. Esses exemplos mostram como o futebol influencia a quebra de paradigmas e abraça a diversidade cultural.

É muito vasto o acervo musical futebolístico brasileiro, visto que cada gênero musical já deu o seu "jeitinho" de homenagear de alguma forma seu esporte do coração. Além dos exemplos citados acima no samba e no *funk*, o futebol recebeu também suas menções no *rock*, no *rap*, no repente, na embolada e em vários outros gêneros, cada um com sua pegada, cada um com suas particularidades, alguns homenageando, colocando o futebol em um pedestal de exaltação, outros tecendo críticas sociais pelas desigualdades presentes no mundo do futebol, onde nem todo mundo possui condições de ingressar, e menos ainda de ascender nessa carreira esportiva. Mas mesmo com as dissonâncias, ainda assim o futebol é um esporte que faz o povo se unir, consegue fazer com que a população consiga desviar um pouco os olhos das próprias dores, dos próprios problemas, e consiga dizer em coro: "Vai, Brasil!". Para alguns, política do pão e circo, para outros, uma ferramenta de importância sociocultural e econômica de produção de identidade em tempos de Copa do Mundo!

## Referências bibliográficas

FREYRE, Gilberto. 'Foot-ball' mulato. *Diário de Pernambuco*, Recife, 17 jun. 1938.

PAÍS do Futebol. MC Guimê; Emicida. Álbum: Geração Brasil – Nacional. [S.l.]: Máxima Produções, 2014.

RODRIGUES, Nelson. Complexo de vira-latas (1958). In: RODRIGUES, Nelson. *À Sombra das chuteiras imortais*. Seleção e notas de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 51-52.

# O uso politizado da camisa da Seleção Brasileira na música “Seleção do tite – Mega da Copa”, de MC Rick

Mateus Filipe Guimarães Santos

Rebeca Pereira Cardoso

## Introdução

Durante a disciplina ministrada em sala de aula, com a temática “Copas do Mundo de futebol na literatura, na música e no cinema” no segundo semestre letivo de 2022, na UFMG, algumas questões culturais foram amplamente debatidas, dentre elas, a relação intrínseca entre música e futebol no cotidiano do povo brasileiro.

A Copa do Mundo da FIFA é realizada a cada quatro anos e é tida, por muitos, como o maior evento esportivo mundial, elevando o futebol ao status de principal esporte do planeta, com grandes nações e jogadores tendo, como o ápice de suas histórias, a conquista do tão sonhado troféu mundial. O Brasil, sob a alcunha de “O país do futebol”, é sempre um dos favoritos ao título, participando de todas as edições do mundial até então, e entrando com destaque a cada nova oportunidade, em busca da tão sonhada taça de campeão. Com grande paixão pela Copa, o povo brasileiro recebe o torneio sempre com grandes festividades, o que impacta diretamente na cultura do país.

Ao longo das 22 edições da Copa do Mundo – já contabilizando o torneio do Qatar 2022 –, o Brasil é embalado por músicas com a temática do torneio, como é o caso da edição de 1998, com a canção “Partida de futebol”, da banda Skank, e em 2002, com a trilha “Vida leva eu”, do cantor Zeca Pagodinho. Na temporada atual, a 22ª edição da Copa do Mundo, a população brasileira se encontra em meio a inúmeros *hits* com a temática do torneio mais famoso do mundo, incluindo canções

do gênero mais popular do país no momento, o *funk*. Dentre elas, uma música com grande destaque é a “Seleção do Tite – Mega da Copa”, cantada por MC Rick, um músico de Belo Horizonte, que será o tema central deste capítulo.

## **O *funk* e o futebol**

O futebol surgiu como um esporte criado por trabalhadores ingleses no fim do século XIX, como forma de alívio para a rotina exaustiva e de diversão em meio ao trabalho crescente em fábricas e indústrias, que dominavam os países após a Revolução Industrial. Desde então, com grande viés popular, o futebol tem se mantido como uma forma democrática de manifestações da classe trabalhadora, com a fundação de clubes de operários, torcidas organizadas e posicionamentos políticos de jogadores e instituições, sempre estabelecendo ligações com outras formas de expressão, como a música e a televisão.

Desse modo, o futebol brasileiro ganhou uma grande posição no polêmico movimento popular conhecido como “*funk*”, que surgiu no Brasil por volta da década de 70 e, desde então, tem dominado a cultura da população periférica. Sendo alvo de constante preconceito, porém caminhando para a visibilidade mundial graças ao trabalho de artistas reconhecidos, como Anitta e Ludmilla, o *funk* brasileiro tem o futebol como temática em diversas canções, como “País do futebol”, de MC Guimê e Emicida, e “Mega do Galo”, composta por DJ Gui Marques, GORDÃO DO PC e MC Vitin Da Igreja.

## **A politização da camisa da Seleção Brasileira**

No último ciclo pré-Copa (2018-2022), a camisa da Seleção Brasileira foi tomada por uma crise identitária, pois os seguidores políticos conhecidos popularmente como ‘bolsonaristas’, do atual Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, se consolidaram nas ruas do Brasil ao se apropriarem das cores verde e amarelo.

Desde a sua candidatura à presidência em 2018, após o fim da Copa do Mundo da Rússia, a tradicional camisa da Seleção, a “Canarinho”, se tornou símbolo da campanha de Jair Bolsonaro. Seus eleitores protestavam e faziam propaganda política, utilizando a camisa e outros símbolos

nacionais, como a bandeira e o hino brasileiro, como forma de oposição ao principal adversário de Bolsonaro na corrida eleitoral, o Partido dos Trabalhadores (PT), que tem a cor vermelha como principal insígnia.

Com isso, inúmeros brasileiros e torcedores – contrários ao bolsonarismo – acabaram criando certa aversão a esses símbolos, o que levou a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e a Nike, patrocinadora oficial da Seleção, a resgatarem a camisa branca, utilizada na primeira Copa América, em 1919, para a edição de 2019 do torneio, como uma forma de homenagem aos cem anos da equipe nacional brasileira e do torneio continental. Nas temporadas seguintes, outros movimentos foram criados na tentativa de despolitizar a emblemática brasileira e retomar o seu significado original, o do futebol. Dentre eles, o uso da tradicional camisa azul e a escolha por cores mais alternativas – como o verde e o preto – estampadas em camisas criadas, muitas vezes, pelos próprios torcedores, também alcançaram popularidade rapidamente. Contudo, a chegada do ano de 2022 trouxe uma grande mudança para esse cenário, pois, novamente, era ano da Copa do Mundo. A nova edição do torneio mundial e as eleições que levaram à queda do governo Bolsonaro foram fatores determinantes nessa luta pela retomada dos símbolos nacionais, impedindo que continuassem associados à extrema direita.

Além disso, a Nike deu continuidade em suas campanhas para a camisa, apostando em uma produção, na qual artistas opositores ao governo, como MC Hariel e o *rapper* mineiro Djonga, participaram na ação de resgate da “Canarinho” como símbolo do futebol nacional, em meio à Copa do Mundo.

## **MC Rick e a crítica à politização**

### ***“Seleção do Tite” – MC Rick***

Oi, vai segurando, tá?  
Vocês pediu, então toma  
Brasil

Peita do Brasil que sou brasileiro e não sou Bolsonaro  
Copa do Qatar tá aí, nós vai assistir mastigando churrasco  
Seleção do Tite, faltou só convocar o MC Rick  
Que só joga sem chuteira e mete bola com apetite  
Seleção do Tite, faltou só convocar o MC Rick  
Que só joga sem chuteira e mete bola com apetite

Na quebrada, elas me chamam de jogador do momento  
Só porque eu joguei com ódio, mostrei meu talento  
Brecou, tomou de quatro em casa, agora vai nascer um Enzo  
Em quatro linha, eu represento, eu represento  
Invado seu meio de campo e de trivela, eu tacho dentro  
Em quatro linha, eu represento, eu represento  
Invado seu meio de campo e de trivela, eu tacho dentro

Baila, Vini Junior, faz um gol e vem pro abraço  
Mete dança com o Rodrygo, passinho dos menor enjoado  
Baila, Vini Junior, faz um gol e vem pro abraço  
Mete dança com o Rodrygo, passinho dos menor enjoado  
Brasil<sup>1</sup>

Para a Copa de 2022, o principal nome do *funk* em Belo Horizonte, MC Rick, lançou uma música com o tema do mundial e falou, também, da principal problemática encontrada no país nos últimos anos, a politização de um símbolo nacional, a camisa da Seleção Brasileira.

Logo no primeiro verso – “Peita do Brasil que sou brasileiro e não sou Bolsonaro”<sup>2</sup> –, que faz referência à utilização do emblema nacional por parte do eleitorado de Bolsonaro e seus aliados, o eu lírico da canção cita o nome do atual presidente e afirma que, apesar de não ser um de seus eleitores, utiliza a camisa da Seleção, afinal, é ano de Copa e a camisa pertence a todo povo brasileiro.

Outra questão social encontrada na música está no trecho em que o cantor cita jogadores da Seleção Brasileira vítimas de racismo,

<sup>1</sup> MC RICK. *Seleção do Tite*.

<sup>2</sup> MC RICK. *Seleção do Tite*.

como o atacante Vinícius Júnior, que joga pelo Real Madrid, e foi criticado pela imprensa espanhola pelo seu estilo de futebol ofensivo e cheio de gingado, sendo comparado a “macacos”. Tal constatação também pode representar uma crítica ao governo Bolsonaro, visto que o presidente é conhecido por diversas declarações preconceituosas na mídia.

## Conclusão

Como um movimento de voz popular democrático, o *funk* se tornou uma das principais formas de posicionamento das classes sociais menos favorecidas. Com isso, inúmeros temas são constantemente abordados por cantores e produtores musicais, em suas letras e melodias que ecoam pelas ruas do Brasil.

A letra de MC Rick, assim como a grande maioria das canções do gênero, é caracterizada pela linguagem popular, com traços e gírias típicos da oralidade e da variação linguística presente nas periferias, proporcionando identificação e contato direto com o público, enquanto traz, nas entrelinhas, uma crítica social.

Nessa perspectiva, a “Mega da Copa” tem, atualmente, mais de um milhão de visualizações no Youtube e mais de setecentos mil reproduções na plataforma Spotify. Consagrado como um sucesso em todas as redes sociais, o som de MC Rick tem sido uma das principais canções brasileiras para a Copa do Qatar, representando o fenômeno da retomada dos símbolos nacionais para o torneio mundial.

## Referências bibliográficas

LETRAS. *Seleção do Tite* – MC Rick. Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://encr.pw/dWSDB>. Acesso em: 24 nov. 2022.

SELEÇÃO do Tite – Mega da Copa. MC Rick. [S.l.]: GR6 Explode, 2022. (2 min. 35s). Disponível em: <https://acesse.dev/aiXRD>. Acesso em: 26 nov. 2022.

SELEÇÃO do Tite – Mega da Copa. MC Rick. [S.l.]: GR6 Music, 2022. (2 min. 27s). Disponível em: <https://acesse.one/upHTI>. Acesso em: 26 nov. 2022.



## **Juniores em ascensão**



# Pelé, epifania dos deuses

Vinicius Garzon Tonet

Tanto já foi dito por tantos sobre Pelé – em várias línguas e em diversos tempos. E é bom que o Rei seja cercado por uma profusão de palavras, imagens, sons, pensamentos e sonhos. Isso nos ajuda a dimensionar seu tamanho e sua “entronização cósmica e mítica”<sup>1</sup>. Talvez, daqui a milênios, historiadores se deparem com viajantes de terras antigas, como no poema de Shelley, anunciando que “Duas pernas de pedra, enormes e sem corpo/ Acham-se no deserto/ [...] No pedestal estas palavras notareis:/ ‘Meu nome é Pelé, e sou Rei dos Reis:/ Desesperai, ó Grandes, vendo minhas obras!’”<sup>2</sup>.

Pode ser que o longínquo viajante anuncie a magistral capa do *Diário As* (Capa *Diário As*), da Espanha, quando da morte de Edson Arantes do Nascimento, em 29 de dezembro de 2022, na qual está estampada a fotografia de Annie Leibovitz. Nela, pés pretos, descalços e calejados, normalmente associados a contextos de pobreza, contrastam com o título “O Rei | 1940 – 2022”. Assim como no poema, a fotografia é capaz de transmitir a magnanimidade do Rei e ainda permanecer divinamente misteriosa.

É uma imagem que assombra, porque, ao mesmo tempo, deifica e humaniza Pelé. É enigma e revelação. Mostra o que ninguém nunca havia visto, oculta o que todos conhecemos. Outras capas mostram o Rei socando o ar, beijando taças, portando sua coroa, carregado por companheiros e torcedores, em *close-up*, com o perfil desenhado ou

<sup>1</sup> WISNIK. *Veneno remédio*, p. 226.

<sup>2</sup> SHELLEY. *Ode ao Vento Oeste e outros poemas*.

de costas com a 10 em evidência. As imagens valorizam gestos com os braços, olhares, sorrisos, movimentos completos, dribles, gols, ou até mesmo sua presença espectral.

No *Diário As*, reparamos também no elemento ausente (restante do corpo), e essa ausência potencializa a força poética da imagem daqueles pés. A capa da *Placar* (Capa *Placar*), por exemplo, funciona como uma antítese da escolha do diário espanhol. Na revista brasileira, a beleza da fotografia reside na oposição entre a imagem de Pelé em um instante banal, em um jogo qualquer, com a inusitada mancha de suor em forma de grande coração em sua camisa. Maurício Barros assim a descreve:

E olha que Pelé nem estava dando uma bicicleta ou celebrando um gol com seu tradicional soco no ar. Parecia reclamar de alguma coisa, uma tabela não correspondida, sabe-se lá... O que havia de estupendo era uma enorme mancha de suor no peito, formando um perfeito coração. Coisa de outro mundo, como Pelé<sup>3</sup>.

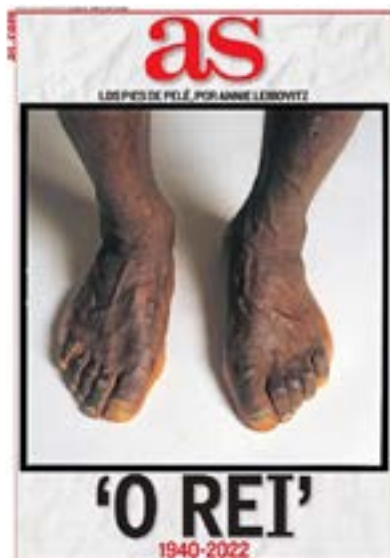
Mas por que antítese? Na *Placar*, vê-se Pelé por inteiro, mas sem os pés (desconheço se na original de Luiz Paulo Machado eles foram capturados pela câmera). Foram cortados e essa falta em nada interfere na fruição da imagem, porque, diante da (quase) inteireza do Rei e do coração desenhado na amarelinha, os pés tornam-se elementos secundários.

A grande jogada do *As* é que vemos Pelé sem ver Pelé. Somos convocados a olhar para o Rei como se o víssemos pela primeira vez, com olhos de poeta, diria Otto Lara Resende: "o poeta é capaz de ver pela primeira vez o que, de tão visto, ninguém vê"<sup>4</sup>. É a nossa mente que constrói, livremente, suas pernas, seu tronco, seus braços, sua face. E assim podemos imaginá-lo com a 10 colada às suas costas, socando o ar, fazendo ou errando gols antológicos. A nossa cabeça pensa onde os pés de Pelé pisam. Todos os Pelés estão naqueles pés – os históricos e os míticos; os passados, os presentes e os futuros. E eis que nos deparamos com o "óbvio ululante": os pés, sempre presentes nas glórias, sempre necessários às glórias, que sustentaram o Rei por onde quer que caminhasse – e caminhou pelo mundo todo. Sabemos quem é "O Rei"

<sup>3</sup> BARROS. *Pelé e eu*, p. 58.

<sup>4</sup> RESENDE. *Vista cansada*.

pelos pés. De repente, os pés de Pelé são todo o futebol, pois Pelé foi sua máxima expressão e seu limite, quiçá intransponível. A imagem transmuta-se em metonímia do próprio esporte. Na hora derradeira, os pés despem-se das chuteiras que os escondia e os protegia. Mortal, sujeito a passagem do tempo. Imortal, a um passo do paraíso.



Capa *Diário As*  
Fonte: *As*.



Capa *Placar*  
Fonte: *Placar*.

Muitas afirmações sobre Pelé transportam nossas mentes, adaptadas à curta duração de nossa passagem pela Terra, para escalas

temporais aterrorizantes, como fez Andy Warhol: “Pelé foi um dos poucos que contradisse a minha teoria: ao invés de 15 minutos de fama, terá 15 séculos”<sup>5</sup>. *Pelé eterno* (2004), filme de Anibal Massaini Neto, traz no título a intuição da glória perpétua. Mario Filho, em sua biografia do Rei, *Viagem em torno de Pelé* (1963), cujo título parece tratar Pelé como astro celestial (substitua Pelé por Sol, por exemplo), escreve que quando Pelé surgiu “nenhum elogio deixava de tocar na idade” e, então, afirma a atemporalidade daquele sujeito: “como se Pelé tivesse idade”<sup>6</sup>. Nelson Rodrigues, então, elabora uma centena de juízos similares: “um Pelé é inesquecível. Insisto: — apesar de toda a nossa ingratidão, Pelé é imortal”<sup>7</sup>.

A música também é lugar privilegiado para se observar como a cultura brasileira elege o Rei como tema e faz circular uma série de impressões sobre ele. Alcione, cantando samba de Altay Veloso e Paulo César Feital, “O Homem Dos Três Corações (Pelé)” (2020), nos dá a ver, no Olimpo, deuses atônitos:

Os deuses ao verem Arantes improvisar  
Assim como fazem artistas de jazz  
Que rompem as regras  
que nem Holiday no piano bar  
Perguntaram quem é esse homem  
de Três Corações a dançar  
Barishnikov com duas chuteiras nos pés<sup>8</sup>.

Os deuses, geralmente eles além das barreiras da inteligência humana, perdem as referências quando tentam compreender Pelé. Nesse colóquio divino, diante do improvisado do Rei, necessitam de comparações para procurar explicá-lo: Músico? Dançarino? O samba inverte o sentido da interpretação teológica: não é mais o homem que interpreta os deuses, mas os deuses que interpretam “o homem dos três corações”. O improvisado de Arantes não é previsto nem pelos desígnios supremos – Pelé dribla os deuses. Nem mesmo eles superam

<sup>5</sup> ANDY... *Folha de São Paulo*.

<sup>6</sup> RODRIGUES FILHO. *Viagem em torno de Pelé*, p. 117.

<sup>7</sup> RODRIGUES. *A pátria de chuteiras*, p. 32.

<sup>8</sup> ALCIONE. *O homem de três corações*.

os obstáculos hermenêuticos impostos por Pelé, dando corpo àquilo anotado por Wisnik quando diz que Pelé “silencia o intérprete”:

Paralisado por não poder explicar, antes de tudo como terá sido possível a um jogador dominar todas as instâncias do jogo, [...] e além do mais, adivinhar o jogo a sua volta, como se escaneasse o campo e o arrastasse consigo. A capacidade de dizimar defesas adversárias mudando o ritmo da investida, apontando como uma flecha em direção ao gol com arrancadas e paradas súbitas, fazendo a bola passar entre as pernas de um adversário e por cima da cabeça do adversário seguinte, com desnorante simplicidade e furor, fazem parte da reserva mais seleta dos exemplos de enfrentamento superior das curvas do tempo e do espaço, da fulguração do *insight* no instante, da produção da epifania da forma, da afirmação natural da majestade do corpo<sup>9</sup>.

Por fim, é a “voz do povo” que responde à pergunta olímpica, reafirmando a mística da consciência superior encarnada na simplicidade e clarividência popular, capaz de replicar, com altivez e segurança, a indagação divina: “A arquibancada gritou: é um astro tupiniquim”. Nelson Rodrigues, se tomasse parte nessa trama, poderia dizer: “Olhem Pelé [...] e caíam das nuvens”<sup>10</sup> e os seres divinos vibrariam de dentro do estádio.

Quando conversava com meu avô sobre o texto que eu pensava escrever sobre Pelé, ele tinha a suas próprias palavras para defini-lo: “Não se esqueça: neurônios, músculos e movimento. É fundamental destacar a sua capacidade mental, sua capacidade de previsão, sua destreza, sua arte de enganar”. Evaldo, o meu avô, 91 anos, faz parte de um grupo que antes de ver Pelé, ouviu Pelé. Hoje, fala sobre o que viu e ouviu na tentativa de explicar o que era a perfeição a seu neto que nasceu tempos depois do Rei já ter deixado os gramados.

Na citada edição histórica da *Placar* em homenagem ao Rei, descubro, pela coluna de Fábio Altman<sup>11</sup> que o físico, doutor em Tecnologia Nuclear e professor titular de Engenharia Biomédica na Universidade Federal do ABC, Marcos Duarte, provou (não é pouca coisa!) a perfeição mecânica nos movimentos da bicicleta de Pelé. Retorno, então, ao meu avô que, passados alguns minutos do fim da conversa, voltou ao cômodo

<sup>9</sup> WISNIK. *Veneno remédio*, p. 273-274.

<sup>10</sup> RODRIGUES. *A pátria de chuteiras*, p. 32.

<sup>11</sup> ALTMAN. *A bola como eterna amiga*.

em que me encontrava trazendo presa entre os lábios, como quem continuava pensando no assunto, a conclusão fatal: “A meta final de Pelé era vazar a meta”. Achei de uma feroz perspicácia. Poder-se-ia dizer que esse é o objetivo de qualquer atacante, quem sabe? Com uma diferença: outros atacantes não são Pelé. Esse tema, aliás, de “complexidade shakespeariana”, aparece com certa frequência em crônicas, depoimentos e músicas: “ser ou não ser Pelé?”. Ou então: “Quem sou eu nessa vida? Quem é você?”<sup>12</sup>. Em momento oportuno refletiremos sobre o assunto.

Fico com a frase de meu avô na cabeça e eis que leio Décio Pignatari assinalando a grandeza do domínio de Pelé sobre elementos básicos do futebol: “Poucos, [...] talvez ninguém, teve ou tem tanta sensibilidade e inteligência criativa para a relação básica do futebol: a relação bola-homem-campo, em função da meta”<sup>13</sup>. Também Tostão diz que Pelé “tinha um senso de praticidade, minimalista, de poucos movimentos do corpo. De já entrar na área chutando, no lugar certo, com uma perfeição muito grande”<sup>14</sup>. Alcione lembra a direção enviesada do craque: “Trincando os dentes, partiu com a bola em viés [da meta]”<sup>15</sup>. Mario Filho, em momento de felicíssima definição: “Era como um filme de longa-metragem, mas passando numa velocidade que só a ele era dado a ver. As hipóteses todas desfilavam diante dele. Pegava a melhor pelos cabelos”<sup>16</sup>.

Seguindo essa linha de raciocínio, em *A dança dos deuses*, Hilário Franco Júnior, escreve o seguinte:

É nessa superfície [grande área] que se localiza o lugar mais sagrado de todos – o gol, que corresponde perfeitamente à definição etimológica de altar. Ou seja, local “elevado” (a palavra latina *altare* vem de *altus*) tanto no plano moral (goal é “objetivo”, “meta” a ser atingida) quanto físico (com seus 2,44 metros de altura). O retângulo sagrado da grande área superpõe-se em parte a um círculo das mesmas dimensões que o do centro do campo. Círculo que tem parte visível fora daquele espaço (“meia-lua”) e a maior parte invisível dentro, a não ser pelo ponto central desse círculo incompleto – a marca do pênalti. O ponto sacrificial por excelência. É importante notar que, se há espaços privilegiados para o sacrifício,

<sup>12</sup> GIL; PELÉ. *Quem sou eu?*

<sup>13</sup> PIGNATARI. *Flama não se apaga*, p. 189.

<sup>14</sup> TOSTÃO. *Pelé é insuperável*.

<sup>15</sup> TOSTÃO. *Pelé é insuperável*.

<sup>16</sup> RODRIGUES FILHO. *Viagem em torno de Pelé*, p. 303.

este só se concretiza fora do espaço. A meta está fora do espaço, ela não faz parte do terreno de jogo. Somente quando o instrumento sacrificial, a bola, transpassa inteiramente os limites terrenos (no duplo sentido da palavra) é que ocorre o gol<sup>17</sup>.

Para Franco Jr., toda a dinâmica geométrica da composição do campo influi para a análise do futebol como “metáfora religiosa”, uma das tantas metáforas engendradas pelo esporte, segundo o pesquisador. Desta feita, temos na grande área um lugar diferenciado dos demais por nela estar o local mais sagrado do templo – o gol. A observação que mais nos interessa é a sublinhada, porque nela está a relação com o objetivo supremo do Rei: “vazar a meta”.

Ao continuar a explanação, o acontecimento que ocorre ao pesquisador para exemplificar a “metáfora religiosa” é, justamente, a “genial intuição de Pelé” ao

assinalar o fim da carreira [...] ajoelhando-se no ponto central do terreno com a bola entre as pernas e os braços em posição de cruz, voltando-se sucessivamente para os quatro lados do campo, os quatro pontos cardeais. Gesto que de certa forma sintetiza o significado religioso do futebol<sup>18</sup>.

Poderíamos acrescentar que essa dimensão ritual e sagrada que envolve o gesto de Pelé no centro do gramado, no momento final de sua carreira no Santos, é indissociável do fato de ter sido Pelé aquele que mais vezes “vazou a meta”, o que mais forjou o desconhecido “não-espaço” de jogo e que esteve onde mais ninguém esteve, “fora do espaço” por 1.283 vezes. Não havia, portanto, sacerdote mais habilitado que Pelé para realizar aquele derradeiro ritual. Nem o juiz ao encerrar a partida, muito menos o técnico ao realizar uma substituição, poderiam coordenar uma cerimônia em que tempo, espaço, regras seriam sublimados de maneira tão alucinante. Desconheço ato que provoque mais desordem e espanto no jogo de futebol àquele de pegar a bola com as mãos, durante o tempo regulamentar, sem autorização para fazê-lo. É a subversão absoluta do jogo de chutar a bola.

<sup>17</sup> FRANCO JÚNIOR. *A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura*, p. 275 (grifo nosso).

<sup>18</sup> FRANCO JÚNIOR. *A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura*, p. 275-276.

Foi com esse movimento, pegar a bola com as mãos no centro do gramado, que Pelé deu início à ritualização do fim de sua carreira. Ele, reconhecido pelo que fez com a bola nos pés, assinalava com a bola nas mãos, um corte profundo no futebol. A partir dali quem entrasse em campo, teria sido antes, durante ou depois da existência do Rei. A estupefação do público (e aqui todos que não eram Pelé eram público) contrasta com a consciência de Pelé em promover aquele alinhamento de astros – Pelé, bola, campo, estádio, estrelas –, e instaurar no mundo uma simetria que parecia transcender a imperfeição das coisas sublunares – “seria febril se não conservasse a lucidez de um meio-dia”<sup>19</sup>.

Até chegar a esse último instante, Pelé desfilou vasto brilho. Números do astro são musicados por Jorge Ben Jor, em “O nome do rei é Pelé” (2004):

Veio, viu e venceu  
Jogou 1375 partidas  
Fazendo a rede balançar constantemente  
Por 10 anos seguidos foi o artilheiro do campeonato paulista  
Participou de 50 campeonatos no Brasil e no exterior  
Com a realeza de fazer 1281 gols lindos  
De cabeça, de virada, de balãozinho, de bate pronto, de bicicleta, de carrinho, de letra, de peito, de peixinho, de falta, de penalty e nos incríveis gols de placa  
E no bendito milésimo gol  
Viva, Viva o atleta do século  
Salve a mágica  
A mágica da mágica camisa 10 de Pelé<sup>20</sup>.

Jorge Ben enaltece os gols que, por serem frutos do mágico Pelé, tornam-se todos eles lindos. Exaltando a particularidade de cada um, que somados alcançam inverossímil marca, acaba indo ao encontro da famosa frase de Carlos Drummond de Andrade:

O difícil, o extraordinário, não é fazer mil gols, como Pelé. É fazer um gol como Pelé. Aquele gol que gostaríamos tanto de fazer, que

<sup>19</sup> RODRIGUES FILHO. *Viagem em torno de Pelé*, p. 303.

<sup>20</sup> JOR. *O nome do rei é Pelé*.

nos sentimos maduros para fazer, mas que, diabolicamente, não se deixa fazer<sup>21</sup>.

Portanto, novamente, não somos Pelé. Todos os gols de Pelé, eram gols de Pelé. Eram mil, mas eram um.

Chico Buarque, em "Futebol" (1989), atualiza essa percepção do abismo que há entre sonhar/desejar fazer um gol como Pelé e perceber a diabólica impossibilidade em sua concretização – "Só se eu fosse o Rei":

Para estufar esse filó  
Como eu sonhei  
Só  
Se eu fosse o Rei<sup>22</sup>.

Em *Subterrâneos do futebol* (1965), de Maurício Capovilla, em dado momento, Luiz Carlos de Freitas –, o Feijão, que atuou no filme *O Rei Pelé* (1963), de Carlos Hugo Christensen, como o jovem Pelé, é entrevistado e revela o peso que recai sobre ele por ter realizado o papel: "Eu não quero ser Pelé, eu quero ser Luiz Carlos, quero ser um jogador com a minha própria personalidade e minha própria moral". Em seguida, o técnico Vicente Feola, vai na mesma linha dizendo que Feijão será colocado "no seu devido lugar" (sem qualquer conotação depreciativa, que fique claro), já que ele "não pode ser Pelé. Pelé é Pelé"<sup>23</sup>. E Pelé diz quem é em canção com Gilberto Gil: "Eu sou brasileiro, das Minas Gerais, afro-brasileiro em busca da paz"<sup>24</sup>.

Pode parecer trivial essa afirmação de identidade/não-identidade com Pelé, mas dentro de um esquema mitológico que vai se consolidando em torno do Rei, ser Pelé possui, como vimos, diversas implicações. Mario Filho escreve: "um brasileiro fora escolhido para ser Pelé"<sup>25</sup>, "Pelé era o Esperado. Um messias do futebol"<sup>26</sup>. O herói ungido, é sempre idêntico a

<sup>21</sup> ANDRADE. *Pelé: 1000*, p. 195.

<sup>22</sup> HOLLANDA. *Futebol*.

<sup>23</sup> CHRISTENSEN. *O Rei Pelé*.

<sup>24</sup> GIL; PELÉ. *Quem sou eu?*

<sup>25</sup> RODRIGUES FILHO. *Viagem em torno de Pelé*, p. 347.

<sup>26</sup> RODRIGUES FILHO. *Viagem em torno de Pelé*, p. 283.

si, “não queria ser melhor, queria ser o mesmo”<sup>27</sup>. Essa identidade também aparece na canção do MPB4, “Obrigado, Pelé” (1971), os músicos cantam: “É a glória/ E sempre humilde, sempre igual”<sup>28</sup>.

Nas biografias *Viagem em torno de Pelé* e *O Rei Pelé* (cinebiografia), a compreensão da existência de Pelé para Edson é um processo. Segundo as obras, Pelé foi se descobrindo Pelé, uma vez que houve um momento em que “ainda não se acostumara a ser pura e simplesmente Pelé”<sup>29</sup>. No filme, Edson, ou Dico (apelido de infância), não aceitava “ser Pelé”. A produção, fortemente marcada pelo olhar de Nelson Rodrigues sobre o jogador (Nelson escreve o argumento e os diálogos), trata Pelé como um predestinado. Quando de seu nascimento, uma vizinha pergunta à família: “Nasceu perfeito?”, “Sim!”, respondem. A simplicidade do questionamento sobre a saúde da criança ganha, no filme, dimensões escatológicas. A vidente Raimunda prevê: “Será rei do mundo!” e em outra passagem: “O Dico não pode morrer!”<sup>30</sup>. Perfeito, Rei e imortal, ainda antes de 1970.

Dentro dessas molduras elaboradas no filme, é curioso quando ouvimos o menino Dico, ao ser chamado de Pelé por amigos, retrucar e chorar no colo do pai, Dondinho: “Eu não sou Pelé! Eu não quero ser Pelé!”<sup>31</sup>. Contudo, era inútil lutar contra o fato irreversível de ser Pelé. Do seu nascimento às glórias mundiais (Copa do Mundo de 1958 e 1962, e Torneio Mundial de Clubes de 1962), todos os percalços enfrentados pelo jogador reafirmam o sentido unidirecional de sua trajetória em se descobrir Rei Pelé.

Entretanto, essa linearidade cronológica é subvertida no último momento, quando nos damos conta que a cena final é a cena inicial, o que confere à narrativa uma circularidade mítica. Essa característica do filme não é de toda uma “descoberta”, mas antes explicitada no decurso da história por um locutor esportivo: “Antes de nós, o mundo criará o mito de Pelé. O mito tomará conta do Brasil e tomará conta do mundo”<sup>32</sup>. O bom humor rodriguiano é percebido quando colocamos a afirmação do mito de Pelé lado-a-lado ao informe inicial da película: “Este filme está baseado em fatos

<sup>27</sup> RODRIGUES FILHO. *Viagem em torno de Pelé*, p. 351.

<sup>28</sup> MPB4. *Obrigado, Pelé*.

<sup>29</sup> RODRIGUES FILHO. *Viagem em torno de Pelé*, p. 240.

<sup>30</sup> CHRISTENSEN. *O Rei Pelé*.

<sup>31</sup> CHRISTENSEN. *O Rei Pelé*.

<sup>32</sup> CHRISTENSEN. *O Rei Pelé*.

absolutamente reais, segundo o depoimento do próprio Pelé, seus familiares e das pessoas que com ele conviveram desde sua infância<sup>33</sup>. Dessa forma, com graça, mas, sobretudo, com densidade profética, a história de Pelé coincidiria com o mito de Pelé. E seria esse mito o responsável por revelar um novo Brasil aos brasileiros. Depois de Pelé, o Brasil poderia passar por esse mesmo processo de aceitação e realização. Da mesma forma que Pelé passa da negação para a aceitação e realização. "Aprende-se, talvez, com Pelé. Mas não se imita Pelé", poderia dizer Pignatari, ao país<sup>34</sup>.

Acompanhando essa (teo)lógica, Pelé precisa ser Pelé, porque também carrega uma missão: "Em Pelé se sentia toda a grandeza do futebol como paixão do povo, como drama, como destino. Pelé era o próprio destino"<sup>35</sup>. Ao adicionar Pelé ao livro *O negro no futebol brasileiro* (1947) em sua ampliação de 1964, Mario Filho faz o Rei desempenhar função importante na história brasileira, completando "a obra da Princesa Isabel", libertando os negros "da maldição da cor. A escravidão da cor"<sup>36</sup>. A missão de Pelé, segundo Mario Filho, era "permitir que os pretos, brasileiros e de todo mundo, pudessem livremente ser pretos". Dessa forma, entrelaçava o destino da nação brasileira ao de Pelé, e vice-versa. Ainda, enquanto a promessa de liberdade "não se realizar, Pelé cresce como grande figura solitária"<sup>37</sup>. Pelé, na história brasileira, emergia como elo, "experiência comum"<sup>38</sup>, amarrando passado, presente e futuro do Brasil. Além disso, como um "rei taumaturgo", curava o país de seus vícios convertendo a certeza do atraso em promessa de esperança: "Vendo-o não havia quem não compreendesse por que o Brasil era campeão do mundo. Tudo se tornava claro, cristalino, transparente"<sup>39</sup>.

Portanto, é possível observar que muito já foi falado (cantado, desenhado, pintado, gravado, escrito, pensado) sobre Pelé. Como as proporções do personagem são colossais, é difícil, muito difícil, dizer algo novo sobre o Rei (Será necessário? O mito não se alimenta de repetições e

<sup>33</sup> CHRISTENSEN. *O Rei Pelé*.

<sup>34</sup> PIGNATARI. *Flama não se apaga*, p. 189.

<sup>35</sup> RODRIGUES FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 329.

<sup>36</sup> RODRIGUES FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 341.

<sup>37</sup> RODRIGUES FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 343.

<sup>38</sup> RODRIGUES FILHO. *Viagem em torno de Pelé*, p. 325.

<sup>39</sup> RODRIGUES FILHO. *Viagem em torno de Pelé*, p. 290.

reiteraões?). Quando o coração do Brasil grita, ouve-se “Pelé, Pelé”, como na música de Caetano Veloso (1977): “No meu coração da mata gritou Pelé, Pelé”. Força autêntica da cultura brasileira, “força com o pé na África”<sup>40</sup>.

Pelé é estranha abstração pela qual nos deparamos com a improvável coincidência entre o ideal e o real. Contudo, nesse encontro, não é o ideal que se degrada em real, mas o real que se converte em ideal. Elevam-se ambos. Ser concreto, ator das “jogadas encharcadas de imaginação”<sup>41</sup>. Símbolo máximo da perfeição estética e da utopia possível – “Na maré da utopia/ Banhar todo dia [...] / Não tendo utopia/ Não pia a beleza também”<sup>42</sup>. Expressão de um Brasil que não se intimida ante aqueles que esfaqueiam Di Cavalcanti – “absurdo, o Brasil pode ser um absurdo”<sup>43</sup>. Como fenômeno cultural, que se deu a ver nesse breve ensaio, seu nome está indelevelmente ligado à promessa de um mundo melhor, da esperança e da beleza. Sendo assim, vimos como a música, o cinema, a fotografia, a poesia e prosa acadêmica ou vernácula captam características do gênio e elaboram percepções estimuladas pelo Rei. E que no mundo continue havendo “Essa chama que move / A visão que comove” e que Pelé continue dizendo: “*Love, love, love*”<sup>44</sup>.

## Referências bibliográficas

- ALTMAN, Fábio. A bola como eterna amiga. *Placar*, São Paulo, v. 54, n. 1495, jan. 2023. p. 12-21.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Pelé: 1.000 (1969). In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Quando é dia de futebol*. Organização de Luis Mauricio Graña Drummond e Pedro Augusto Graña Drummond. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 195-197.
- ANDY Warhol disse que fama de Pelé não duraria 15 minutos, mas 15 séculos. Folha de São Paulo, São Paulo, 29 dez. 2022. Ilustrada. Disponível em: <https://l1nk.dev/KyZ2J>. Acesso em: 19 ago. 2024.
- BARROS, Maurício. Pelé & eu. *Placar*, São Paulo, v. 54, n. 1495, jan. 2023. p. 58-59.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LEIBOVITZ, Anne. Los pies de Pelé. *Madri: As*, ano LVI, n. 18.841, capa, 2022. Disponível em: <https://accesse.dev/aMjRU>. Acesso em: 19 ago. 2024.

<sup>40</sup> VELOSO. *Two Naira Fifty Kobo*.

<sup>41</sup> RODRIGUES. *A pátria de chuteiras*, p. 26.

<sup>42</sup> VELOSO. *Love, love, love*.

<sup>43</sup> VELOSO. *Love, love, love*.

<sup>44</sup> VELOSO. *Love, love, love*.

- MELO, V. A. Garrincha x Pelé: futebol, cinema, literatura e a construção da identidade nacional. In: MELO, Victor Andrade de; DRUMOND, Mauricio. *Esporte e cinema: novos olhares*. Rio de Janeiro, Apicuri, 2009. p. 221-259.
- ORICCHIO, Luiz Zanin. *Fome de bola: cinema e futebol no Brasil*. São Paulo, Imprensa Oficial, 2006.
- PLACAR. Pelé, 1940-2022. São Paulo: Placar, n. 1495, capa, 2023. Disponível em: <https://encr.pw/mIR0c>. Acesso em: 19 ago. 2024.
- PIGNATARI, Décio. Flama não se apaga. In: PIGNATARI, Décio. *Contracomunicação*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. p. 189-191.
- RESENDE, Otto Lara. Vista cansada. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 23 fev. 1992. Disponível em: <https://l1nq.com/BCzT2>. Acesso em: 28 fev. 2023.
- RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad x, 2010.
- RODRIGUES FILHO, Mario. *Viagem em torno de Pelé*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963.
- RODRIGUES, Nelson. Pelé, colega de Miguel Ângelo, Homero e Dante (1959). In: RODRIGUES, Nelson. *A pátria de chuteiras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013, p. 31-32.
- RODRIGUES, Nelson. Utopia fatal (1966). In: RODRIGUES, Nelson. *A pátria de chuteiras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. p. 46-47.
- SHELLEY, Percy Bysshe. *Ode ao Vento Oeste e outros poemas*. São Paulo: Hedra, 2009.
- TOSTÃO. 'Pelé é insuperável'. [S.l.]: ESPN, 2022. Entrevista concedida à ESPN. Disponível em: <https://acesse.dev/mS4e1>. Acesso em: 28 fev. 2023.
- WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

## Referências filmográficas

- O REI Pelé. Direção: Carlos Hugo Christensen. Produção: Haroldo C. de Almeida. Brasil: Denison Propaganda S/A, 1963. (54 min.), p&b.
- PELÉ Eterno. Direção e produção: Anibal Massaini Neto. Brasil: Universal Pictures do Brasil; United International Pictures, 2004. (121 min.), color.
- SUBTERRÂNEOS do Futebol. Direção: Maurice Capovilla. Produção: Thomaz Farkas. Brasil: Thomaz Farkas Filmes Culturais, 1965. (30 min.), p&b. Disponível em: <https://encr.pw/095Zj>. Acesso em: 28 fev. 2023.

## Referências musicais

- FUTEBOL. Chico Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: BMG, 1989. Disponível em: <https://l1nq.com/P9rNI>. Acesso em: 28 fev. 2023.
- LOVE, love, love. Caetano Veloso. Rio de Janeiro: Universal Music, 1978. Disponível em: <https://acesse.dev/6TSAm>. Acesso em: 28 fev. 2023.
- OBRIGADO, Pelé. MPB4. Rio de Janeiro: Philips, 1971.
- O HOMEM dos três corações (Pelé). Alcione. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2020. Disponível em: <https://l1nq.com/U7Mva>. Acesso em: 28 fev. 2023.

O NOME do rei é Pelé. Jorge Ben Jor. Rio de Janeiro: Universal Music, 2004. Disponível em: <https://acesse.dev/58q5e>. Acesso em: 28 fev. 2023.

QUEM sou eu? Gilberto Gil; Pelé. São Paulo: Cendi Music, 2014. Disponível em: <https://l1nq.com/S8I9O>. Acesso em: 28 fev. 2023.

TWO Naira Fifty Kobo. Caetano Veloso. Rio de Janeiro: Universal Music, 1977. Disponível em: <https://encr.pw/UITgH>. Acesso em: 28 fev. 2023.

**Em plena carreira**



# A Copa do Mundo de 1986 e as músicas que (não) saíram da cabeça dos brasileiros

André Alexandre Guimarães Couto

## Brevíssimas notas de apresentação

A Copa do Mundo FIFA de futebol masculino de 1986 encontrou logo de início muitas dificuldades para os seus organizadores<sup>1</sup>. Fora pensada inicialmente para ser sediada na Colômbia, mas devido a muitos problemas econômicos, sociais e políticos encontrados neste país, obrigou a FIFA a procurar uma nova sede ainda em 1982. Cabe lembrar que a decisão partiu do então recém-eleito governo colombiano, liderado pelo presidente Belisário Betancour do Partido Conservador<sup>2</sup>. A maior competição de futebol no planeta foi oferecida para outros países como Brasil, Estados Unidos e Canadá, com um duplo objetivo: não tirar o evento do continente americano, por conta de compromissos comerciais com patrocinadores e subsidiárias comerciais locais e, também, não promover outra edição em território europeu, tendo em vista que a FIFA buscava um revezamento entre América e Europa, para atender a sua expansão política, esportiva e comercial/financeira pelo globo<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Doravante denominaremos apenas como Copa de 1986.

<sup>2</sup> MÁXIMO; NETO. *A Copa que não houve*, 2013. Apesar de ter alegado problemas econômicos, outros fatores contribuíram para a desistência do governo colombiano, como a luta sangrenta contra a guerrilha interna de esquerda e contra o narcotráfico daquele país. Além, é claro, da recusa das exigências da FIFA, que se tornaram mais dispendiosas para os países-sede a partir da gestão de João Havelange.

<sup>3</sup> Lembrando que a Copa anterior, em 1982, tinha sido disputada na Espanha. De fato, o revezamento ocorria desde 1958, mas foi com o brasileiro João Havelange à frente da FIFA no período de 1974 a 1998 que esta estratégia da instituição esportiva foi bastante defendida pelo alto escalão da entidade.

O escolhido, então, foi o México, país que já havia sediado o evento em 1970 e que, apesar de ter sido em outro formato, era considerado um bom exemplo de organização e de sucesso comercial. Uma solução perfeita para a FIFA que buscava uma ampliação de sua marca e de seus respectivos negócios.

Próximo da realização da competição, o Brasil respirava uma boa expectativa em torno da seleção brasileira que iria disputar os jogos. Após se classificar diretamente num grupo que tinha apenas três equipes (ao lado de Paraguai e Bolívia), com duas vitórias e dois empates, o selecionado nacional tentava ganhar a confiança da torcida brasileira após a derrota traumática na Copa anterior, quando era considerada uma grande favorita a ganhar o título, por conta do seu desempenho em campo durante o torneio e também pela quantidade de ótimos jogadores que a integravam.

O treinador, Telê Santana, o mesmo de 1982, considerado promotor de um esquema tático e técnico ofensivo, tentava superar também os erros defensivos na formação da nova equipe<sup>4</sup>. Na verdade, vários jogadores eram da mesma geração anterior, como Edinho, Zico e Sócrates, porém, agora, mais envelhecidos e alguns com problemas físicos recentes<sup>5</sup>. Por outro lado, outros jogadores estreavam em participação em Copa do Mundo, como os atacantes Müller, Casagrande e Careca, dentre outros, após se destacarem em seus respectivos clubes. A seleção sofreria uma baixa considerável com a não convocação dos jogadores Renato Gaúcho e Leandro, que não foram para o torneio, apesar de terem sido titulares durante os jogos eliminatórios. Ambos se envolveram em uma situação de indisciplina, justamente numa equipe treinada por Telê, que possuía uma característica bem peculiar: era um disciplinador, inclusive fora do campo<sup>6</sup>.

<sup>4</sup> Telê só assumiu a seleção novamente às vésperas das eliminatórias, em 1985, após a passagem mal-sucedida de outros treinadores no ciclo 1982-1985, como Carlos Alberto Parreira, Eduardo Antunes Coimbra e Evaristo de Macedo.

<sup>5</sup> Além destes, podemos citar a participação de Falcão, Júnior e Carlos, também presentes em 1982. Dos jogadores que estavam recém lesionados, Zico era o mais conhecido, mas o meia Valdo também tinha problemas de saúde, próximo da convocação.

<sup>6</sup> Apesar de os dois jogadores terem participado da indisciplina que, no caso, fora o fato de chegarem atrasados e de madrugada no hotel da concentração onde a equipe estava, o jogador Leandro tinha sido perdoado pelo treinador. Todavia, em solidariedade a Renato, Leandro se recusou a ir para a Copa.

Apesar de termos um time menos jovem e brilhante do que o da Copa anterior, o otimismo ainda poderia ser observado em parte da imprensa esportiva e nas campanhas publicitárias, em especial na televisão brasileira. O clima de expectativa em torno da competição era no contexto nacional mais um motivo de esperança para a população brasileira, que vivia um novo momento da história do país.

O Brasil saíra um ano antes de um período de duas décadas de ditadura militar (1964-1985) e, também, de um luto pela morte do então presidente eleito (indiretamente) Tancredo Neves, por questões de saúde. Apesar deste último evento, ainda prevalecia uma onda de esperança e otimismo na retomada da democracia, que se manifestava no campo da imprensa, das artes e dos debates políticos na sociedade civil. Com a posse do vice-presidente, José Sarney, político considerado conservador e de origem arenista, era visto como governante que representava o interesse das elites oligárquicas do nordeste brasileiro, mas que tinha em sua equipe econômica, representantes do pensamento liberal<sup>7</sup>.

Se do ponto de vista político havia uma euforia em torno da retomada de um processo democrático inicial (ainda sem eleições para presidente, que só ocorreriam em 1989), apesar de todo o conservadorismo que ainda prevalecia no país, a economia ainda era tema de muito desgaste para o novo governo. E, principalmente, era motivo de severa insatisfação das classes sociais menos privilegiadas. De acordo com Ferreira:

[o]s trabalhadores e a população mais pobre sofriam com o aumento dos preços. As classes médias e os ricos tinham como se defender com as aplicações financeiras. Os trabalhadores perdiam todo mês<sup>8</sup>.

Para este autor, a classe trabalhadora mais pobre adotava a estratégia de gastar logo o salário que recebia em busca dos mantimentos básicos, porque os índices inflacionários eram muito altos, elevando os preços todos os dias<sup>9</sup>.

<sup>7</sup> Como no caso da indicação para a Presidência do Banco Central, o liberal Antônio Carlos Lemgruber, e da Presidência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), o industrial Dilson Funaro.

<sup>8</sup> FERREIRA. *O presidente acidental*: José Sarney e a transição democrática.

<sup>9</sup> FERREIRA. *O presidente acidental*: José Sarney e a transição democrática. De acordo com Ferreira, o índice da inflação anual era previsto, em agosto de 1985, para 300%.

Neste contexto de economia debilitada, inflação alta e insatisfação popular, o governo Sarney lançou em fevereiro de 1986 o Plano Cruzado, um pacote econômico substancial tendo medidas significativas como o congelamento de preços, salários e contratos, além da criação de uma nova moeda: o cruzado. De acordo com Ferreira<sup>10</sup>, o plano foi bem-sucedido, diminuindo bastante a inflação e aumentando o crédito, o consumo e o emprego. O governo aumentava sua popularidade e, mais do que isso, aproximava-se das camadas menos favorecidas da sociedade, criando-se um vínculo raro entre população e Estado por meio da sinergia entre os órgãos fiscalizadores oficiais (a SUNAB – Superintendência de Abastecimento e Preços, por exemplo) e os cidadãos comuns, chamados pela imprensa como os “fiscais do Sarney”.

Tais medidas, no entanto, teriam o efeito reduzido em curto prazo, mas já eram suficientes para garantir governabilidade e popularidade para o governo federal no ano de 1986. Isso viabilizaria o projeto governista de eleger uma bancada forte e numerosa para a Assembleia Nacional Constituinte nas eleições de novembro, assim como a ampla maioria dos candidatos a governadores de estado.

Nesse meio tempo, a euforia também se manifestava com a Copa e a possibilidade de sucesso na empreitada esportiva. Desta forma, algumas músicas foram importantes para tentar apreender esse momento esportivo, seja como símbolo das transmissões televisivas, seja como uma manifestação cultural de uma importante cantora da música popular brasileira ou, ainda, como uma forma de recriar um sucesso como na Copa anterior, buscando nos atletas o caminho de promover um possível “hino” da seleção nacional.

## **Pensando sobre as músicas da Copa de 86**

A Copa de 1986 teve uma das melhores coberturas televisivas no Brasil, o que não tinha sido visto na anterior (com o monopólio da *Rede Globo*). Nesta, no entanto, cinco emissoras brasileiras cobriram os jogos, disputando o público telespectador como nunca antes havia ocorrido na televisão nacional. *Globo*, *Manchete*, *Bandeirantes* e *Record/SBT* (neste

<sup>10</sup> FERREIRA. *O presidente acidental: José Sarney e a transição democrática*.

caso, estas duas fizeram um *pool*, unindo recursos humanos, técnicos e financeiros na empreitada esportiva).

Desta forma, a *Rede Globo*, que tinha concorrência como não havia antes, utilizou uma estratégia para assegurar a fidelização do seu público junto ao evento: a criação de uma música tema da emissora, específica para aquela Copa. Surgiu, assim, o *jingle* “Mexe, coração”, composto por Michael Sullivan, Paulo Massadas e Luiz Campos. Não por acaso, a dupla Sullivan e Massadas era, nos anos 1980, uma das mais atuantes na música popular brasileira, tendo atuado durante quinze anos em aproximadamente setecentas canções, atendendo a artistas de várias nuances da música nacional<sup>11</sup> Campos eventualmente atuava com esta dupla, que era bem conhecida no mundo musical e televisivo, e o convite foi prontamente atendido. Os intérpretes foram formados por um grupo vocal chamado de “Turma da Seleção”.

Com uma letra simples e cujo objetivo era ativar o imaginário e a paixão do torcedor/telespectador, a canção/*jingle* tinha uma letra “fácil” e um ritmo carnavalesco, buscando a associação entre o sentimento de orgulho nacional, o gosto e a expectativa do ato de torcer e a conjuntura festiva de uma Copa do Mundo de futebol. Como podemos observar na letra abaixo, esta fórmula visava à aproximação íntima da emissora com seu público, criando uma identidade sonora que se perpetuaria para além daquela competição:

### ***Mexe, coração***

Mexe, mexe, mexe, coração  
Vamos que vamos que a bola vai rolar  
Mexe, mexe, mexe, coração  
Tanta emoção vai ser difícil segurar

<sup>11</sup> Sullivan e Massadas foram responsáveis por sucessos musicais como, por exemplo, “Um dia de domingo” (Tim Maia e Gal Costa); “Deslizes” (Fágner); “Whisky a Go” (Roupa Nova); “Lua de Cristal” (Xuxa) e “Talismã” (Leandro & Leonardo). Luiz Campos escreveria outras composições sobre o Brasil nas Copas de 1990 e 1994.

Vai mais, vai mais, Brasil  
Povo guerreiro, mensageiro da esperança

Vai no peito e na raça buscar nossa taça  
E ensinar pro mundo inteiro a sua dança!  
Vai no peito e na raça buscar nossa taça  
E ensinar pro mundo inteiro a sua dança!

Ginga pra lá (gol)  
Ginga pra cá (Brasil)  
E reviver mais uma vez a emoção  
Ginga pra lá (gol)  
Ginga pra cá (Brasil)  
Gritar pro mundo que o Brasil é campeão<sup>12</sup>

A letra acima tem algumas características que merecem alguns detalhes analíticos. A começar pelo título, “Mexe, Coração” é um jogo de palavras com o país sede da Copa, o México, e com a escolha de um verbo que denota ação, movimento, participação direta na relação entre torcedor e Seleção Brasileira. Toda esta relação, motivada por sentimentos, paixões e afetos oriundos do interesse pelo esporte, era mediada por uma emissora de televisão, cuja ferramenta era um misto de música, carnaval e imagens. Cabe lembrar que o *jingle* era apresentado com um vídeo clipe de aproximadamente um minuto e um segundo, com imagens de grandes seleções brasileiras do passado em momentos históricos como os gols na Copa da Suécia em 1958, do México em 1970 e da Espanha em 1982. No final do clipe, o narrador Osmar Santos aparecia em tela (usando os equipamentos de transmissão) e dizia a seguinte frase “Vamo que vamo, Brasil! Quem já foi tri, tem que virar o jogo!”<sup>13</sup>. Logo a seguir, aparecia uma imagem da “mascote” da emissora para a Copa, um personagem

<sup>12</sup> SULLIVAN; MASSADAS; CAMPOS. *Mexe, coração*.

<sup>13</sup> Osmar Santos era o principal locutor esportivo da *Rede Globo* na Copa de 1986. Tinha uma carreira oriunda das rádios, onde atuou em diversas emissoras, como *Jovem Pan* (1972-1976), *Globo* (1977-1988 e 1991-1994) e *Record* (1988-1991). Posteriormente, trabalhou em outras emissoras de televisão, como *Manchete* e *Record*. O vídeo clipe pode ser visualizado em: <https://11nq.com/AXXE7>. Acesso em: 14 mar. 2023.

humano chamado Arakem, mais uma ferramenta midiática para associar transmissão esportiva com entretenimento<sup>14</sup>. Por fim, o vídeo fechava com a logomarca da empresa para o evento, um globo prateado cortado por uma bola preta e branca onde se lia “Copa 86”.

Sobre o conteúdo da letra, os versos curtos buscavam uma rima fácil e traziam palavras-chave e associativas como “bola” e “coração”, como se esta última pudesse assumir o papel da primeira. “Emoção” e “esperança” acomodavam a expectativa em torno da exploração dos sentimentos e paixões. Sobre esta última palavra, o trio compositor criava representações clássicas da população brasileira e do país como os usos da expressão “povo guerreiro”, “no peito e na raça” e “mensageiro da esperança”. Finalmente, a metáfora do futebol como uma “dança” aparece na parte mais popular da canção/*jingle*: “ginga pra cá, ginga para lá” e retoma a ideia do brasileiro como artista em si, principalmente no que se refere à sua capacidade de se expressar. E, neste caso, uma expressão do corpo, na prática do futebol. Representações criadas e reproduzidas ao longo da história do futebol no Brasil e que são dadas como verdades por vezes até pelo meio acadêmico.

Enfim, a *Globo* conseguiu atingir seu objetivo ao criar uma música capaz de mobilizar seu público expectador, com todos os ingredientes emotivos e passionais do mundo esportivo e do ato de torcer, acrescidos de imagens de um passado heroico, vencedor e/ou talentoso do futebol brasileiro. Não obstante, nesta mesma campanha da emissora o sexismo também estava presente, especificamente nas vinhetas e aparições do personagem Arakem, cercado por mulheres belas e com poucas roupas.

A gravadora Som Livre (empresa naquela ocasião das Organizações Globo) lançaria, ainda neste ano de 1986, uma coletânea chamada de *Mexicoração*, com várias canções temáticas sobre futebol e Seleção Brasileira em Copas<sup>15</sup>.

<sup>14</sup> O personagem era interpretado pelo documentarista e ator José Antônio de Barros Freire. Era um homem comum que aparecia ao lado de mulheres e provocava os rivais do Brasil na Copa. No clipe em questão, ele também era visto em primeiro plano, cercado de mulheres bonitas com *tops* e *shorts* apertados e, ao fundo, outras pessoas simbolizando a torcida brasileira. Todos vestidos de verde e amarelo.

<sup>15</sup> Dentre as doze faixas deste LP, além de “Mexê, Coração” e “70 neles”, destacamos “Pra frente Brasil” e “Povo Feliz” (Voá Canarinho). A lista das demais canções pode ser visualizada em: <https://encr.pw/>

Uma destas, e que marcou a participação brasileira na Copa de 1986, foi composta por Vicente de Paula Salvia e Antonio Edgard Gianullo<sup>16</sup>. Tratava-se de “70 neles”, interpretada pela já consagrada cantora da música popular brasileira, Gal Costa. Buscava-se uma fórmula bem planejada: somavam-se dois músicos experientes, tanto na MPB como no meio publicitário, a uma intérprete famosa e talentosa. Tinha-se o resultado esperado: uma canção que não só marcou a expectativa do brasileiro naquela Copa, mas que se perpetuou para além dela. Na verdade, mais do que uma canção, o resultado fora um “hino” nacional para aquela competição. Um *jingle* que não vendia qualquer outro produto, a não ser representações culturais de uma brasilidade construída a base do futebol. A RCA no Brasil, gravadora subsidiária naquela ocasião da norte-americana RCA (Radio Corporation of America) Records, batia uma grande meta, ao conseguir veicular com muito sucesso a música nas rádios e televisão, além das vendas dos LPS<sup>17</sup>. Podemos observar na letra da canção, logo abaixo, algumas das representações criadas pela dupla de compositores:

### **70 neles**

Vai começar de novo  
É novamente tempo de paixão  
Prepare o coração  
Bate pé  
É Brasil outra vez  
Com a bola no pé  
Com uma coragem nova  
Se a vida é uma prova  
Estamos aí pra vencer

QdhyN. Acesso em: 19 mar. 2023. A Som Livre foi vendida em 2021 para a Sony Music Entertainment.

<sup>16</sup> Falecido em 2012, Vicente de Paula Salvia (conhecido no mundo artístico como Vitché) era tecladista e compositor, tendo trabalhado com músicos da Jovem Guarda como Wanderléa e Roberto Carlos nos anos 1960 e 1970. Fez várias músicas para campanhas publicitárias de empresas para televisão e rádio, além de trilhas sonoras para filmes diversos, inclusive, para temáticos sobre futebol, como *Pelé Eterno*, de Aníbal Massaini, e *Futebol – O sonho*, de João Moreira Salles e Arthur Fontes. Antonio Edgard Gianullo, o “Jacó”, é violonista e guitarrista, tendo larga experiência como músico no acompanhamento de nomes da MPB e, também, na composição de campanhas publicitárias.

<sup>17</sup> No ano de 1986, a RCA Records passaria momentaneamente a ser controlada pela *General Electric* (durante um ano). Nos dias de hoje, a *Sony Music Entertainment* detém o controle acionário.

O mundo inteiro vai ver como é  
Brasil outra vez em pé

Oh-oh-oh-oh, oh-oh-oh-oh  
Um grito novo a torcida uniu  
Setenta neles outra vez Brasil  
Oh-oh-oh-oh, oh-oh-oh-oh  
Um grito novo a torcida uniu  
Setenta neles  
Setenta neles  
Setenta neles outra vez Brasil

No coração da gente  
Uma esperança quente  
O pé do nosso craque  
Que luta, que dribla  
Que chuta, que marca o gol  
Gritar um grito novo  
O grito do povo  
Coro que traz a emoção  
Mostra que a força do povo é que é  
Brasil outra vez em pé

Oh-oh-oh-oh, oh-oh-oh-oh  
Um grito novo a torcida uniu  
Setenta neles outra vez Brasil  
Oh-oh-oh-oh, oh-oh-oh-oh  
Um grito novo a torcida uniu  
Setenta neles  
Setenta neles  
Setenta neles outra vez Brasil  
Oh-oh-oh-oh, oh-oh-oh-oh  
Um grito novo a torcida uniu  
Setenta neles outra vez Brasil<sup>18</sup>

<sup>18</sup> SALVIA e GIANULLO. *70 neles*.

A primeira delas, presente no título, é a lembrança da conquista da Seleção Brasileira em 1970, justamente no mesmo país de agora, o México. Representação presente em muitas músicas que retratam o selecionado nacional, a lembrança de um passado glorioso e vencedor, além do ufanismo baseado na técnica e talento “inatos” de nossos jogadores, pois, no fundo, simbolizam sua própria gente. Para tanto, nesta canção específica, o que temos são os usos de palavras que se repetem em outras músicas, como, por exemplo, “bola”, “pé” e “coração”. A conexão entre a prática esportiva específica e as emoções decorrentes da torcida persistem em outras palavras e expressões, como “vencer”, “paixão”, “esperança” e “coragem”.

Mais uma vez, também temos o uso recorrente da característica guerreira e lutadora do povo brasileiro, convocando para mais esta batalha nos seguintes versos: “Se a vida é uma prova/ Estamos aí pra vencer”. Ou seja, se o indivíduo, enquanto integrante da sociedade tem que lutar no seu cotidiano, a disputa pelos nossos atletas, nos representando, seria mais uma etapa desta jornada. Porém, uma etapa a ser conquistada pela união de um povo e não do indivíduo, dinamizada pelo ritmo do “grito” da torcida, ou seja, pelo “coro que traz a emoção”. E, por sua vez, este mesmo ritmo “mostra que a força do povo é que é”. Enfim, a música proposta como hino da torcida brasileira na Copa apresenta representações clássicas envolvendo esporte, torcida e suas respectivas emoções e sentimentos, sem esquecer do enaltecimento da ideia de um povo lutador.

O vídeo oficial de “70 neles” tem um ritmo bastante acelerado, com a intenção de trazer as mesmas representações incluídas na letra, porém, com imagens múltiplas e diversas<sup>19</sup>. Nos parece que a produção do videoclipe teve a proposta de incluir o maior número possível de informações imagéticas. O resultado é uma produção que visa apresentar uma preparação para o evento esportivo. A costura de uma bandeira, realçando também o ofício do(a) trabalhador(a); uma bola de futebol sendo enchida de ar; outras bolas de gás preparadas como numa grande festa; atletas amarrando os *shorts* e o cadarço da chuteira,

<sup>19</sup> O vídeo oficial tem duração de um minuto e 56 segundos e pode ser visualizado em: <https://encr.pw/fBGnO>. Acesso em 23 fev. 2024.

são etapas de arrumação de um festival nacional, um verdadeiro pacto entre torcida e selecionado. Cenas entremeadas com outras, como a própria imagem da cantora Gal Costa, de ruas sendo pintadas com temas das cores do país, uma tradição nas ruas brasileiras durante as Copas do mundo de futebol ou, ainda, de instrumentos de metal sendo tocados, seguindo o ritmo da música.

Não falta, inclusive, representação de beleza da mulher brasileira, já que surge uma imagem de uma jovem bronzeada de biquíni (obviamente com as cores verde e amarelo), com *close* para as nádegas em cima de uma toalha de praia, em que se pode ler “70 neles”. Em outro momento, ainda na parte inicial do clipe, uma cena focaliza justamente as partes íntimas frontais de uma mulher saindo da água da praia em direção à areia, com o biquíni inferior nas cores verde e amarelo<sup>20</sup>. Cenas rápidas, mas que não escondem algumas representações estereotipadas e sexistas de parte do povo brasileiro.

No restante do vídeo (meio e final), temos imagens de vários gols da campanha brasileira na Copa de 1970, com direito a cenas teatraalizadas de torcedores vibrando com radinhos de pilha ao ouvido. Mais uma representação da união entre torcida e atletas. Inclusive, a imagem da praia segue no clipe para além das cenas sexistas, com a presença inclusive do ex-jogador Jairzinho trocando bolas com uma moça<sup>21</sup>. Praia, futebol, futebol de praia. Roberto Rivellino também aparece no clipe, na janela de um prédio jogando confete em torcedores que desfilam pela rua em clima de festa carnavalesca<sup>22</sup>.

Dois cenas finais ainda chamam a atenção: a primeira é um momento histórico, quando manifestantes brasileiros em Brasília desfraldam uma bandeira gigante em 1984 pela aprovação da emenda Dante de Oliveira, no movimento pelas “Diretas Já”<sup>23</sup>. A segunda, encenada, traz elementos da religiosidade afro-brasileira, com uso de

<sup>20</sup> Outras duas breves cenas com mulheres de biquíni aparecem rapidamente na parte final do vídeo.

<sup>21</sup> Jair Ventura Filho, o Jairzinho, foi um dos principais nomes da seleção brasileira na Copa de 1970, anotando sete gols em seis partidas. Inclusive, fez gols em todos os jogos.

<sup>22</sup> Em duas cenas rápidas, temos a presença de um palhaço, combinando com o clima festivo e carnavalesco da produção.

<sup>23</sup> Apesar de a referida emenda não ter sido aprovada no Congresso Nacional, o movimento pelas “Diretas Já” foi representativo na luta pela redemocratização e pelo final da Ditadura Militar brasileira.

tambores, roupas brancas e oferendas ao mar (provavelmente a Iemanjá). Como informamos anteriormente, em menos de dois minutos, a canção é apresentada como um rol de representações da cultura do torcedor e de uma ideia de brasilidade, com peças vinculadas ao lazer, carnaval, religiosidade e exploração do corpo feminino. Um grande mosaico de construções que resultou numa música, (re)conhecida até hoje.

Finalmente, apresentamos outra canção, bem menos conhecida que as duas anteriores analisadas neste breve estudo. Curiosamente, foi gravada pela indústria fonográfica (neste caso, no Brasil, pela gravadora Top Tape), com um detalhe em particular: seus intérpretes eram os próprios jogadores da Seleção Brasileira. Num ritmo parecido com os sambas de enredo das escolas de samba do Rio de Janeiro, a música era o “carro chefe” de um disco em formato de LP, chamado “O mundo é Verde-Amarelo”. Na verdade, era uma coletânea de canções temáticas, voltadas para o futebol nacional, Seleção Brasileira e/ou Copa do Mundo<sup>24</sup>. Sobre a principal, composta por Roberto Nascimento, temos a seguinte letra:

Canta Brasil, ô ô

Que hoje é tempo de esperança  
Todo mundo tá na dança  
O mundo é verde-amarelo outra vez

Torce Brasil  
De mãos dadas com a gente  
Com suor, unhas e dentes

Partir pra cima com fé  
A vitória é a lei  
Juntos Brasil

<sup>24</sup> O LP foi gravado com doze músicas e teve edição no Brasil e no México. Eram canções assinadas e/ou cantadas por compositores e intérpretes de samba, como Nei Lopes, Almir de Araújo, Carlinhos de Pilares e Alceu do Cavaco. Alguns títulos eram bem curiosos como “No ano da Copa bota no meio”, “Sarro na Copa” e “Brazil não seremos jamais, ou seremos?”. Não tivemos acesso às demais músicas ou ao próprio LP, mas sim à sua capa, por meio do site: <https://encr.pw/DkrOe>. Acesso em: 19 mar. 2023. O clipe da música se encontra em: <https://acesse.dev/cpOrN>. Acesso em: 19 mar. 2023.

Vamos arrancar o tetra  
Não importa gol de letra  
O negócio é a raça  
Pra ter na cabeça a coroa de rei!

Explode Brasil  
De mãos dadas como Hermanos  
Faz sorrir aos mexicanos  
Cielito lindo otra vez!

Ai ai ai ai  
Canta y no llores  
Brasil cuando entra en la cancha  
Son miles de goles  
Um jardin de flores

Ai ai ai ai  
Vai chegando a hora  
O dia já vem raiando, meu bem,  
Eu tenho que ir embora<sup>25</sup>

A música acima tentava repetir o sucesso artístico de um “hino” não oficial da Seleção Brasileira na Copa anterior. Na ocasião, apenas o jogador Júnior gravara um compacto com a música “Povo Feliz”, que ficou mais conhecida pela frase “Voa, Canarinho”<sup>26</sup>. Todavia, a canção, em sua parte final, trazia um trecho de “Cielito lindo”<sup>27</sup>, assim como a estrofe de uma versão brasileira chamada “Está chegando a hora”<sup>28</sup>. Era uma

<sup>25</sup> NASCIMENTO. *Samba verde-amarelo*. Roberto Vieira do Nascimento (1940-2019) era compositor e violonista brasileiro. Radicado no México em 1986, já tinha composto o tema oficial da Copa de 1970, “Futbol México 70”, interpretada por *Los Hermanos Zavala*.

<sup>26</sup> O compacto foi gravado pela RCA e a música, composta por Memeco (1940-1988, Jorge Américo de Souza, jogador de voleibol e compositor) e Nonô do Jacarezinho (Claudionor Santana ou Nonô Crioulo, compositor de samba). De acordo com LUNA. *No compasso da bola*, o compacto foi um sucesso, com cerca de 620 mil cópias vendidas, recebendo inclusive disco de ouro e grande destaque na mídia. Como já informamos anteriormente, a música foi regravada para a Copa de 1986 e incluída também em coletâneas como *Mexicoraração* (Som Livre).

<sup>27</sup> CORTÉS. *Cielito lindo*.

<sup>28</sup> “*Cielito lindo*” foi composta em 1882 por Quirino Mendoza y Cortés e se tornou um dos maiores sucessos da música popular mexicana. Em 1941, Rubens Campos e Henricão compuseram uma versão

clara homenagem a um clássico da música e cultura mexicanas. Com um ritmo de samba-enredo, a letra enfatizava a união entre torcida e equipe, importante para a campanha brasileira naquele país.

Nos versos “Vamos arrancar o tetra/ Não importa gol de letra/ O negócio é a raça”, os intérpretes parecem dar um “recado” para quem quisesse ouvir: se a seleção não era tão técnica quanto a anterior, ao menos não faltaria raça e vontade de interromper o tempo de dezesseis anos sem o título mundial. No clipe oficial, em aproximadamente três minutos e vinte segundos, os jogadores iniciavam uma jornada em um ônibus, sendo saudados pela torcida do lado de fora. Ao longo do vídeo, a preparação nos vestiários, inclusive com a presença da comissão técnica (massagista e preparador físico, por exemplo) são entremeadas pelos intérpretes unidos e sorridentes cantando nos estúdios de gravação. Do meio para o final, gols da seleção em jogos recentes são apresentados e, finalmente, a confraternização dos atletas com o cantorio de “Brasil! México! Brasil! México!”.

### **Considerações possíveis**

O ano de 1986 trazia para os brasileiros um clima de otimismo. Acreditava-se que um governo civil (mesmo que eleito indiretamente) pudesse levar o país e sua população para uma abertura democrática e cidadã, além de interromper um ciclo de inflação alta e custo de vista frenético, em especial para os mais pobres. No campo esportivo, uma Copa do Mundo de futebol também trazia esperança de superação do que ocorrera em 1982, quando a seleção era favorita, mas não conseguira o título. Mesmo sem o brilho da equipe anterior, havia talentos suficientes para sairmos da fila da conquista desde 1970. E voltávamos ao México. Mote para a produção cultural e musical brasileira se manifestar na indústria fonográfica, que apesar da crise econômica e das oscilações do mercado musical nos anos 1980, há um crescimento no consumo de discos no período entre os anos 1985 e 1986<sup>29</sup>.

De uma campanha publicitária televisiva, passando por uma regravação de uma canção em formato de *jingle* e até mesmo a tentativa da criação de um “hino” oficial da Seleção Brasileira, algumas

no Brasil, “Está chegando a hora”.

<sup>29</sup> PAIXÃO. *A indústria fonográfica como mediadora entre a música e a sociedade*, p. 62-64.

das representações clássicas do futebol e da sociedade nacional foram exploradas, como, por exemplo, o tom carnavalesco, o samba, a nudez feminina, a cultura de praia, a união entre torcida e equipe e a raça do povo (que se manifesta para os atletas).

Há que se aprofundar melhor as relações entre o mundo do esporte e da música, suas conexões enquanto mercado, indústria, grupos sociais, tendências musicais, pessoas, instituições, meios de comunicação. Para tanto, enfatizamos a importância e a necessidade de estudos sobre esportes buscarem outros formatos de fontes, como letras, músicas, narrativas literárias, filmes, peças publicitárias, selos, material impresso diverso, vídeos não oficiais e tantas outras possibilidades.

## Referências bibliográficas

ABRAMUS. Belo Horizonte, 2023. Nota de pêsames: vicente de Paula Salvia. Disponível em: <https://encr.pw/cBsgs>. Acesso em: 19 mar. 2023.

DICIONÁRIO Cravo Albin da Música Popular Brasileira. Belo Horizonte, 2023. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/>. Acesso em 19 mar. 2023.

FERREIRA, Jorge. O presidente acidental: José Sarney e a transição democrática. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano: O Tempo da Nova República - v. 5: Da transição democrática à crise política de 2016*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

GIANULLO, Edgard. Entrevista com o violonista, compositor-intérprete, ator e publicitário Edgard Gianullo para o blog do clube do choro de santos. Entrevista concedida a Zé do Camarim. Disponível em: <https://encr.pw/W29qp>. Acesso em: 19 mar. 2023.

IMMUB. Belo Horizonte, 2023. Luiz Campos. Disponível em: <https://encr.pw/RNtoy>. Acesso em: 19 mar. 2023.

LUNA, Paulo. *No compasso da bola*. Rio de Janeiro: Irmãos Vitale, 2011.

MÁXIMO, João; NETO, Nelson Lima. A Copa que não houve. *O Globo*. Disponível em: <https://acesse.one/9sZPm>. Acesso em: 12 mar. 2023.

O GLOBO. Tema de nova série, Sullivan e Massadas são autores de grandes sucessos da música brasileira. Belo Horizonte, 2023. Disponível em: <https://acesse.one/P026X>. Acesso em: 13 mar. 2023.

PAIXÃO, Lucas Françolin. *A indústria Fonográfica como Mediadora entre a Música e a Sociedade*. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

REVISTA Circuito. Belo Horizonte, 2023. Morre aos 69 anos, o músico Vicente de Paula Salvia, o Vitché. Disponível em: <https://encr.pw/Z10hY>. Acesso em: 19 mar. 2023.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil republicano: o tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX - v. 4*. Rio de

Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

SOUZA, Felipe dos Santos. *A Copa na televisão brasileira: 1986, com a concorrência grande*. Trivela. Disponível em: <https://l1nq.com/Gv0ee>. Acesso em: 13 mar. 2023.

# Copas do Mundo, Pelé e cinema: notas sobre construção fílmica em *O Rei Pelé* (1963) e *Pelé* (2021)

Luiz Carlos Ribeiro de Sant'ana

## Introdução

Edson Arantes do Nascimento, Pelé, foi uma das maiores personalidades desportivas do século XX, adentrando o século XXI. Sua presença e “marca” não se restringiu ao âmbito esportivo, como é usual aos grandes expoentes do circuito do entretenimento<sup>1</sup>. Para além do virtuosismo futebolístico, o memorável camisa 10 do Santos e da Seleção Brasileira, galgou fama planetária, amplo cacife midiático e também se viu em meio a diversas polémicas, ao longo de sua carreira e trajetória.

O convite à escrita deste capítulo (recebido um pouco depois do falecimento do grande astro) me deu a oportunidade de retomar dois pequenos textos sobre películas com e sobre Pelé. A decisão pareceu quase natural, dado o mote aglutinador desta coletânea: Copas do mundo e arte (literatura, música, cinema). Nada mais artístico (e cinematográfico) que o futebol de Pelé e nada mais associável ao grande espetáculo quadrienal das Copas que o vencedor de três delas – o único jogador do mundo com esse cartel<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Pelé foi eleito pelo Jornal *L'Equipe* o maior atleta do século, em 1980, e também granjeou enorme sucesso na venda de sua imagem, para dezenas de países. Disponível em (respectivamente): <https://l1nk.dev/gEAGO> e <https://l1nk.dev/NI5rc>. Acesso em: 19 fev. 23.

<sup>2</sup> MÁXIMO, João. Rei de Copas: Pelé sai de cena como o maior dos Mundiais, o único com três títulos. Disponível em: <https://acesse.one/fXBba>. Acesso em: 12 ago. 24. Também teve peso na minha escolha o fato que vinha trabalhando com cinema e futebol, já havia algum tempo; minhas referências históricas e teóricas podem ser vistas em SANT'ANA, 2017; 2015; 2013.

Estabelecido o *link*, restou traçar os termos do arazoado. Como já adiantamos, a conexão Pelé-Copas do Mundo é óbvia, mas a performance fílmica do atacante de Três Corações também não é pequena, pelo contrário. Se é verdade que o brilho de Pelé nas telas não tem base de comparação com sua atuação em campo, também é fato que não se trata de participação esporádica. Em levantamento publicado em 2009, o professor Victor Andrade de Melo contabilizou 24 títulos nacionais (de todos os gêneros e metragens) nos quais Pelé atua ou é representado<sup>3</sup>. Esse rol está defasado. De lá pra cá, teríamos que acrescentar produções posteriores e, se quisermos ampliar o leque, os filmes estrangeiros. Para um complemento (não necessariamente exaustivo), podemos citar: *Fuga para Vitória*<sup>4</sup>, *A Vitória do mais fraco*<sup>5</sup>, *O Mundo aos seus Pés*<sup>6</sup>, *Pelé – o nascimento de uma lenda*<sup>7</sup>, *Em busca da excelência*<sup>8</sup>, *Pelé, a origem*<sup>9</sup> e *Pelé*<sup>10</sup>. Não é pouca coisa.

Para fins deste capítulo, trataremos apenas de duas obras: *O Rei Pelé*<sup>11</sup> e o recente *Pelé*<sup>12</sup>. Trata-se, até onde pudemos levantar, do primeiro e do último (até o momento) longa sobre o “maior atleta do século”. Lembro que o rol mencionado acima é bem mais vasto que cinebiografias mais ou menos romantizadas: abarca películas “onde o motivo principal é a carreira ou figura” do jogador, “passando por outros filmes onde representou o próprio papel [...] no contexto de uma ficção” e/ou atuando como “ator em enredo não ligado ao futebol, bem como aqueles em que esteve representado como mais um dos personagens”<sup>13</sup>.

Essa eleição tem a ver com as condições e limites deste escrito e tem como proposta básica (além da chamada à apreciação dos filmes em questão), evidenciar dois temas de longo e recorrente acionamento

<sup>3</sup> MELO. *Garrincha x Pelé*: futebol, cinema, literatura e a construção da identidade nacional.

<sup>4</sup> HUSTON. *Escape to Victory*, RU/EUA/ITA.

<sup>5</sup> TANNEN. *A Minor Miracle*, EUA.

<sup>6</sup> DOWER; CROWDER. *Once in a Lifetime*, RU/EUA.

<sup>7</sup> ZIMBALIST; ZIMBALIST. *Birth of a Legend*, EUA/BRA.

<sup>8</sup> POLSKY. *In Search of Greatness*, EUA.

<sup>9</sup> MOURA. *Pelé, a origem*, BRA.

<sup>10</sup> TRYHORN; NICHOLAS. *Pelé*, RU.

<sup>11</sup> CHRISTENSEN. *O Rei Pelé*, BRA.

<sup>12</sup> TRYHORN; NICHOLAS. *Pelé*, RU.

<sup>13</sup> MELO. *Garrincha x Pelé*: futebol, cinema, literatura e a construção da identidade nacional, p. 230.

quando se fala do Pelé de fora das quatro linhas: suas posturas quanto à política (principalmente em tempos ditatoriais) e frente ao tema do racismo. Vamos, pois, aos filmes.

### ***O Rei Pelé, de Carlos Hugo Christensen, 1962*<sup>i</sup>**

- Pelé é bonzinho! (Silene, amiga adolescente)
- Pelé é uma criança! (mãe de Silene)
- Mas é preto! Eu sou um sujeito que não bebe cachaça, porque cachaça é bebida de preto! (pai de Silene)<sup>14</sup>

O inusitado diálogo acima é parte do enredo de *O Rei Pelé*, o primeiro longa sobre nosso futebolista-mor<sup>15</sup>. A primeira vez que publiquei estas notas foi entre as comemorações dos oitenta anos de Edson Arantes do Nascimento, em 23 de outubro e o dia da Consciência Negra daquele ano (20 de novembro de 2020). Retomo o escrito agora, após o falecimento do Rei. Se as efemérides servem para algo (e podem servir), que nos aproveitemos delas.

Tanto no marco dos oitenta anos, e mais ainda quando da sua morte (29 de dezembro de 2022), essas ocasiões suscitaram um grande número de comemorações, homenagens póstumas e debates<sup>ii</sup>. Como não podia deixar de ser, dentre outras, a questão do racismo e das posturas do Rei voltaram à tona<sup>iii</sup>. Trata-se de uma discussão de longa data. Não vou alongar-me nessa seara; não agora, mas aproveito para mantê-la em mente, na apreciação da película<sup>iv</sup>.

O longa de Carlos Hugo Christensen, o sétimo de sua carreira, não apresenta uma trajetória muito vantajada; não no que tange a apreciação da crítica<sup>16</sup>. Visto agora, sessenta anos depois de sua estreia, reveste-se de interesse histórico e reflexivo. Antes de tudo, porém, cabe destacar que a fita constitui um marco inicial no seio de uma considerável trajetória cinematográfica do nosso astro da bola e das telas (mais da bola; muito mais da bola, é claro), como já o mencionamos.

<sup>14</sup> CHRISTENSEN. *O Rei Pelé*.

<sup>15</sup> Essa película, do início da década de 60, está disponível no Youtube e eu recomendo. Não tanto pela qualidade estética ou narrativa, mas como testemunho de época. Disponível em: <https://acesse.dev/zGFdj>. Acesso em 23 fev. 2024.

<sup>16</sup> ORICCHIO. *Fome de bola: cinema e futebol no Brasil*; MELO. *Garrincha x Pelé: futebol, cinema, literatura e a construção da identidade nacional*.

O Rei Pelé mistura dramatização e documentário. Poderia ser confundido com uma concepção “moderna” no gênero, posto que evidencia sua condição de construto. Na verdade, porém, a intenção é insinuar verossimilhança (em um enredo que, em muitos momentos, não é nada crível). Nesse sentido, a narrativa entremeia temporalidades. Temos um Pelé adulto, já famoso, sendo interpelado “casualmente” pelo produtor e argumentista Fábio Cardoso (ambos interpretam a si mesmos). Essa encenação de conversa informal/entrevista funciona como fio condutor à dramatização de uma biografia do astro-boleiro<sup>17</sup>.

Simultaneamente, abusa-se do modelo da narrativa heroica. O fado de Pelé está traçado desde a origem: garantido pelo oráculo local, a negra Raimunda, mãe de Santo que prevê que o menino que acabara de nascer iria consagrar-se “rei do mundo”. Seguindo o roteiro épico, temos a resistência ao chamado (Dico, apelido infantil de Edson, resiste à alcunha de Pelé... uma reticência ao destino). Com essa mesma função narrativa, temos a promessa do garoto de abandonar o futebol (por pressão de sua mãe, Dona Celeste, interpretada pela própria!). Evidentemente, a força da sina se impõe. E por aí vai, com a(s) queda(s), soerguimento e consagração. Tudo muito conhecido, não valendo que se dispense tempo nisso<sup>17</sup>. O detalhe impressionante é que toda essa trajetória já pôde ser concebida (já reunia condições de possibilidade edificante) quando Pelé tinha somente 22 anos! Essa é a sua idade quando da realização do filme. Durante “a produção, o desportista conquista a Copa do Mundo, o Brasileiro, a Libertadores e o Intercontinental pelo Santos”.

No final das contas, a película trata disso: da fulminante ascensão e extensão desse fenômeno (até aquele dado momento; nós sabemos que muita água, e gols, rolariam dali em diante). A narrativa é balanceada com imagens esportivas reais e com detalhes e passagens familiares e biográficos (mais ou menos romantizados – provavelmente mais) e afirmações do (bom) caráter do personagem/biografado.

Não obstante, o filme é rico. Vale um esquadrinamento. Por hora, ficarei com um único destaque. Retomando um pouco o fio desta meada

<sup>17</sup> Para uma interpretação de outra película sobre Pelé, que teria a mesma estrutura da Jornada Heroica (J. Campbell), ver: ROSA; MARQUES. *A Aventura do 'Atleta do século': uma análise do documentário "Isto é Pelé" sob a ótica da Jornada do Herói*, de Joseph Campbell.

(nossa conversa no início), chamo a atenção para uma discussão do enredo, a qual envolve a temática do racismo e seu lugar na biografia do jogador/personagem. Isso me saltou aos olhos desde a primeira vez que assisti ao filme, exatamente pela noção de como essa questão foi controversa ao longo da vida pública do astro. Também me chamou a atenção que alguns dos poucos comentários especializados sobre a obra não tenham desenvolvido esse ponto; fato compreensível, porém, dada a limitação do escopo de suas abordagens específicas – estavam a lidar com outras questões<sup>18</sup>.

No entanto, ele está lá; de modo explícito, narrativamente significativo e curiosamente contraditório. Sintetizemos a situação e o imbróglio. Tudo começa com uma conversa entre o jogador do Santos e Fábio Cardoso, no modelo já descrito. Este último pergunta, sem rodeios:

– Escuta, Pelé, você nunca teve problema racial?

Ao que Pelé retruca: – Não, nunca. Só uma vez. Na época em que eu jogava no Baquinho [time juvenil do Bauru Atlético Clube]<sup>19</sup>.

É dessa situação que trata nossa epígrafe. Com essa “deixa”, somos transportados à dramatização do contexto de um Pelé garoto, ainda adolescente. Na ocasião, ele contaria com uma amiga, uma menina de idade semelhante, branca. Seu nome é Silene.

A moça tem um indisfarçável *crush* pelo nosso protagonista. Uma atração infanto-juvenil, que envaidece a personagem de Pelé, mas frente a qual ele parece não dar muita pelota. Essa afeição, porém, é severamente reprimida. O problema: o pai da donzela. Um racista sem papas na língua. Mas é essa cruzeza que, em uma visão retrospectiva, potencializa a comoção. Já ilustramos sua verve na epígrafe, mas, se necessário, poderíamos acrescentar as expressões “preto sem vergonha” e “negro não é direito”, todas veementemente utilizadas pelo patriarca. Para além desse festival de horrores, parece relevante pontuar duas coisas. O importante papel dessa personagem/conflito na narrativa fílmica e a constituição cinematográfica da mesma (ou seja, como ela foi escrita em termos cinematográficos). Irei me restringir a esses dois itens.

<sup>18</sup> ORICCHIO. *Fome de bola*: cinema e futebol no Brasil; MELO. *Garrincha x Pelé*: futebol, cinema, literatura e a construção da identidade nacional.

<sup>19</sup> CHRISTENSEN. *O Rei Pelé*.

Para sumarizar, é importante atentar que, não bastasse o racismo, o pai de Silene é desonesto. Junto com um comparsa, ele oferece duzentos cruzeiros (“dinheiro pra burro”) para que o jovem futebolista fizesse corpo mole (por arranjo de apostas, é claro). A sequência dessa primeira provação/tentação do herói é bem marcada. Acontece em uma espécie de museu itinerante do horror, na cidade de Bauru. O garoto-Pelé é abordado e recebe a proposta indecorosa, primeiro com uma voz em off, seguida de cortes que intercalam closes do menino com a exibição de tenebrosas figuras, do acervo do tal museu. Depois de algum tempo, os personagens corruptores se fazem mostrar, estão posicionados atrás do jovem atleta, sugerindo, incentivando-o ao acordo nefasto.

Em desenho animado, isso corresponderia a um diabrete, soprando a má sugestão ao incauto. Uma verdadeira encenação das encruzilhadas e tomadas de decisão, que determinam os rumos de uma vida. Essas figuras malévolas são incorporadas pelo pai de Silene e um comparsa (sério candidato a assecla de Mefistófeles). Representam o mau caminho. As más práticas, o mau caráter, o racismo, o horror, explicitamente figurado nas carrancas e representações da morte da esquisita casa de entretenimento em Bauru.

A estória se desenrola, com percalços interessantes, aliás. Mas, a despeito de tudo, a opção é feita com a repulsa ao “dinheiro fácil” e à “traição aos companheiros”.

Esse ponto não é subsidiário. É crucial à trajetória que forja o herói, identifica o mal e constitui a narrativa fílmica. Para não haver dúvidas, é o próprio Pelé (na sua versão adulta, representada pelo próprio), que “esclarece” o sentido ao produtor/argumentista Fábio Cardoso:

– Você compreende, Fábio? Foi bom que os caras tivessem querido me comprar. Aprendi pra toda a vida<sup>20</sup>.

Há mais material para continuarmos, mas vamos encerrar. Em arremate, uma última observação. Para uma única experimentação de racismo (à altura dos 22 anos, na década de 1960), a indicação do Pelé fílmico foi contundente<sup>21</sup>. Foi responsável, junto com a tentativa

<sup>20</sup> CHRISTENSEN. *O Rei Pelé*.

<sup>21</sup> Para cruzamento com declarações do Pelé histórico, voltamos a remeter aos links citados nas notas de fim II a IV.

corruptora (perpetrada pelo mesmo algoz), pelo delineamento do caráter do jogador/homem/herói. Foi constitutiva, portanto. Todo o esforço deste escrito foi motivado pelo estranhamento de, em um primeiro momento, não ter encontrado o destaque que parece cabível a essa trama, no campo dos escritos sobre cinema e futebol. Se este for o caso (o de uma ausência), espero ter contribuído para sua minimização, com este pequeno quinhão indicativo.

## ***Pelé***

Entrevistador (em off) – O que você sabia (...) na época?

Pelé – Se eu dissesse que eu não sabia (...) eu estaria mentindo. Muitas coisas a gente ficava sabendo. Muitas coisas nós não tínhamos certeza (...).

Entrevistador – Qual foi a sua relação com os governos?

Pelé – Eu sempre tive as portas abertas, todo mundo sabe disso. Até na época que era muito ruim.

(...)

Paulo César Lima – Eu amo o Pelé! Mas não posso deixar de criticá-lo. Eu achava que ele tinha um comportamento do negro sim senhor, submisso (...) que não contesta, que não critica (...) eu mantenho até hoje<sup>22</sup>.

Passemos em revista, agora, o mais novo longa-metragem sobre Pelé. A obra foi lançada pela Netflix e constitui-se em uma grata contribuição ao conjunto de produções cinematográficas já realizadas sobre nosso maior futebolista. O documentário é de responsabilidade dos cineastas David Tryhorn e Ben Nicholas. Ambos apresentam uma filmografia bastante reduzida, mas com uma pegada no tema do esporte. Dirigiram ou produziram fitas sobre ídolos do atletismo e do tênis. Com seu último trabalho, *Pelé*, abriram uma nova vereda em uma tradição da narrativa fílmica sobre o “Rei do futebol”.

A crítica vem demarcando, de modo quase consensual, o diferencial mais evidente da abordagem dos diretores britânicos, a saber, o enfrentamento (mesmo que deliberadamente contido e balanceado) de delicadas questões extracampo na biografia de Pelé. Fundamentalmente no que se refere aos posicionamentos (ou falta de) do futebolista frente

<sup>22</sup> TRYHORN; NICHOLAS. *Pelé*, RU.

ao Regime Militar e seus máximos dirigentes. Conforme Diogo Magri sumariza, a “produção [...] fez o jogador falar, pela primeira vez de forma tão longa sobre ditadura, tortura e o uso do futebol – e dele próprio – como propaganda do regime militar”<sup>23</sup>.

Esse é o tema-base. Mas a película não se resume a isso. Tem muito futebol, Copa do Mundo, disputas em torno da empreitada de 1970. Sobre as sempre acionadas discussões a respeito da Copa do México e a troca de comando às vésperas da competição (substituição de João Saldanha por Mário Zagallo), também são acrescidas imagens e colocações variadas. João Saldanha é retratado (a meu ver de modo tendencioso), como um opositor do futebol “brasileiro”. Brito, Rivelino, Juca Kfourri, e até Delfim Netto são chamados à fala (a pronunciarem-se sobre suas memórias e avaliações sobre 1970). Este último senhor, aliás, além de assumir seu papel na assinatura do AI-5 (nenhuma novidade) chama a atenção por sua sinceridade, desprovida de qualquer prurido. Perguntado se estava ciente do uso do Ato Institucional como instrumento para a tortura, a resposta é imediata: “seguramente que sim”. Sobre o acompanhamento da Copa de 70 por Emílio Médici, acrescenta:

– Aquilo se transformou, para o presidente, pessoa física, uma coisa importante.

Entrevistador: – Por quê?

– Porque se o povo fica contente, o governo fica contente [rindo]<sup>24</sup>.

A discussão segue por vários caminhos e personagens. Esta é uma pequena amostra. Reforço que o eixo narrativo está montado numa tentativa (interessante) de cruzar o homem, o jogador excepcional e sua lida com os muitos percalços de um país. Em uma narrativa centrada principalmente no intervalo entre 1958 e 1974, temos que dez desses anos estão indelevelmente atravessados pelo Regime Ditatorial. (Re)colocar Pelé no meio desse redemoinho é do que se trata. Para tanto, são convocados depoimentos de época e contemporâneos (com alguma diversidade de posicionamentos). Mostra-se o relacionamento

<sup>23</sup> TRYHORN; NICHOLAS. *Pelé*. RU. - Pelé encara seus dilemas com a ditadura na Netflix. Disponível em: <https://acesse.dev/by5Gy>. Acesso em 20 fev. 2023.

<sup>24</sup> TRYHORN; NICHOLAS. *Pelé*. RU.

amistoso (digamos assim) do Rei para com as autoridades e chama-se o próprio, para uma conversa/balanço.

O comentarista PC Vasconcelos sintetizou bem a dialética da fita. Uma discussão (inevitável, mas por muitas vezes malabaristicamente driblada) entre o dentro e o fora de campo (o famoso dentro das quatro linhas e o *offside*, em uma provavelmente cansada metáfora boleira). A fala de Vasconcelos vem em *off*, após a exibição de imagens que mostram a recepção a Pelé, no Palácio da Alvorada, confraternizando com Garrastazu Médici. O futebolista havia sido convidado para uma recepção pública, três dias após a marcação de seu milésimo gol. PC comenta:

Para muita gente vai se olhar menos para o que fez dentro do campo e mais para o que fez fora. E fora é caracterizado por uma ausência de posicionamento político. Nesse momento da história isso vai pesar muito contra ele<sup>25</sup>.

Neste ponto ficarei por aqui. Para os arrazoados contextualizadores (alguns contemporizadores), prós e contra, remeto ao próprio documentário. Também recomendo.

Particularmente, eu sempre achei que se deve dar a César o que é de César. Pelé é eterno pelo que fez como jogador, como virtuose da bola (com todas as relevantes e profundas implicações advindas da assunção de um negro pobre, nas décadas de 50 a 70, num país pouco desenvolvido e racista como o Brasil). Não obstante, não se pode viver da glória, do reconhecimento e da imagem pública, sem uma cobrança pública. O que os grandes ídolos fazem têm repercussão para além de seus campos específicos de atuação. Ônus e bônus de cada atitude serão necessários, e independentemente da vontade de cada um, postos na balança. O filme de Tryhorn e Ben Nicholas ajuda nesse sentido. E o faz de modo suave e razoavelmente equilibrado.

Mais duas ou três coisas rápidas. Alguns destaques que omiti e uma palavra sobre a construção fílmica. Há duas cenas que não gostaria de deixar passar, mesmo que ligeiramente. A primeira é por puro deleite. Por volta do minuto 26, Pelé participa de um almoço, em uma casa em Santos, com a velha turma do famoso escrete. Dorval, Pepe,

<sup>25</sup> TRYHORN; NICHOLAS. *Pelé*, RU, min. 61:00.

Edu e companhia. É como um churrasco de velhos e bons amigos, que dividiram a juventude e as aventuras de uma parte da vida que não volta mais. Quem já jogou bola, participou de torneios de rua, quadra, colégio, faculdade (que pareciam... e eram assumidos como a coisa mais importante do mundo) certamente vai se reconhecer nas brincadeiras, nas troças, nas histórias de décadas passadas, contadas com a vivacidade de uma intensa memória afetiva. A diferença é que aqueles octogenários fizeram parte de um dos maiores times da história, duas vezes campeão da Libertadores e do mundo e tiveram como líder a quem carinhosamente chamavam de “negão”, o maior jogador de todos os tempos (se isso não estava claro até agora, essa é a minha opinião). Entre uma e outra provocação, Pelé não é poupado. Basta ele começar a cantarolar uma música de sua autoria para ouvir prontamente:

– Em questão de cantar, ele tá melhorando!! [aí a gargalhada se torna irrefreável, inclusive para a assistência]  
Pelé reconhece a riqueza do momento. – Vocês são demais! Olha o sol que vocês trouxeram. Um dia maravilhoso!<sup>26</sup>

Um segundo e último núcleo de observações se refere à forma como a história é contada, filmicamente. Trata-se de um documentário bem tradicional, no qual se pode destacar a qualidade de algumas das tomadas de época e o recurso à montagem paralela, que já nas primeiras sequências estabelece a proposição narrativa (com a alternância de planos e cenas do indivíduo, do jogador em atividade, contrapostas às imagens históricas, com ênfase em fragmentos fílmicos da repressão ditatorial).

Somos, portanto, apresentados à película a partir de um contraponto entre o homem/indivíduo, um senhor de oitenta anos, que chega de andador, devagar, e o atleta magnífico, a personalidade pública e o jovem jogador, cuja história de uma conquista do mundo vai passar a ser contada. É como um convite a um balanço/retrospectiva (o título seco, *Pelé*, parece se coadunar com esses primeiros planos que preparam o desenrolar da trajetória a ser apresentada).

Uma cena inicial chama (muito) a atenção. Pelé surge dirigindo-se ao centro de uma ampla sala vazia, ocupada apenas por uma cadeira.

<sup>26</sup> TRYHORN; NICHOLAS. *Pelé*, 2021, RU.

Ao acomodar-se, com certa dificuldade, desvencilha-se do andador, com um empurrão ainda enérgico. É um estorvo que não condiz com o que nos vai ser mostrado. Deve ir para fora do enquadramento (para fora do campo de visão). Nesse momento, tal como ao final da Copa de 70 (e conforme depoimento de Roberto Rivelino nessa película), parece que podemos ouvir Pelé esbravejar:

– Eu não morri! Eu não morri! Eu não morri! [assim mesmo, três vezes, como nos conta o detentor da “patada atômica”].  
Pelé é eterno<sup>27</sup>.

## Referências bibliográficas

LIMA, Diego Iwata. Pelé virou Atleta do Século na França, e COI reforçou título 28 anos depois. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://l1nk.dev/gEAGO>. Acesso em: 19 fev. 23.

MELO, V. A. Garrincha X Pelé: futebol, cinema, literatura e a construção da identidade nacional. In: MELO, Victor Andrade de; DRUMOND, Maurício. *Esporte e cinema: novos olhares*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

ORICCHIO, Luiz Zanin. *Fome de bola: cinema e futebol no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

ROSA, Bruno Navarini; MARQUES, José C. A aventura do ‘Atleta do século’: uma análise do documentário “Isto é Pelé” sob a ótica da Jornada do Herói, de Joseph Campbell. *Record, Revista de História do Esporte*. v. 11, n. 1, 2018. Disponível em: <https://acesse.dev/BSzLV>. Acesso em: 20 fev. 2023.

SANT’ANA, Luiz C. R. O futebol filmado: Tostão, a Fera de ouro (1970). *FuLIA/UFMG*, v.1, p. 127-139, 2017. Disponível em: <https://encr.pw/rKQm7>. Acesso em: 20 fev. 2023.

SANT’ANA, Luiz C. R. Esporte, cinema e política: Brasil e Espanha. Um exame comparado dos filmes *Passe Livre* (1974) e *Barça – História del F. C. Barcelona* (1974). In: MELO, Victor Andrade de. *O esporte no cenário ibero-americano*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015, p. 97-109.

SANT’ANA, Luiz C. R. *O futebol nas telas: um estudo sobre as relações entre filmes que tematizaram o futebol, duas ditaduras e promessas de modernidade, no Brasil e na Espanha 1964/1975*. Tese (Doutorado em História Comparada) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/34/teses/804066.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2023.

UOL. Garoto-propaganda: Relembre 5 comerciais com Pelé. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://l1nk.dev/NI5rc>. Acesso em: 19 fev. 23.

<sup>27</sup> TRYHORN; NICHOLAS. *Pelé*, 2021, RU.

## Notas de fim

<sup>i</sup>A primeira versão dessa crítica foi publicada no Blog Histórias do Sport, organizado pelo Laboratório de História do SPORT e do Lazer (<https://historiasport.wordpress.com/>). O texto foi atualizado e adaptado. O mesmo vale para a película seguinte. As versões originais podem ser acessadas em: *O Rei Pelé* (Carlos Hugo Christensen): cinema, futebol e racismo | História(s) do Sport ([wordpress.com](https://wordpress.com)) e <https://l1nq.com/h5fyj>. Para demais posts de minha autoria sobre outros filmes de/com Pelé, ver: *Isto é Pelé* (Luiz Carlos Barreto/Eduardo Escorel); *Os trombadinhas* (Anselmo Duarte); *Pelé – o nascimento de uma lenda* (EUA/BRA, Jeff e Michael Zimbalist). Disponíveis (respectivamente) em: <https://encr.pw/QuPga>; <https://encr.pw/aPa5A> e <https://encr.pw/FT4wZ>. Acesso em 20 fev. 2023.

<sup>ii</sup>Ver, como ilustração das centenas de publicações: Esporte da Globo celebra os 80 anos do Rei Pelé e Muere Pelé, 'O 'Rei' del fútbol, a los 82 años. Disponível em: <https://l1nk.dev/8PPeE> e <https://acesse.dev/MgYQU>. Acesso em: 19 fev. 2023.

<sup>iii</sup>Ver, como ilustração, Pelé: racismo e esquecimento marcam os 80 anos do jogador. Disponível em: <https://l1nq.com/sTFQn>. Acesso em: 20 fev. 2023.

<sup>iv</sup>Para uma pequena amostra do debate: Pelé: "o racismo não mudou, o que mudou foi a imprensa" e Paulo C. Caju diz que Pelé também tem culpa por racismo no futebol. Disponível, respectivamente em: <https://encr.pw/y0sO9> e <https://l1nk.dev/r4YJh>. Acesso em: 20 fev. 2023.

<sup>v</sup>Para alguns bons detalhes sobre essa fita, ver crítica de Gabriel Carneiro. Disponível em: <https://encr.pw/1d0au>. Acesso em: 20 fev. 2023.

<sup>vi</sup>Idem nota v.

<sup>vii</sup>Para maiores informações, ver perfis e obras em: <https://encr.pw/XH79t> e <https://encr.pw/FvXxM>. Acesso em: 20 fev. 2023.

<sup>viii</sup>Listo abaixo um pequeno apanhado de publicações da crítica, em diferentes matrizes: BARBOSA, Nathan Pereira. "Pelé", da Netflix: entre a tradição biográfica e o necessário desconforto político. *Ludopédio*, São Paulo, v. 140, n. 54, 2021. Disponível em: <https://l1nq.com/ZLpvl>; CASÉ, Rafael. O inesgotável Pelé (contém *spoilers*). *Ludopédio*, São Paulo, v. 141, n. 34, 2021. Disponível em: <https://encr.pw/dYEB1e>. Documentário sobre Pelé retoma o debate em torno da postura do ídolo diante do árbitro. Disponível em: <https://acesse.dev/6Tkve>. Acesso em: 20 fev. 2023.

# Em busca do “mito socrático” no Brasil: a viagem de Daniel Cohn-Bendit durante a Copa do Mundo de 2014

Marcel Vejmelka

Daniel Cohn-Bendit é político, jornalista, publicista e um dos mais relevantes representantes da intelectualidade crítica da atualidade. Ele nasceu em 1945 na França como filho de uma família de judeus alemães que tiveram que fugir da Alemanha nazista. Na revolução de maio de 1968 em Paris, foi um dos líderes mais importantes do movimento estudantil, em consequência foi extraditado da França e passou a viver em Frankfurt, na Alemanha. Da esquerda revolucionária, “Dany *le rouge*” (“Dany o vermelho”) – como Cohn-Bendit ficou alcunhado na França – passou a participar do incipiente movimento ecologista e da fundação do Partido Verde alemão a partir do fim dos anos 1970. Ocupou alguns cargos no âmbito da prefeitura de Frankfurt e, entre 1994 e 2014, foi deputado no Parlamento Europeu por diferentes partidos e coligações ecologistas.

Ao longo das últimas cinco décadas, publicou inúmeros artigos, manifestos, entrevistas e livros tanto na França como na Alemanha<sup>1</sup>. Além disso tudo, Daniel Cohn-Bendit também é um fanático torcedor de futebol, característica rara ainda hoje entre os representantes dos grupos progressistas e da intelectualidade na Alemanha. Em 2018 publicou na França suas memórias, por uma decisão deliberada e provocadora em forma de um livro sobre o futebol. Em *Unter den Stollen der*

<sup>1</sup> Entre as obras mais relevantes se destacam coleções de artigos e entrevistas sobre o legado de 1968 como *Le Grand Bazar*, *Nous l'avons tant aimée, la Révolution*, ou mais tarde escritos sobre o processo da unificação europeia, como, junto com Guy Verhofstadt, *Für Europa* (“Para a Europa”).

*Strand*<sup>2</sup> (a versão alemã saiu em 2020), ele se declara admirador, inclusive amante do futebol brasileiro na sua variante do “futebol-arte”, e dedica um capítulo inteiro ao tema.

Esse amor, escreve ele no livro, começou na infância, durante a Copa do Mundo de 1958 na Suécia, quando viu a Seleção campeã jogar a final numa televisão colocada na vitrine de uma loja em Paris:

Muito já se tinha escrito sobre as façanhas dos Auriverdes, mas todos viram o gênio verdadeiro de Pelé, Vavá, Didi e Garrincha somente naquele jogo, que tinha uma só direção. Os meninos eram simplesmente fantásticos. Uma delícia! Desde então sou fã do futebol brasileiro<sup>3</sup>.

Desde então, acompanha e admira a maneira brasileira de jogar futebol, e na medida em que o menino Daniel crescia e desenvolvia o seu pensamento político, o “jogo bonito” foi se tornando símbolo e agente da resistência contra a lógica racional e comercial do mundo capitalista. Essa imagem e esperança utópica mantém a sua validade para ele até hoje, apesar das contradições que resultam das sucessivas crises políticas e sociais no Brasil, e apesar da contínua decadência do futebol brasileiro e de seus jogadores enquanto personagens da vida pública:

Confesso, sou um viciado do futebol brasileiro, apesar de que, desde há mais de um quarto de século, não seja mais o futebol que me comoveu tão profundamente na Copa do Mundo de 1958. Mas, fora isso, a imagem estereotipada que eu venho apropriando desde os anos 1970 não perdeu o seu brilho<sup>4</sup>.

Um momento-chave para este apego ao futebol brasileiro, em termos estéticos e políticos, foi o encontro pessoal de Daniel Cohn-Bendit com o time da Democracia Corinthiana e, especificamente, com Sócrates.

<sup>2</sup> COHN-BENDIT. *Unter den Stollen der Strand*. O título – no original francês “*Sous les crampons, la plage*” – pode ser traduzido como “sob as chuteiras, a praia” e faz alusão irônica ao famoso lema surrealista do maio de 1968 em Paris, “*sous les pavés, la plage*” (“sob a calçada, a praia”, c.f. VEJMLKA. *Futebol na literatura alemã* – parte VII: “Sob as chuteiras, a praia”, de Daniel Cohn-Bendit. Memórias futebolísticas de um revolucionário).

<sup>3</sup> COHN-BENDIT. *Unter den Stollen der Strand*, p. 37.

<sup>4</sup> COHN-BENDIT. *Unter den Stollen der Strand*, p. 119. No original: “*Ich gebe es zu, ich bin süchtig nach brasilianischem Fußball, obwohl er seit über einem Vierteljahrhundert nicht mehr der Fußball ist, der mich bei der Weltmeisterschaft 1958 so tief bewegt hat. Aber ansonsten ist das Klischeebild, das ich mir in den 1970er Jahren angeeignet habe, nicht vergilbt.*”

Em 1984, Cohn-Bendit foi ao Pacaembu assistir um jogo do Corinthians, e entrevistou Sócrates a respeito do modelo de democracia revolucionária praticada na época pelo clube paulistano. Sócrates, por sua vez, sabia muito bem com quem estava falando, como lembra Cohn-Bendit: “E aí Sócrates me diz no nosso primeiro encontro: ‘Em 68 você imaginou a revolução, Dany. Hoje nós a pomos em prática’”<sup>5</sup>.

A Copa do Mundo de 2014 motivou um extraordinário interesse midiático pelo Brasil no mundo inteiro, numa combinação de vários fatores: a Copa iria voltar para “o” país do futebol, o torneio se inseria numa série de grandes eventos organizados pelo Brasil renovado e exitoso formado pelos governos petistas, e os preparativos para “a Copa das Copas” eram acompanhados por vozes críticas cada vez mais numerosas e altas. A iniciativa de Daniel Cohn-Bendit de dedicar um projeto ao torneio se deve, certamente, ao fascínio que reside nessa combinação de futebol e política no Brasil.

Conta ele que em 2007, quando a FIFA escolheu o Brasil para organizar a Copa de 2014, contatou o seu amigo Sócrates e combinaram viajar juntos através do Brasil durante o torneio para filmar um documentário. Entretanto, Sócrates faleceu em dezembro de 2011 e Cohn-Bendit teve de redefinir o projeto como viagem realizada numa “perua kombi” da Volkswagen batizada de “Sócrates” e pintada por Sesh, pichador da Chácara do Céu, e documentada no longa-metragem *On the road with Sócrates*<sup>6</sup>. Nas suas memórias ele relata<sup>7</sup>:

A sua morte mexeu tanto comigo que quase abandonei o projeto. Mas depois de alguns meses compreendi que eu tinha que dar continuação à ideia. Como homenagem a ele. Então revisei a concepção e decidi descobrir, na minha viagem através do Brasil, o que ainda restava, trinta anos depois, da democracia do Corinthians e da sombra de Sócrates. Eu queria visitar todos os cantos do país, mas sem nunca pôr o pé num estádio em que a Seleção estaria jogando. Durante o jogo Brasil x Camarões, na fase de grupos, eu

<sup>5</sup> COHN-BENDIT. *Unter den Stollen der Strand*, p. 123.

<sup>6</sup> APEL; BOEKEN. *On the road with Sócrates*.

<sup>7</sup> Como se trata de uma coprodução internacional, o documentário foi divulgado e distribuído com diferentes títulos. Além do título em inglês, encontra-se a versão francesa “*Sur la route avec Sócrates*” ou também “Futebol e vida” na Alemanha. O documentário está disponível num canal especial da distribuidora Dois Hemisférios na plataforma Vimeo: <https://acesse.dev/hdOs5>. Acesso em 6 mar. 2024

estava em frente ao Estádio Nacional de Brasília e filmava para captar a reação das massas que não tinham entrada, mas que mesmo assim queriam estar o mais perto possível do seu time<sup>8</sup>.



Daniel Cohn-Bendit e a sua "perua kombi" pichada.

Fonte: APEL; BOEKEN, 2014.

A viagem retratada no documentário é, por um lado, muito pessoal. Daniel Cohn-Bendit sai em busca do legado de seu amigo Sócrates, em busca do "verdadeiro" futebol brasileiro fora das arenas "padrão FIFA" e da máquina globalizada de marketing e comercialização. Por outro lado, é uma viagem política que tenta descobrir o país que está por trás da Copa do Mundo de 2014, longe das elites e da corrupção, lutando todos os dias contra a miséria, a violência e a desigualdade, e sempre vibrando com o futebol de seus clubes e da "sua" Seleção. Esta dimensão é o que Cohn-Bendit denomina de "mito socrático de um Brasil mais justo", espelhado no futebol-arte e articulado através dele, uma visão – externa, europeia – que vai ao encontro da análise de Flávio de Campos:

Essa foi uma Copa caracteristicamente brasileira. Uma Copa em uma sociedade em que o futebol tem o poder de evidenciar tensões e conflitos, de expressar as principais questões, de potencializar determinados problemas. Ou seja, dramatizar dilemas e contradições e produzir narrativas individuais e coletivas que se entrelaçam à nossa história. Uma Copa em um país do futebol<sup>9</sup>.

<sup>8</sup> COHN-BENDIT. *Unter den Stollen der Strand*, p. 129. No original: "Sein Tod hat mich so tief getroffen, dass ich das Vorhaben fast aufgegeben hätte. Aber nach ein paar Monaten begriff ich, dass ich die Idee weiterführen musste. Als Hommage an ihn. Also habe ich das Konzept überarbeitet und beschlossen, auf meiner Reise durch Brasilien herauszufinden, was dreißig Jahre danach von der Demokratie von Corinthians und von Sócrates' Schatten geblieben war. Ich wollte in alle Winkel des Landes fahren, aber niemals einen Fuß in ein Stadion setzen, in dem die Seleção spielte. Während des Gruppenspiels zwischen Brasilien und Kamerun stand ich vor dem Nationalstadion von Brasília und filmte, um die Reaktionen der Massen zu zeigen, die kein Ticket hatten, aber trotzdem so nah wie möglich bei ihrer Mannschaft sein wollten."

<sup>9</sup> CAMPOS. *A Copa de política em um país do futebol*, p. 34.

A viagem de Cohn-Bendit começa no Rio de Janeiro três dias antes do apito inicial da Copa. Entrevista a Paulo Cypa, treinador de futebol na Chácara do Céu, que lhe explica que a culpa pelos problemas com a Copa seria, afinal, do povo que votou nos “seus” políticos, que a lição a ser aprendida seria começar a votar com mais critério<sup>10</sup>. Dali, Cohn-Bendit viaja a São Paulo, onde visita o centro cultural Sarau Cooperifa na periferia, encontra Wladimir, capitão do time da Democracia Corinthiana que reconta a história do movimento, e também Raí, o irmão de Sócrates. Raí jogou na França, no PSG, entre 1993 e 1998, e explica que foi a vida na Europa que lhe ensinou o que é igualitarismo. Conta que foi uma experiência inesperada e inédita quando uma de suas filhas e a filha da empregada doméstica brasileira que acompanhava a família foram ambas para a mesma escola pública em Paris e todo mundo era atendido pelo mesmo médico<sup>11</sup>. Raí leva Cohn-Bendit para a sua Fundação Gol de Letra, dedicada ao apoio educativo para crianças e jovens de comunidades vulneráveis. Para Cohn-Bendit, um craque de futebol que luta pela justiça social, na atualidade representa, lamentavelmente, uma rara exceção.

Para ver o jogo Brasil x Croácia, no dia 12 de junho, na Arena Corinthians em São Paulo (3 a 1), Cohn-Bendit volta para o Sarau Cooperifa, participa da vibração das pessoas em frente à TV, da festa dos gols e da vitória da Seleção. No dia seguinte, lê no jornal a história do menino indígena que, junto com um menino negro e outro branco, soltou pombos brancos antes do apito inicial do jogo, e que – após esse ato simbólico da “democracia racial” brasileira – levantou uma faixa com a reivindicação dos povos indígenas, “Demarcação já!”; um momento que nas imagens televisivas foi censurado pela FIFA. Para Cohn-Bendit, esse episódio é o sinal de que “a política está de volta no campo”, e cogita com alegria que “Sócrates diria que isso é só o começo, que a luta continua...”<sup>12</sup>.

Ele decide visitar o menino guarani, Werá Jeguaká Mirim, no interior de São Paulo e conhecer a história por trás da reivindicação pela demarcação de territórios indígenas. Fica sabendo que a primeira demarcação de terras indígenas foi feita em 1987, antes da nova Constituição de

<sup>10</sup> APEL; BOEKEN. *On the road with Sócrates*, min. 8:30.

<sup>11</sup> APEL; BOEKEN. *On the road with Sócrates*, min. 24:00.

<sup>12</sup> APEL; BOEKEN. *On the road with Sócrates*, min. 28:30.

1988, que a comunidade recebeu somente 26 hectares para mil pessoas, e assim não tem condições para viver de maneira tradicional. Perguntados pela Copa, os representantes da comunidade explicam que não rejeitam a Copa, mas a maneira como o governo lidou com ela, que a injustiça social ainda cresceu. Mesmo assim, diz uma jovem: "A gente torce pelo Brasil, mas não esquece que o governo está errado e está sendo injusto"<sup>13</sup>.

Após esse encontro, Cohn-Bendit começa a se perguntar por que, apesar de mais de doze anos de governo de esquerda, ainda há tanta injustiça contra os indígenas no Brasil. Continuando a viagem em direção à Brasília, sente uma tristeza profunda em face de um país tão longe do sonho de Sócrates, que lhe parece cada vez mais utópico.

Em Brasília, encontra-se com Juca Kfourri, conhecido pela sua militância contra a ditadura militar e, hoje em dia, contra a corrupção no futebol<sup>14</sup>. Quando Cohn-Bendit pergunta por quê os brasileiros protestam contra a Copa, ele responde que se trata de uma "crise do sucesso"<sup>15</sup>, causada pela mobilidade social da população mais vulnerável, que acabou descobrindo que a estrutura pública – as escolas, os hospitais – não é boa nem suficiente. Daí resultaria a reivindicação do "padrão FIFA" por parte dos críticos da Copa, como também podemos ver na análise de Rafael Fortes:

[A] organização dos megaeventos esportivos tem sido tratada como uma questão de Estado e de maneira suprapartidária. Este consenso, bastante raro no Brasil, infelizmente acontece em relação a gastos públicos realizados da maneira que apontei. Improvável encontrar tal consenso caso se tratasse de investimentos de bilhões de reais em saúde, educação, reforma agrária ou saneamento básico<sup>16</sup>.

Antes da partida Brasil x Camarões no dia 23 de junho (4 a 1), há uma pequena manifestação contra a Copa em frente ao Estádio Nacional Mané Garrincha que é filmada sem muitos comentários. Cohn-Bendit vê o jogo num bar ao lado e critica o pacto entre os políticos e a FIFA, simbolizado na construção dos estádios novos.

<sup>13</sup> APEL; BOEKEN. *On the road with Sócrates*, min. 33:30.

<sup>14</sup> Inclusive com textos publicados na Alemanha, entre eles um sobre a Copa de 2014 (KFOURI. *Lula, Dilma und die WM*).

<sup>15</sup> APEL; BOEKEN. *On the road with Sócrates*, min. 38:10.

<sup>16</sup> FORTES. *O Mundial de 2014 no imaginário popular brasileiro*, p. 50.

Ainda em Brasília, se encontra com Alfredo Sirkis, militante da luta armada no final dos anos 1960<sup>17</sup>, transformado em deputado federal pelo PSB a partir de 2011. A conversa dos dois é filmada no plenário do Parlamento, e Cohn-Bendit retoma os tópicos de uma entrevista que os dois fizeram em 1984. Quando pergunta ao “companheiro” dos passados tempos revolucionários como é possível que o Brasil ceda território nacional à FIFA para poder sediar a Copa, a resposta de Sirkis o decepciona visivelmente. Sirkis justifica a medida com referência às regras vigentes estabelecidas pela FIFA para um país organizar uma Copa do Mundo, chama as críticas de exageradas e acrescenta que a Copa estaria sendo um sucesso, que 99% da população brasileira estaria feliz com o evento. Cohn-Bendit sorri um pouco constrangido e comenta: “Quando jovens, nós éramos muito mais idealistas...”<sup>18</sup>.

Saindo em direção da Chapada Diamantina, Cohn-Bendit explica em *off* que as coisas não estão tão boas quanto Sirkis afirmou, que o *agro-business* é a maior força econômica da região central do país, que o Brasil é o maior produtor e exportador de plantas geneticamente modificadas no mundo e que a desigualdade na posse de terra continua uma das piores.

A sua curta visita a um acampamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) contrasta fortemente com o encontro com o revolucionário reintegrado na elite política em Brasília. As pessoas entrevistadas ali contam da repressão que sofrem, das legalizações pelas quais lutam e explicam o modelo alternativo e sustentável de agricultura que querem realizar. Quando Cohn-Bendit pergunta a uma senhora se apesar de todos os conflitos com o governo e os latifundiários ela torce pelo Brasil na Copa, a resposta é inequívoca: “é o nosso Brasil” que vai ganhar a Copa.

Karla Oliveira, uma jovem ativista, explica que sem uma reforma agrária de verdade nunca poderá haver justiça social e igualdade no Brasil. Cohn-Bendit, lembrando os seus tempos de revolucionário em 1968, pergunta se a jovem não acha que o socialismo seria um modelo político antiquado no século XXI. A jovem responde que não ali, no interior do

<sup>17</sup> Alfredo Sirkis documentou a sua militância no livro autobiográfico *Os carbonários: memórias da guerrilha perdida*, publicado em 1980 (SIRKIS. *Os Carbonários: memórias da guerrilha perdida*).

<sup>18</sup> APEL; BOEKEN. *On the road with Sócrates*, min. 45:00.

Brasil, e que por isso ela dedica a sua vida ao socialismo. Essa perspectiva e urgência do pensamento político o comovem e o fazem enxergar as condições econômicas e sociais no Brasil de outra maneira<sup>19</sup>.

Num lugar não especificado na Chapada Diamantina, ele assiste ao jogo Brasil x Chile, pelas oitavas de final, no dia 28 de junho no Estádio do Mineirão em Belo Horizonte (3 a 2). As imagens se limitam à fase dos pênaltis e captam a ansiedade dos espectadores, o enorme alívio com a vitória e a alegria que aos poucos vem surgindo. Para o visitante franco-alemão, acompanhar a Copa e os jogos da Seleção Brasileira põe em dúvida a filosofia do futebol atual no Brasil. Ele se pergunta onde foi parar o jogo bonito se na atualidade só importa o resultado, porém, também sente que não consegue se manter neutro, que apesar de sentir falta do jogo bonito, precisa torcer pela Seleção Brasileira<sup>20</sup>.



Daniel Cohn-Bendit assistindo aos pênaltis no jogo Brasil x Chile.  
Fonte: APEL; BOEKEN, 2014.

Em Salvador da Bahia, Cohn-Bendit quer indagar sobre a situação do racismo no Brasil e se encontra com Gilberto Gil. É interessante como Gil lida com as perguntas, sorri muito e mostra certa complacência, explicando ao visitante aspectos supostamente desconhecidos do contexto brasileiro. Diz que racismo há “ainda um pouco” no país, devido à história da colonização, mas que a dinâmica inevitável da mestiçagem, que se iniciou com o começo da colonização, é que está formando o Brasil atual. Perguntado a respeito do racismo no futebol brasileiro, responde com referência às origens do esporte nas elites do século XIX, narrando o exemplo do Fluminense FC e da alcunha

<sup>19</sup> APEL; BOEKEN. *On the road with Sócrates*, min. 50:00.

<sup>20</sup> APEL; BOEKEN. *On the road with Sócrates*, min. 54:00.

“pó-de-arroz”. Termina com o dado que todos os grandes ídolos do futebol brasileiros eram negros ou mestiços<sup>21</sup>.

Cohn-Bendit pergunta pelos problemas com a Copa do Mundo comentados na mídia europeia, e Gil responde que tudo parou com o apito inicial da primeira partida, porque “Com a bola rolando, a bola é quem manda...”<sup>22</sup>. O futebol funcionaria como um sonho, uma ilusão, uma fantasia numa trégua na tradição olímpica do andamento normal do tempo, da política e das guerras.

Gil fala de uma realidade dupla, simultânea e até múltipla no Brasil, camadas entre as quais o futebol não serviria para que as pessoas esquecessem a realidade concreta, camadas sempre juntas. Como exemplo, lembra da Copa do Mundo de 1970, no auge da Ditadura Militar, quando a ideia da esquerda de propagar um boicote da Seleção por parte do povo simplesmente não funcionou. E perguntado a respeito da sua avaliação de quinze anos de governo petista que não conseguiram acabar com a profunda desigualdade no Brasil, Gil pede “paciência e fé”, pois as transformações no país só aconteceriam com lentidão e dificuldade<sup>23</sup>.

Durante a partida Brasil x Colômbia, pelas quartas de final, no dia 4 de julho, no Castelão em Fortaleza (2 a 1), que Cohn-Bendit assiste no Pelourinho em Salvador, um detalhe chama a atenção: No momento em que Neymar Jr. sai do jogo lesionado, a câmera observa a reação do público, o susto, a preocupação. Entretanto, fica evidente que Cohn-Bendit não vê no craque o personagem decisivo que o marketing internacional constrói, nem muito menos uma encarnação da essência do futebol brasileiro “de verdade”. O silêncio do filme e de seu autor nesse momento é bem expressivo<sup>24</sup>.

<sup>21</sup> APEL; BOEKEN. *On the road with Sócrates*, min. 58:00.

<sup>22</sup> APEL; BOEKEN. *On the road with Sócrates*, min. 60:00.

<sup>23</sup> APEL; BOEKEN. *On the road with Sócrates*, min. 63:00. Gil também canta duas músicas, conscientemente escolhidas: “Meio de campo”, a homenagem ao jogador Afonsinho, conhecido pela luta a favor do direitos laborais dos jogadores de futebol e a resistência contra o regime militar (cf. KNOTH. *A luta pelo passe livre*), e depois “*La renaissance africaine*”, música de 2008, composta com letra em francês para o Congresso Pan-Africano em 2009, um hino à negritude.

<sup>24</sup> Nas suas memórias, ele é bem categórico a respeito dos craques brasileiros da atualidade: “Enquanto nos anos 1970 e 1980, Sócrates e o Corinthians como também alguns outros apoiaram o povo oprimido na resistência contra a Ditadura Militar, hoje as estrelas da Seleção contribuem aplicadamente para que o povo seja anestesiado e defraudado.” (“*Während in den 1970er und 1980er Jahren Sócrates und seine Corinthians wie auch einige andere Leute dem unterdrückten Volk im Widerstand gegen die*

O único entrevistado que abertamente não apoia a Seleção Brasileira e até expressamente torce contra ela por não querer estar do lado do Brasil que ela representa, é um pai de Santo que Cohn-Bendit visita, ainda em Salvador, no seu terreiro. Explica o pai de Santo: "Quero que o Brasil perca, porque o governo esquece dos pobres... e perdendo, os pobres vão ficar com raiva e acordar"<sup>25</sup>.

Dois dias antes da semifinal, encontra com as campeãs mundiais de futevôlei Lana Miranda e Patrícia Lessa para falar sobre o machismo na sociedade brasileira atual que ainda é bastante forte e reza, entre outras coisas, que o futebol seria "coisa de homem", mas constatam que há uma certa e lenta transformação social para o lado positivo. As duas acompanham Cohn-Bendit até o Rio de Janeiro e o levam a um torneio de futebol para meninas da comunidade na Rocinha.

A semifinal Brasil x Alemanha no dia 8 de julho, no Mineirão em Belo Horizonte, Cohn-Bendit assiste em um bar no Rio. Desta vez nem capta a mímica e os olhos dos espectadores, a câmera mantém uma distância respeitosa, fora de foco, e se fixa em um grupo de pessoas bebendo cerveja e gesticulando de vez em quando, enquanto o placar vai subindo do lado da Alemanha<sup>26</sup>.

De forma geral, é um elemento estrutural muito bonito e comovente do filme como ele mostra as pessoas assistindo aos jogos da Seleção Brasileira. Sem invadir a privacidade ou passar o limite para voyeurismo, observa como vibram, sofrem, comemoram, gritam, xingam... Assim, consegue mostrar um lado essencial – o lado ultimamente humano – do fascínio do futebol no mundo, e especificamente no Brasil. Há momentos em que fica quase palpável o quanto significam o futebol e a Seleção para os brasileiros, quanta fé as pessoas projetam no jogo em campo. Numa resenha do filme no jornal *Die Tageszeitung*, Claus Leggewie ressalta esta qualidade do documentário.

O bonito nesse documentário é que trata permanentemente de futebol sem mostrar nenhum toque de bola. O drama da Copa se

*Militärdiktatur beistanden, helfen die Stars der Seleção heute eifrig mit, dass das Volk betäubt und betrogen wird", COHN-BENDIT. Unter den Stollen der Strand, p. 144).*

<sup>25</sup> APEL; BOEKEN. *On the road with Sócrates*, min. 71:00.

<sup>26</sup> APEL; BOEKEN. *On the road with Sócrates*, min. 79:00.

espelha somente nos olhos dos espectadores nas exposições públicas, com o placar aparecendo na imagem, até o amargo resultado final de 1 a 7. Nada de “conto-de-fadas de verão”, em lugar nenhum<sup>27</sup>.

Da final, o documentário não mostra nada, o comentário lacônico de Cohn-Bendit – notório em não querer nem poder torcer pela Alemanha desde a infância – a respeito da vitória alemã: “É a vida...” No reencontro com Paulo Cypa na Chácara do Céu, este diz acreditar que o “mito socrático” de um Brasil mais justo e democrático continua possível, mesmo que só caminhando a passos lentos. Expressa ainda a esperança de que a Copa possa servir como “legado de democratização”, porque o povo agora questiona os gastos e ficou mais crítico, saindo da ignorância e tornando-se um povo inteligente<sup>28</sup>.

Ao fim da sua viagem, Cohn-Bendit chega à conclusão de que “a exceção brasileira em que o futebol é não somente entretenimento”<sup>29</sup>, tão querida por ele mesmo durante décadas, não existe mais ou, possivelmente, nunca existiu. Entretanto, ele encontra muitas pessoas na sua travessia pelo Brasil que continuam perseguindo esse sonho, mantendo viva essa projeção mitológica. O antigo revolucionário franco-alemão se depara nas entrevistas com certa acomodação e saturação, também uma falta de preocupação fatal com os acontecimentos em volta da Copa e para além do futebol, por parte dos antigos revolucionários brasileiros agora em cargos políticos. Vendo esses momentos hoje, no início de 2023, só resta esperar que a elite política não repita os erros de uma década atrás.

Nas suas memórias, na versão alemã publicada em 2020, Cohn-Bendit também vê uma ligação entre os conflitos e erros evidenciados em torno da Copa de 2014 e a crise política no Brasil que levou à eleição de Jair Bolsonaro para Presidente da República:

<sup>27</sup> LEGGEWIE. *Eis regiert der Ball. Roadmovie vont Cohn-Bendit*. No original: “Das Schöne an der Dokumentation ist, dass sie sich ständig um Fußball dreht und kein einziger Ballwechsel vorkommt. Das Drama der Copa spiegelt sich nur in den Augen der Zuschauer beim Public Viewing, mit jeweils eingeblendetem Spielstand, bis zum bitteren Endstand 1:7. Kein Sommermärchen, nirgendwo.” A expressão “conto de fadas de verão” (“Sommermärchen”) é uma referência à Copa do Mundo de 2006 na Alemanha, que foi assim denominada em vista do desempenho inesperadamente bom da Seleção Alemã e do ambiente de alegria e festa no país inteiro.

<sup>28</sup> APEL; BOEKEN. *On the road with Sócrates*, min. 82:00.

<sup>29</sup> APEL; BOEKEN. *On the road with Sócrates*, min. 3:30.

Depois da Copa do Mundo, a humilhação sofrida através da Alemanha começou a penetrar na condição mental. Eu acredito que, com ela, algo chegou ao seu fim: a esperança, a fé, a alegria que ajudaram o Brasil durante mais de quarenta anos a viver e a sobreviver. Essa ruptura acelerou ainda mais a fragmentação social e política do país que levou à tomada do poder pelo fascista Jair Bolsonaro em outubro de 2018<sup>30</sup>.

Em contraste com o espetáculo global organizado pela FIFA, com a corrupção e a perda de valores nos diferentes patamares do futebol profissional brasileiro, os seus encontros com pessoas engajadas, otimistas, positivas e as esperanças que representam para ele podem parecer quixotescos, utópicos. Mas Daniel Cohn-Bendit não abre mão do seu otimismo no engajamento por um mundo melhor e cada vez mais justo. Nesse sentido, convém fechar o presente texto com as palavras que resumem a sua experiência de percorrer mais de sete mil km do Brasil durante a Copa do Mundo de 2014: "Eu reencontrei a minha alegria pela utopia, o que conta são as revoltas pequenas, mas permanentes"<sup>31</sup>.

O documentário tem o grande mérito de apresentar ao público europeu o lado humano da famosa paixão futebolística no Brasil, ao mesmo tempo esboçando um retrato crítico do momento em que os problemas vigentes após pouco mais de uma década de governo petista se cristalizaram na Copa do Mundo organizada no país e, não por último, dando uma lição sobre a particularidade da relação entre futebol e política no Brasil em perspectiva histórica. Com esse olhar múltiplo, consegue formar uma contribuição valiosa para a discussão internacional do torneio de 2014 em termos político-sociais e futebolísticos.

<sup>30</sup> COHN-BENDIT. *Unter den Stollen der Strand*, p. 141. No original: "Nach der WM begann sich die durch Deutschland erlittene Demütigung in die Gemüter einzugraben. Ich glaube, mit ihr ist etwas an ein Ende gekommen: die Hoffnung, der Glaube, die Freude, die Brasilien über vierzig Jahre lang geholfen haben, zu leben und zu überleben. Dieser Bruch hat das gesellschaftliche und politische Auseinanderdriften des Landes noch beschleunigt, das in die Machtergreifung des Faschisten Jair Bolsonaro im Oktober 2018 mündete."

<sup>31</sup> LEGGEWIE. *Eis regiert der Ball. Roadmovie von Cohn-Bendit*, 2015. No original: "Ich habe meine Lust an der Utopie wiedergefunden, es zählen die kleinen, aber dauerhaften Revolten."

## Referências bibliográficas

- CAMPOS, Flávio de. A Copa de política em um país do futebol. In: MARQUES, José Carlos (Org.). *A Copa das Copas? Reflexões sobre o Mundial de Futebol de 2014 no Brasil*. São Paulo: Edições Ludens, 2015. p. 31-38.
- COHN-BENDIT, Daniel. *Le Grand Bazar*. Paris: Denoël, 1975.
- COHN-BENDIT, Daniel. *Nous l'avons tant aimée, la révolution*. Paris: Barrault, 1986.
- COHN-BENDIT, Daniel. *Unter den Stollen der Strand. Fußball und Politik – mein Leben*. Tradução do francês de: Frank Sievers. Colônia: Kiepenheuer & Witsch, 2020.
- COHN-BENDIT, Daniel; VERHOFSTADT, Guy. *Für Europa! Ein Manifest*. Munique: Hanser, 2012.
- FORTES, Rafael. O mundial de 2014 no imaginário popular brasileiro. In: MARQUES, José Carlos (Org.). *A Copa das Copas? Reflexões sobre o Mundial de Futebol de 2014 no Brasil*. São Paulo: Edições Ludens, 2015. p. 39-56.
- KFOURI, Juca. Lula, Dilma und die WM. In: DILGER, Gerhard; FATHEUER, Thomas; RUSSAU, Christian; THIMMEL, Stefan. *Fußball in Brasilien: Widerstand und Utopie. Von Mythen und Helden, von Massenkultur und Protest*. Hamburgo: VSA, 2014. p. 35-39.
- KNOTH, Sebastian. A luta pelo Passe Livre. Das politische Handeln des brasilianischen Fußballers Afonso Celso Garcia Reis in den 1960er- und 1970er-Jahren. *FuLiA/UFMG*, v. 3, n. 1, p. 9-26, 2018. DOI: 10.17851/2526-4494.3.1.9-26.
- LEGGEWIE, Claus. Es regiert der Ball. Roadmovie von Cohn-Bendit. *Die Tageszeitung*, Berlim, 10 mar. 2015. Disponível em: <https://taz.de/Roadmovie-von-Cohn-Bendit/!5017282/>. Acesso em: 16 fev. 2024.
- ON THE road with Sócrates. Direção: Niko Apel, Ludi Boeken. Roteiro: Daniel Cohn-Bendit. França: ARTE; Acajou Films; Les Films en Hiver; Vandertastic Films, 2014. (86 min.).
- SIRKIS, Alfredo. *Os carbonários: memórias da guerrilha perdida*. Rio de Janeiro: Ubook Editora, 2020.
- VEJMEJKA, Marcel. Futebol na literatura alemã – parte VII: “Sob as chuteiras, a praia”, de Daniel Cohn-Bendit. Memórias futebolísticas de um revolucionário franco-alemão. *Ludopédio*, São Paulo, v. 165, n. 6, 2023. Disponível em: <https://acesse.dev/wtWPf>. Acesso em: 16 fev. 2024.



**Categoria master**



# As Copas do Mundo de Futebol e a Seleção Brasileira na literatura de cordel

Elcio Loureiro Cornelsen

## Introdução – quando duas artes populares se encontram

A literatura de cordel, uma das manifestações populares mais significativas da cultura brasileira, “uma expressão da voz popular, da memória e da identidade nacional”<sup>1</sup>, não ficou alheia a outro fenômeno igualmente popular ou, melhor dizendo, que se popularizou no Brasil a partir da década de 1930: o futebol. São vários os cordéis que têm por tema aspectos ligados ao esporte bretão, seja para cantar as façanhas de um jogador, o desempenho vitorioso de um clube ou da Seleção, e também escândalos, preconceitos, crises e atos de violência, que envolvem o futebol brasileiro. E, aqui, o termo “popular” é pensado no mesmo sentido proposto pela pesquisadora norte-americana Candace Slater ao dedicar-se aos estudos sobre literatura de cordel: “O nome ‘popular’, aqui, significa, sobretudo, ‘não-elitista’”<sup>2</sup>.

Todavia, muito já se estudou e já se escreveu e ainda se escreve sobre literatura de cordel, com uma primeira incidência significativa de pesquisas e de formação de arquivos e de coleções de folhetos nas décadas de 1970 e de 1980, na chamada fase da “monumentalização do cordel”<sup>3</sup>. Entretanto, seu encontro com o futebol ainda carece de estudo aprofundado e sistemático que lhe faça jus, e que nos permita vislumbrar

<sup>1</sup> MELO. *Do rapa ao registro: a literatura de cordel como patrimônio cultural do Brasil*, p. 245.

<sup>2</sup> SLATER. *A vida no barbante: a literatura de cordel no Brasil*, p. 3.

<sup>3</sup> MELO. *Do rapa ao registro: a literatura de cordel como patrimônio cultural do Brasil*, p. 247.

tal relação como uma via de mão dupla. Nesse sentido, destacamos que não só os cordelistas lançaram mão do tema, como também o futebol, enquanto tema adotado, evidencia possíveis transformações no conjunto de temas comumente enfocados em folhetos.

Um dos pesquisadores pioneiros nos estudos sobre literatura de cordel, Ivan Cavalcanti Proença, também foi pioneiro no âmbito da relação entre futebol e linguagem com a obra *Futebol e palavra* (1981). Nessa obra, o autor dedica cinco preciosas páginas ao cordel, como parte do capítulo intitulado “A Literatura no(do) Futebol”<sup>4</sup>. Nas referidas páginas, descobrimos que folhetos foram publicados, pelo menos, desde a época da primeira conquista do título mundial pela Seleção Brasileira em 1958, na Suécia. De acordo com Ivan Cavalcanti Proença,

[o]s poetas de cordel – [...] – atentos ao rádio inicialmente, e às transmissões de TV, depois, registraram as façanhas de nossos jogadores: Liêdo Maranhão, folclorista de Pernambuco, coletou esse material, reunindo 18 folhetos de cordel, todos a partir do tema “O Brasil nas Copas” (matéria também publicada pelo ‘O Globo’)<sup>5</sup>.

Ao todo, Ivan Cavalcanti Proença apresenta em seu livro fragmentos de oito folhetos de sete cordelistas diferentes: Francisco Ferreira de Paula, da Paraíba (Copa de 1958 e, respectivamente, Copa de 1970); José Severo de Lima, da Paraíba (Copa de 1958); Alípio Bispo dos Santos, da Bahia (Copa de 1962); Palito (Severino Marques de Souza), de Pernambuco (Copa de 1970); Manuel D’Almeida Filho, de Sergipe (Copa de 1970), Minelvino Francisco Silva, da Bahia (Copa de 1970); José Maria Rodrigues, do Rio de Janeiro (Copa de 1978). Em um estudo recente, a historiadora britânica Courtney Campbell indica dois folhetos de autoria de José Gomes e, respectivamente, de Manuel D’Almeida Filho, publicados no contexto do Mundial de 1958, disputado na Suécia:

A maior parte da literatura de cordel com tema de futebol narra um torneio vitorioso da Copa do Mundo ou sua partida final. ‘O Brasil na Copa do Mundo’ e ‘A vitória do Brasil na VI Copa do Mundo’, por exemplo, relatam cada partida, elogiam os jogadores e o técnico e afirmam que a conquista do Brasil na Copa de 1958 foi uma das

<sup>4</sup> PROENÇA. *Futebol e palavra*, p. 9-51.

<sup>5</sup> PROENÇA. *Futebol e palavra*, p. 17.

maiores glórias do Brasil (Gomes, 1958; D'Almeida Filho, 1958). A rara menção de regiões evoca um sentimento de unidade nacional ao invés de divisão<sup>6</sup>.

Outro pesquisador que menciona a presença do futebol como tema em folhetos de cordel é Raymond Cantel, ao afirmar que “[o] futebol é o único esporte que chama a atenção dos poetas do ‘cordel’ e apenas em ocasiões especiais, quando a Seleção Brasileira vence o campeonato mundial, por exemplo, quando aparecem numerosos folhetos fazendo vibrar os acordes patrióticos”<sup>7</sup>. Segundo o pesquisador francês, “[g]eralmente, são composições medíocres inspiradas em jornais. O mundo dos poetas de cordel quase não tem relação direta com o das grandes equipes internacionais”<sup>8</sup>.

De maneira precisa, como pudemos observar anteriormente, o escritor e jornalista Ivan Cavalcanti Proença, membro da Academia Carioca de Letras, reflete sobre o impacto que as conquistas dos três primeiros campeonatos mundiais tiveram sobre os cordelistas, a ponto de se tornarem tema de seus folhetos. Quase quatro décadas mais tarde, de maneira semelhante, Courtney Campbell também analisa e tira suas conclusões sobre o modo como cordelistas se dedicaram a tratar das memoráveis conquistas da Seleção Brasileira em seus folhetos:

Em 1962 e 1970, ambos os anos em que o Brasil ganhou a Copa do Mundo, essa forma de cordel reaparece, mas outras características da nacionalidade brasileira começaram a surgir. W. Pinheiro, em um cordel que detalha cada partida da Copa do Mundo de 1970, explica que o Brasil deve servir de exemplo para o resto do mundo<sup>9</sup>.

<sup>6</sup> CAMPBELL. *The Northeast plays football, too: World Cup Soccer and regional identity in the Brazilian Northeast*, p. 735 (tradução nossa). No original: “Most football-themed cordel literature narrates a victorious World Cup tournament or its final match. ‘O Brasil na Copa do Mundo’ and ‘A vitória do Brasil na VI Copa do Mundo’, for example, relate each match, praise the players and the coach, and claim that Brazil’s 1958 World Cup win was one of Brazil’s greatest glories (Gomes, 1958; D’Almeida Filho, 1958). The rare mention of regions evokes a sense of national unity instead of divide.”

<sup>7</sup> CANTEL. *La literatura populaire brésilienne*, p. 73 (tradução nossa). No original: “Le football est le seul sport qui retienne l’attention des poètes du cordel et seulement dans les grandes occasions, quand l’équipe du Brésil remporte le championnat du monde, par exemple. Alors paraissent de nombreuses brochures qui font vibrer la corde patriotique.”

<sup>8</sup> CANTEL. *La literatura populaire brésilienne*, p. 73 (tradução nossa). No original: “Généralement ce sont des compositions médiocres inspirées par les journaux. Le monde des poètes du cordel n’a guère de rapports directs avec celui des grandes équipes internationales.”

<sup>9</sup> CAMPBELL. *The Northeast plays football, too: World Cup Soccer and regional identity in the Brazilian Northeast*, p. 736 (tradução nossa). No original: “In 1962 and 1970, both years in which Brazil won the

Aparentemente, estamos diante de uma possível chave de entrada do futebol no âmbito da produção artística de cordelistas, apontada tanto por Ivan Cavalcanti Proença, quanto por Raymond Cantel e, respectivamente, Courtney Campbell: os êxitos esportivos da Seleção Brasileira como um dos pilares para a construção da identidade nacional.

Por sua vez, de acordo com Maria Elisabeth de Albuquerque, o estudioso Manuel Diegues Junior adota a seguinte classificação temática da literatura de cordel: “temas tradicionais”, “fatos circunstanciais ou acontecidos” e “cantorias e pelejas”<sup>10</sup>. Para o presente estudo, dentro da classificação de “fatos circunstanciais ou acontecidos”, nos deparamos com aqueles que são “de repercussão social”, e que nos parecem adequados, pois encontraríamos cordéis que contemplam o tema do futebol nessa classificação, conforme a seguinte consideração da autora: “de repercussão social: festas, desportos, novelas, astronautas etc: são desastres e acidentes, crimes e tragédias, assuntos políticos e sociais, a chegada do homem à lua, o *tricampeonato de futebol*, o interesse pelas novelas de televisão”<sup>11</sup>.

Em geral, há certo consenso entre cordelistas e pesquisadores quanto às especificidades da literatura de cordel enquanto gênero literário de caráter popular. Como aponta o cordelista Anchieta Dantas, “[a] literatura de cordel chegou ao Brasil no século XVIII, através dos portugueses. Tem esse nome em razão da forma como eram vendidos na época: folhetos pendurados em cordões (tipo varal)”<sup>12</sup>. A origem da literatura de cordel no Brasil, com raízes lusitanas<sup>13</sup>, pode ser pensada também a partir de suas matrizes étnicas: primeiramente, os indígenas – autóctones; em seguida, os africanos trazidos e escravizados no Brasil; por fim, os colonizadores portugueses. Todos esses grupos apresentariam uma cultura baseada na oralidade, em que figuras centrais

*World Cup tournament, this form of cordel reappears, but other characteristics of Brazilian nationality began to surface. w. Pinheiro, in a cordel that details each match of the 1970 World Cup, explains that Brazil should serve as an example for the rest of the world.”*

<sup>10</sup> ALBUQUERQUE. *Literatura popular de cordel: dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica*, p. 63-64.

<sup>11</sup> ALBUQUERQUE. *Literatura popular de cordel: dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica*, p. 63 (grifos nossos).

<sup>12</sup> DANTAS. *Sobre a literatura de cordel*, p. 4.

<sup>13</sup> PROENÇA. *A ideologia do cordel*, p. 28.

desempenhariam o papel de mantenedores e divulgadores da tradição: os pajés indígenas; os griots africanos; os menestréis e cantadores lusitanos<sup>14</sup>, conforme aponta Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses, “num patrimônio vocal que carrega heranças europeias, africanas, indígenas e árabes, congregadas em uma grande família”<sup>15</sup>.

Em termos de designação, para Candace Slater, “[o] termo ‘cordel’ traz à mente o fio de longa e sinuosa tradição, que remonta à Idade Média, onde se apoiam essas estórias. Finalmente, poucas coisas são tão domésticas – ou tão úteis e fortes – quanto o barbante comum”<sup>16</sup>. Segundo Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses, há uma variação considerável de designações para o cordel: “as denominações variam segundo várias categorias, conforme o suporte (folheto, ‘foiето’, livro, folhinha, romance), tradição (folheto antigo), lugar (arrecifes, poesia da rua), editores (livro de Athayde), conteúdo (histórias de João Grilo), origem social (poesia de matuto) e assim por diante”<sup>17</sup>.

Boa parte do público brasileiro permanece apartada da literatura “tradicional”, conforme já ressaltava a pesquisadora Marlyse Meyer<sup>18</sup> nos anos 1980, quadro que parece não ter se alterado significativamente nos últimos quarenta anos. Mas este mesmo público tem acesso à literatura popular, oriunda da tradição oral dos cantadores. Há um predomínio de versificação nessa tradição literária, alimentada por cantorias, improvisos e desafios. A especificidade do cordel no Brasil se situaria justamente no fato de que houve uma passagem de poesia oral performática para a escrita, uma “escritura da voz”. Predominante no Nordeste brasileiro, a literatura de cordel apresenta, basicamente, dois tipos textuais: os “folhetos noticiosos” e os “romances”<sup>19</sup>. Além disso, de acordo com o escritor e cordelista Franklin Maxado<sup>20</sup>, em termos formais, “[os] folhetos são geralmente livretos de oito até dezesseis páginas e que tratam mais de fatos circunstanciais. Já os romances possuem trinta e duas

<sup>14</sup> MAXADO. *O que é literatura de cordel?*, p. 12-13.

<sup>15</sup> MENESES. *A literatura de cordel como patrimônio cultural*, p. 228.

<sup>16</sup> SLATER. *A vida no barbante: a literatura de cordel no Brasil*, p. XIV.

<sup>17</sup> MENESES. *A literatura de cordel como patrimônio cultural*, p. 228.

<sup>18</sup> MEYER. *Autores de cordel*, p. 3.

<sup>19</sup> MEYER. *Autores de cordel*, p. 3-4.

<sup>20</sup> MAXADO. *O que é literatura de cordel?*, p. 24.

páginas e tratam de enredos de bravuras, de amor, etc.” Entretanto, outros estudiosos, como Ivan Cavalcanti Proença<sup>21</sup> e Liêdo Maranhão de Souza<sup>22</sup>, apontam uma variação de oito a 64 páginas, sempre como múltiplos de oito, da dobradura das páginas.

A comercialização de folhetos de cordel é efetuada em feiras e locais de acesso popular. Trata-se de uma literatura para ser lida e ouvida, e o “folheteiro” usa de todas as técnicas para atrair o público e vender o seu produto<sup>23</sup>. Além disso, os folhetos contam com dois paratextos muito significativos: a xilogravura da capa e as informações da contracapa<sup>24</sup>. Para Ivan Cavalcanti Proença, um dos principais pesquisadores da literatura de cordel nos anos 1970, o cordel teria algo de errância: “A simplicidade e o cunho popular que acompanham o cordel já se evidenciavam desde o próprio nome: corda muito delgada, cordão, guita, barbante. E através também do gênero tipicamente ‘volante’ com que se identificaria sua errância”<sup>25</sup>.

A literatura de cordel apresentaria algumas características básicas, entre elas, o fato de serem textos em verso e com estrofação em número variável – “as mais correntes são a parcela, a quadra, a sextilha, a setilha, as oitavas, as décimas”<sup>26</sup> –, além da quantidade de páginas e do tipo de papel empregado, sendo que apenas a capa seria impressa em papel colorido. Os traços formais característicos da poesia de cordel seriam a “sextilha” (estrofe de seis versos) e a “redondilha” (versos de cinco ou sete sílabas, definidas, respectivamente, como “redondilha menor” e “redondilha maior”)<sup>27</sup>.

Conforme se pretende demonstrar com este estudo, se a literatura de cordel se origina de relatos orais com traços poéticos, em que “o folheto impresso se tornou o suporte dessa forma poética até então marcada pela oralidade”, se formando “enquanto sistema literário a

<sup>21</sup> PROENÇA. *A ideologia do cordel*, p. 20.

<sup>22</sup> SOUZA. *Classificação popular da literatura de cordel*: em texto integral de 23 folhetos, p. 13.

<sup>23</sup> MAXADO. *O que é literatura de cordel?*, p. 44.

<sup>24</sup> MEYER. *Autores de cordel*, p. 4.

<sup>25</sup> PROENÇA. *A ideologia do cordel*, p. 17-18.

<sup>26</sup> MENESES. *A literatura de cordel como patrimônio cultural*, p. 231.

<sup>27</sup> BRITO. *Patativa do Assaré*, p. 54-55.

partir do final do século XIX<sup>28</sup>, tornando-se uma forma literária popular no Brasil, o futebol, um dos vértices da cultura brasileira, fornece à literatura de cordel inúmeros temas, cantados pelos cordelistas em seus longos poemas rimados.

Para este breve estudo, baseados nos apontamentos anteriores, elegemos como *corpus* de análise três cordéis que têm por tema Copas do Mundo de futebol, com objetivo de evidenciarmos aspectos específicos de tal relação: “Copa do Mundo: 1962 – os reis do Bi”, de Raul de Carvalho; “Manual da Copa 2006”, de J. Victor; “Brasil rumo ao Hexa – África do Sul 2010”, de José Berto da Silva Filho.

### **O folheto “Copa do Mundo: 1962 – os reis do Bi”**

Iniciaremos nossa análise pelo folheto “Copa do Mundo: 1962 – os Reis do Bi”, do cordelista Raul de Carvalho, uma espécie de ode à Seleção Brasileira que conquistou o bicampeonato mundial de futebol no Chile. Em termos formais, esse folheto é composto por 95 estrofes formadas por sextilhas, com versificação em redondilha maior, de sete sílabas poéticas, traços característicos da literatura de cordel. O poeta enaltece em seus versos mais uma conquista da Seleção Brasileira:

No ano cinquenta e oito  
o Brasil foi “Campeão”  
jogaram lá na Suécia  
com o (mesmo) no coração  
este ano lá no Chile  
ganharam o Bi-Campeão<sup>29</sup>.

Seus versos revelam também que o poeta associa o desempenho da Seleção Brasileira ao sentimento de identidade nacional, algo que, de fato, se estabeleceu em termos de representatividade esportiva e que se consolidou com a conquista do tricampeonato no México, em 1970, mas que já se evidenciava no folheto do início da década de 1960:

<sup>28</sup> MELO. *Do rapa ao registro*: a literatura de cordel como patrimônio cultural do Brasil, p. 247-248.

<sup>29</sup> CARVALHO. *Copa do Mundo: 1962 – Os Reis do Bi*, p. 1.

O Brasil tem uma equipe  
que luta com heroísmo  
sabendo se conduzir  
pelo seu patriotismo  
demonstrando disciplina  
categoria e civismo<sup>30</sup>.

E o poeta não deixa de destacar em seus versos também sua cor de camisa característica, idealizada por Aldyr Garcia Schlee em 1953, que a tornaria famosa mundo afora:

A equipe do Brasil  
conhecida por Canarinho  
lutou e ganhou o título  
que estava em seu caminho  
de volta foi recebida  
com muito amôr e carinho<sup>31</sup>.

Cabe ressaltar que foi o primeiro título conquistado pela Seleção jogando na final com a camisa “canarinho”, uma vez que, em 1958, os anfitriões suecos também jogavam com camisa amarela, o que gerou a necessidade de lançar mão da camisa azul na final. No referido folheto, o poeta também expressa em seus versos seu desejo de fazer jus ao desempenho da Seleção na Copa do Chile, contando a saga que a levou a mais uma conquista mundial:

Falando sôbre o Brasil  
eu quero então relatar  
bem minuciosamente  
sem cousa alguma aumentar  
como portou-se este team  
e como soube lutar<sup>32</sup>

Cada jogador daquela Seleção foi agraciado pelos versos do poeta: o goleiro Gilmar, Mauro, Nilton Santos, Zózimo, Zito, Didi, Garrincha,

<sup>30</sup> CARVALHO. *Copa do Mundo: 1962 – Os Reis do Bi*, p. 2.

<sup>31</sup> CARVALHO. *Copa do Mundo: 1962 – Os Reis do Bi*, p. 2.

<sup>32</sup> CARVALHO. *Copa do Mundo: 1962 – Os Reis do Bi*, p. 3.

Vavá, Amarildo, que substituiu Pelé lesionado após a primeira partida, e Zagallo. Mas é Garrincha aquele que se sobressai em seus versos:

Garrincha é o maior  
de todos os mundiais  
envolveu todas as defesas  
com seus "DRIBLES" infernais  
deixando desnorteados  
de um a um seus rivais<sup>33</sup>.

O folheto de Raul de Carvalho, portanto, se enquadra no eixo temático "acontecimento de repercussão social", conforme classificação proposta por Maria Elisabeth de Albuquerque<sup>34</sup>. Em termos formais, também apresenta traços característicos do gênero, com versos em redondilha maior e sextilhas na estrofação, e se constitui como "folheto noticioso", cujo traço é ser composto de oito páginas, de acordo com Marlyse Meyer<sup>35</sup>.

## **O "Manual da Copa 2006"**

O segundo folheto de cordel selecionado para análise é de autoria de J. Victor, cordelista, gravurista, ilustrador e fotógrafo, intitulado "Manual da Copa 2006", publicado no contexto da Copa do Mundo da Alemanha. A Seleção Brasileira havia se sagrado pentacampeã mundial na Copa da Coréia e do Japão em 2002, e havia grande expectativa de que o Hexa fosse conquistado em gramados alemães.

Mais uma vez, estamos diante de um folheto que se enquadra no eixo temático "acontecimento de repercussão social", de acordo com classificação proposta por Maria Elisabeth de Albuquerque<sup>36</sup>. Em termos formais, o "Manual da Copa 2006" é composto por 32 estrofes de seis versos (sextetos), num total de 192 versos. Na sua maioria, predominam rimas cruzadas (nos versos pares), e os versos se constituem como redondilha maior, ou seja, de sete sílabas poéticas. O tema central desse folheto de cordel, como o título já indica, é a proposta de um "manual"

<sup>33</sup> CARVALHO. *Copa do Mundo: 1962 – Os Reis do Bi*, p. 19.

<sup>34</sup> ALBUQUERQUE. *Literatura popular de cordel: dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica*, p. 63.

<sup>35</sup> MEYER. *Autores de cordel*, p. 3.

<sup>36</sup> ALBUQUERQUE. *Literatura popular de cordel: dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica*, p. 63.

da Copa em versos, indicando as cidades-sede e também os Grupos que constituíram o torneio. Na estrofe a seguir, o eu-lírico saúda o torcedor que, distante, acompanhará a Seleção pelas transmissões de TV:

Salve, salve, minha gente!  
Esse ano vai ter Copa!  
Prepare a televisão,  
a bacia com pipoca,  
cervejinha bem gelada  
igual traseiro de foca<sup>37</sup>.

Não faltam, pois, a bebida preferida em ocasiões como essas, e nem a pipoca, para aqueles que torceram pela Seleção canarinho sentados no sofá. O eu-lírico, pautado pelo *ethos* do torcedor, constrói imagens estereotipadas de algumas nações e de seus habitantes, e faz uso de metáforas (como as da guerra e da morte), evidenciadas na seguinte estrofe:

Vamos saber as cidades  
onde serão as batalhas  
entre nações preparadas,  
vestidas em suas malhas.  
Os que saírem primeiro  
coloquem suas mortalhas<sup>38</sup>.

Além disso, nesse folheto de cordel, o eu-lírico critica o contexto político brasileiro, a equipe técnica da Seleção (liderada por Parreira e Zagallo) e o jogador Ronaldo Fenômeno, mas enaltece outros (entre eles, Dida, Ronaldinho Gaúcho, Robinho, Adriano e Kaká):

Dida, mantenha a calma,  
bote a zebra pra lá,  
bata o tiro de meta  
Pro Adriano ou Kaká,  
Pra deslocar o goleiro,  
Chutar no canto de cá<sup>39</sup>.

<sup>37</sup> VICTTOR. *Manual da Copa 2006*.

<sup>38</sup> VICTTOR. *Manual da Copa 2006*.

<sup>39</sup> VICTTOR. *Manual da Copa 2006*.

Na última estrofe, o eu-lírico conclama a Seleção ao Hexa, algo que, posteriormente, se repetiu também nas edições seguintes da Copa do Mundo, incluindo a Copa do Qatar, em dezembro de 2022:

Vamos pra cima Brasil,  
Me encha de emoção,  
Chacoalhe com muita força  
O meu feliz coração  
Que eu preparo a garganta  
Para gritar: Campeão!!!<sup>40</sup>

Trata-se, pois, de mais um “folheto noticioso”<sup>41</sup>, composto de oito páginas, que expressa a expectativa do torcedor à espera de um novo título para o Brasil.

### **O folheto “Brasil rumo ao Hexa – África do Sul 2010”**

O terceiro folheto de cordel selecionado para análise é “Brasil rumo ao Hexa – África do Sul 2010”, do cordelista José Berto da Silva Filho, escrito, justamente, em 2010, no contexto da preparação da Seleção Brasileira para a Copa do Mundo na África do Sul. Em termos formais, o folheto é composto por 27 estrofes de seis versos, num total de 162 versos. Na sua maioria, predominam rimas cruzadas, e os versos se constituem como redondilha maior, com sete sílabas poéticas, métrica típica de folhetos de cordel. O folheto não possui contracapa, mas sim uma última folha em que constam os seguintes dizeres em caixa alta: “LEIA LITERATURA DE CORDEL/ ASSIM VOCÊ ESTÁ/ CONTRIBUINDO COM A NOSSA/ CULTURA POPULAR”<sup>42</sup>.

O tema central do poema, como o título já indica, é a busca da Seleção Brasileira pelo Hexacampeonato na Copa do Mundo da África do Sul, em 2010, busca essa, aliás, que permanece ainda em nossos dias, após as disputas dos Mundiais de 2010, 2014, 2018 e 2022.

Inicialmente, pautado pela imagem do torcedor, o eu-lírico constrói a imagem do futebol brasileiro como fruto de uma história de conquistas. O técnico Dunga é destacado no folheto como aquele que já havia

<sup>40</sup> VICTTOR. *Manual da Copa 2006*.

<sup>41</sup> MEYER. *Autores de cordel*, p. 3.

<sup>42</sup> SILVA FILHO. *Brasil rumo ao Hexa – África do Sul 2010*.

triunfado como jogador, ao sagrar-se campeão mundial em 1994, nos Estados Unidos, como capitão da Seleção:

O Brasil em noventa e quatro  
Teve um grande jogador  
Foi capitão da equipe  
E quem primeiro levantou  
A taça bem desejada  
Que o Brasil conquistou

Hoje esse ex capitão  
É técnico da Seleção  
É dunga num apelido  
É Dunga na decisão  
Só falta ganhar a Copa  
Pra sua consagração<sup>43</sup>.

Em “Brasil rumo ao Hexa”, o eu-lírico enaltece o significado do futebol para o Brasil, com tantas conquistas, atribuindo também ao jogador brasileiro o dom de ensinar a arte de jogar futebol a estrangeiros mundo afora:

No mundo do futebol,  
O Brasil é o primeiro,  
Em toda parte do mundo  
Tem jogador brasileiro  
Ensinando futebol  
Aos países estrangeiros<sup>44</sup>.

Além disso, o jogador brasileiro é apresentado em toda a sua habilidade, ressaltando o mito do “futebol-arte”, narrativa que, por décadas, reveste de significado o futebol brasileiro e também a Seleção:

O jogador brasileiro  
Tem muita habilidade

<sup>43</sup> SILVA FILHO. *Brasil rumo ao Hexa* – África do Sul 2010, p. 2.

<sup>44</sup> SILVA FILHO. *Brasil rumo ao Hexa* – África do Sul 2010, p. 4.

Principalmente na Copa  
Porque joga com vontade  
E quando menos se espera  
Chega a criatividade.

[...]

A capacidade junta  
A inteligência unida  
Farão com que o Brasil  
Mostre pra sua torcida  
Um futebol de primeira  
Bonito e cheio de vida<sup>45</sup>.

No folheto em questão, também ecoa certo tom de “corrente p’ra frente”, de cunho ufanista, algo presenciado também no contexto da Copa de 1970 no México, conforme revelam os seguintes versos:

Vamos fazer a corrente  
Unidos sem reclamar  
Da força para o Brasil  
Essa Copa conquistar  
E mostrar pra todo mundo  
Como se deve jogar<sup>46</sup>.

São, portanto, versos de um poeta torcedor que, em 2010, via com otimismo a campanha da Seleção rumo ao Hexa:

Aqui termino meus versos  
Com toda dedicação  
Fazendo grande elogio  
Para nossa seleção  
Iremos fazer a festa  
De um Hexa Campeão<sup>47</sup>

Portanto, nesse “folheto noticioso”<sup>48</sup> repete-se o mesmo gesto veiculado no folheto “Manual da Copa de 2006”: da espera ansiosa

<sup>45</sup> SILVA FILHO. *Brasil rumo ao Hexa – África do Sul 2010*, p. 5-6.

<sup>46</sup> SILVA FILHO. *Brasil rumo ao Hexa – África do Sul 2010*, p. 4.

<sup>47</sup> SILVA FILHO. *Brasil rumo ao Hexa – África do Sul 2010*, p. 9.

<sup>48</sup> MEYER. *Autores de cordel*, p. 3.

por uma nova conquista, que projete ainda mais o Brasil e a Seleção no cenário esportivo mundial. Enquanto “acontecimento de repercussão social”<sup>49</sup> que desperta o interesse do cordelista, todo megaevento esportivo possui esse potencial de projeção.

## **As Copas do Mundo de futebol na Literatura de Cordel – à guisa de conclusão**

Nosso estudo visou à contribuição para o debate, no campo da Teoria Literária, sobre a significativa presença temática do futebol no âmbito da literatura de cordel. No dia 19 de setembro de 2018, a Literatura de Cordel foi reconhecida como Patrimônio Imaterial Cultural Brasileiro, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Tal reconhecimento atesta a relevância da chamada “poesia popular”<sup>50</sup> para a cultura brasileira. Fundada em 7 de setembro de 1988, a Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), com sede no bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, tem contribuído para manter viva a memória e produção dessa manifestação cultural típica da região Nordeste, mas que também se expandiu para outros centros urbanos do país. Contando com um acervo de mais de treze mil títulos, a ABLC, sem dúvida, é uma excelente referência para pesquisas sobre a Literatura de Cordel.

Quanto aos três folhetos de cordel, que compuseram nosso *corpus* de análise, pudemos constatar que todos se enquadram no eixo temático “acontecimento de repercussão social”<sup>51</sup> e se configuram como “folheto noticioso”<sup>52</sup>, composto por oito páginas, além de, em termos formais, apresentarem também estrofação em sextilhas, versificação em redondilha maior, e rimas cruzadas (com estrutura a-b-c-b-d-b), típicas desse gênero literário.

Em relação ao modo de apresentar a Seleção Brasileira em três momentos distintos – 1962, 2006 e, respectivamente, 2010, há uma ligeira diferença entre o primeiro folheto e os demais: se, em 1962, o cordelista enaltece o desempenho vitorioso da Seleção, após terminado o torneio, em

<sup>49</sup> ALBUQUERQUE. *Literatura popular de cordel: dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica*, p. 63.

<sup>50</sup> PROENÇA. *A ideologia do cordel*, p. 28.

<sup>51</sup> ALBUQUERQUE. *Literatura popular de cordel: dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica*, p. 63.

<sup>52</sup> MEYER. *Autores de cordel*, p. 3.

2006 e 2010, o olhar dos cordelistas é para o que ocorreria naqueles mundiais, na esperança de que o sexto título fosse conquistado para o Brasil. Todos eles, porém, demonstram que, sem dúvida, as artes do futebol e do cordel se encontram nesse rico manancial da poesia e da cultura popular brasileira.

## Referências bibliográficas

ABLC "Academia Brasileira de Literatura de Cordel". Belo Horizonte, 2024. Disponível em: <http://www.ablc.com.br>. Acesso em 22 fev. 2024.

ALBUQUERQUE, Maria Elisabeth Baltar Carneiro de. *Literatura Popular de Cordel: dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

BRITO, Antonio Iraildo Alves de. *Patativa do Assaré: porta-voz de um povo: as marcas do sagrado em sua obra*. São Paulo: Paulus, 2010.

CAMPBELL, Courtney. The Northeast plays football, too: World Cup Soccer and regional identity in the Brazilian Northeast. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 32, n. 68, p. 720-743, Set./Dez. 2019. Disponível em: <https://orcid.org/0000-0001-6918-6382> . Acesso em: 15 jun. 2022.

CANTEL, Raymond. *La littérature populaire brésilienne*. Poitiers: Centre de Recherches Latino-Américaines, 1993.

CARVALHO, Raul de. *Copa do Mundo: 1962 – Os Reis do Bi*. Nova Cruz, RN: Lux, 1962. Disponível em: <https://acesse.one/G6ASM>. Acesso em: 30 mar. 2023.

DANTAS, Anchieta. Sobre a literatura de cordel. In: DANTAS, Anchieta. *Seu Lunga – O campeão de mau humor*. São Paulo: Clío Editora, 2013. p. 4.

IPHAN. *Literatura de Cordel – Dossiê de Registro*. Brasília, DF: IPHAN, 2018. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie\\_Descriptivo\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Descriptivo(1).pdf). Acesso em: 15 jun. 2022.

MAXADO, Franklin. *O que é literatura de cordel?* Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

MELO, Rosilene Alves de. Do rapa ao registro: a literatura de cordel como patrimônio cultural do Brasil. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. Dossiê: Cordel e patrimônio. São Paulo, n. 72, p. 245-261, Abr. 2019. Disponível em: <https://l1nq.com/LQt0h>. Acesso em: 30 jun. 2022.

MELO, Rosilene Alves de. Literatura de Cordel: conceitos, intelectuais, arquivos. *Projeto História*. São Paulo, v. 65, p. 66-99, Maio/Ago. 2019. Disponível em: <https://encr.pw/52gwR>. Acesso em: 15 jun. 2022.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A literatura de cordel como patrimônio cultural. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. Dossiê: Cordel e patrimônio. São Paulo, n. 72, p. 225-244, Abr. 2019. Disponível em: <https://encr.pw/a7UGh>. Acesso em: 30 jun. 2022.

MEYER, Marlyse. *Autores de cordel*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *A ideologia do cordel*. Rio de Janeiro: Imago, Brasília: INL, 1976.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *Futebol e palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

SILVA FILHO, José Berto da. *Brasil rumo ao Hexa – África do Sul 2010*. Abreu e Lima/PE: edição do autor, 2010.

SLATER, Candace. *A vida no barbante: a literatura de cordel no Brasil*. Tradução de Octacílio Alves Velho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984. (Título original: *Stories on a String: The Brazilian Literatura de Cordel*; 1982)

SOUZA, Liêdo Maranhão de. *Classificação popular da literatura de cordel: em texto integral de 23 folhetos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976.

VICTTOR, J. *Manual da Copa 2006*. Acervo Digital da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), 2006. Disponível em: <https://l1nq.com/f4eTj>. Acesso em: 22 jun. 2022.

## Sobre os autores

**André Alexandre Guimarães Couto** é professor e pesquisador do Cefet/RJ (Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca); doutor em História pela UFPR; pesquisador do SPORT – Laboratório de História do Esporte e do Lazer, da UFRJ; com trabalhos publicados em história do esporte, história da comunicação e história da imprensa esportiva.

**Elcio Loureiro Cornelsen** é professor titular da Faculdade de Letras da UFMG, atuando nas áreas de Língua e Literatura Alemã (Graduação) e de Teoria da Literatura e Literatura Comparada (Pós-Graduação), junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários. Atua também na área de Estudos do Lazer (Pós-Graduação), junto ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL), da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, da UFMG. Doutor em Estudos Germanísticos pela Freie Universität Berlin, na Alemanha. Foi um dos fundadores e coordenou o Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes (FULIA) entre 2010 a 2022. É bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPQ. Entre outras obras, organizou *Na literatura, o futebol*.

**Felipe Emanuel da Silva Costa** é historiador formado pelo UNIBH. Graduando em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais. Membro do grupo de pesquisa FULIA – Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagens e Artes (Fale/UFMG). Pesquisador de iniciação científica no âmbito da relação entre literatura e futebol, atuando com o tema “Roberto Drummond e o trauma de 1977: memória e identidade no torcedor do Clube Atlético Mineiro”. Indicado como pesquisador finalista do concurso “Eu Faço IC, e você?” na Universidade Federal de Minas Gerais, em 2023.

**Késsia Luíza dos Santos Silva** cursa Licenciatura em Letras – Português, na Faculdade de Letras (Fale), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e encontra-se no 9º período letivo.

**Luiz Carlos Ribeiro de Sant’ana** é coordenador de pesquisa do Centro de Memória da Fundação de Apoio à Escola Técnica (CEMEF-FAETEC) e professor de história da Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch. É mestre em História Social (UFRJ) e Ensino de História (PUC) e doutor em História Comparada (UFRJ), tendo cursado período no INEF-UPM (Universidade Politécnica de Madri), com bolsa sanduíche. É pesquisador vinculado a

grupos do CNPQ, com produção acadêmica em história e cinema, história do esporte e história da educação.

**Lyara Rhayane Carneiro Teodoro** é bacharelanda em Estudos Linguísticos - Linguística Teórica e Descritiva, na Faculdade de Letras da UFMG, encontrando-se no 6º período letivo. Participou do Concurso Nacional de Novos Poetas, onde foi classificada para estar na antologia que seria lançada com os melhores poemas, e publicou dois poemas no livro *Valseando Palavras*. Atualmente, desenvolve pesquisa de iniciação científica sobre “O item -mente nas línguas românicas – as ocorrências dos advérbios terminados em -mente no Português Aljamiado”.

**Marcel Vejmelka** é professor do Departamento de Espanhol e Português na Faculdade 06 “Tradução, Linguística e Estudos Culturais” (FTSK), da Universidade Johannes Gutenberg de Mainz, em Gernersheim, Alemanha. Doutor em Estudos Latino-americanos/Brasileiros – Freie Universität Berlin (2004). Tem experiência na área de literatura, cultura e tradução, com ênfase em Literatura Brasileira e Hispano-americana, atuando principalmente nos seguintes temas: Tradução Literária, Literatura brasileira e Hispano-americana, mais recentemente está explorando tópicos da cultura popular (futebol, música e HQ).

**Mateus Filipe Guimarães Santos** cursa Bacharelado em Ciências Socioambientais, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e encontra-se no 8º período letivo. Atualmente desenvolve a pesquisa de monografia intitulada “Os impactos socioambientais de grandes construções em Belo Horizonte: A construção da Arena MRV e suas problemáticas ambientais”. É jornalista, colunista esportivo e *social media nos portais: Mercado do Futebol, Versus, Na Beira do Campo, Central do Galo e Canal Bica Galo*.

**Rebeca Pereira Cardoso** cursa Licenciatura em Letras – Português, na Faculdade de Letras (Fale), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e encontra-se no 7º período letivo.

**Vinicius Garzon Tonet** é mestre em História pela UFMG, instituição pela qual realiza o seu doutoramento atualmente. Em sua dissertação, analisou o clássico de Mario Filho, *O negro no futebol brasileiro*, inserindo o livro em debates intelectuais de seu tempo e mapeando as formas de sua recepção crítica. Além disso, possui reflexões sobre Lima Barreto e sua relação com

o esporte e o racismo no Brasil, e sobre Tomás Mazzoni e a forma com que o pensamento autoritário se vinculava à organização do futebol no país. Foi pesquisador do Projeto República (UFMG), participa do grupo de estudos FULIA (UFMG) e escreve textos para o portal virtual *Ludopédio*.



## **Publicações Viva Voz**

### ***Brasilidades que vêm da África***

Sônia Queiroz (org.)

### ***Vissungos no Rosário: cantos da tradição banto em Minas Gerais***

Sônia Queiroz (org.)

### ***Vissungos: cantos afro-descendentes em Minas Gerais***

Neide Freitas Sampaio (org.)

Sônia Queiroz (org.)

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis em versão eletrônica no *site*: [www.labele-letras-ufmg.com.br](http://www.labele-letras-ufmg.com.br)

C761

As copas do mundo de futebol na literatura, na música e no cinema /  
organizadores: Elcio Loureiro Cornelsen, Marcel Vejmelka. – Belo  
Horizonte : Faculdade de Letras da UFMG, 2024.  
142 p. il., fots., grats., p&b. – (viva voz)

Vários autores.

Inclui referências.

ISBN: 978-65-87237-89-3 (digital)

ISBN: 978-65-87237-88-6 (impresso)

1. Futebol na literatura. 2. Futebol no cinema. 3. Futebol na música.  
4. Futebol – Brasil – História. 5. Copra do Mundo (Futebol). I.  
Cornelsen, Elcio Loureiro. II. Vejmelka, Marcel. III. Universidade  
Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. IV. Título. V. Série.

CDD : 796.3340981

As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da Fale/UFMG, constituído por estudantes de Letras - bolsistas e voluntários - supervisionados por docentes da área de Edição.

A presente edição foi impressa pela Imprensa Universitária UFMG em sistema digital, papel pólen natural 80 g/m<sup>2</sup> (miolo). Composta em caracteres Verdana, acabamento em kraft 420 g/m<sup>2</sup> (capa) e costura artesanal com cordão encerado.

